REVISTA DA SEMANA

NESTE NÚMERO:

A BATALHA CIVIL DOS MILITARES

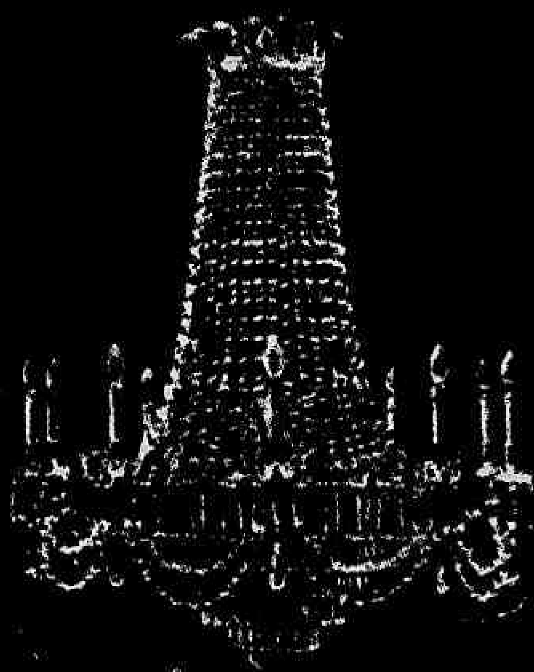
ONDE ESTACIONAR 120.000 VEÍCULOS?

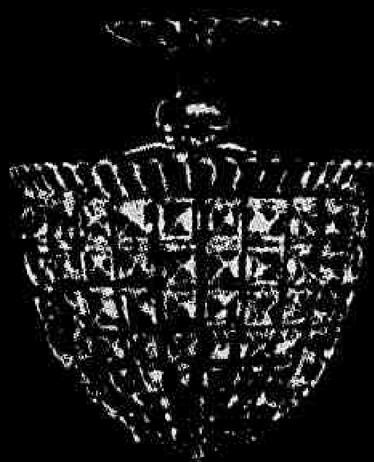


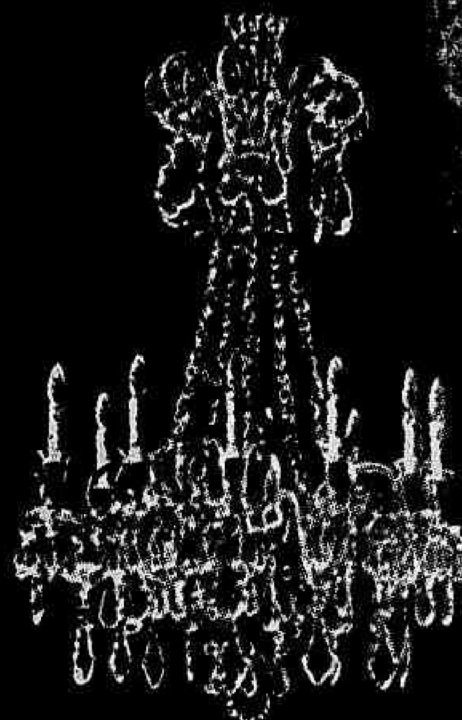
145

A MAIOR EXPOSIÇÃO DO BRASIL EM LUSTRES FINOS, IMPORTADOS DIRETAMENTE DAS MELHORES FABRICAS DA EUROPA.

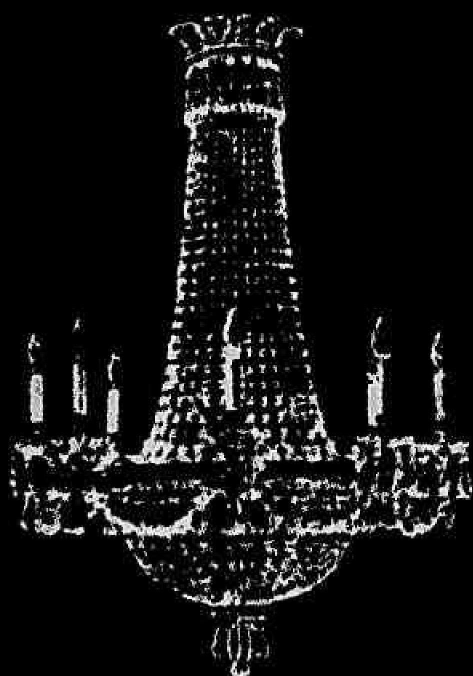
LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA E FRANCESES EM AUTENTICOS ESTILOS MARIA TEREZA, ISABELINO, CLASSICO, IMPERIO, VERSALLES E MODERNO, E TAMBEM EM BRONZE ARTISTICAMENTE TRABALHADOS.



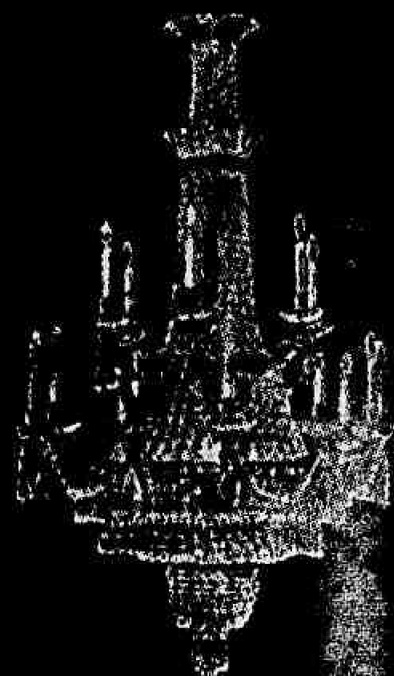




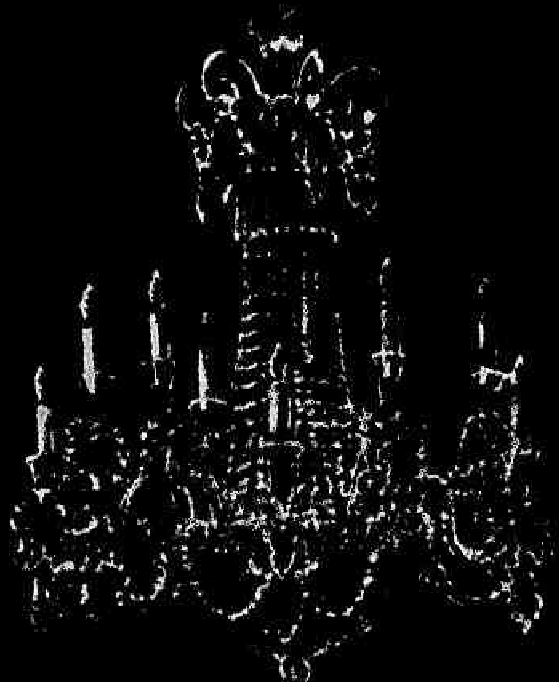
Especialidades em grandes lustres sob encomenda para finas residencias, Igrejas, Hoteis, Bancos, Cinemas, etc. — Colocação gratuita por pessoal especializado.



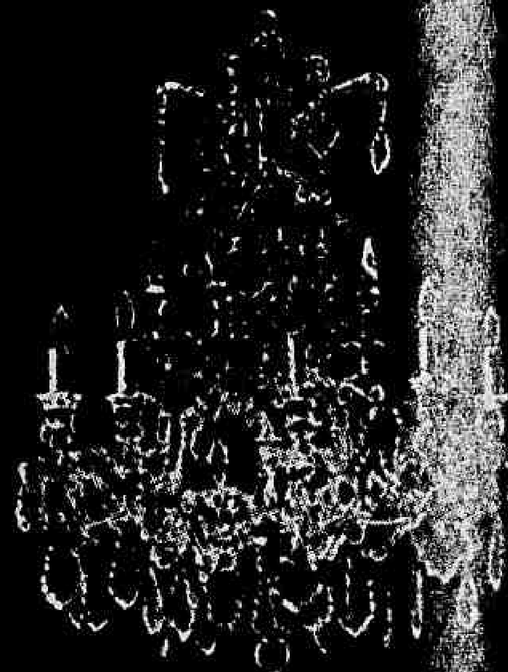




ARTISTAS DECORADORES PARA ORIENTAÇÃO NA ILUMINAÇÃO DE SUA RESIDENCIA







LUSTRES

MASUET

EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. BRASIL, 216 — FONE: 8-2958

S. PAULO

ETCHEGOYEN VENCEU



SEGUE

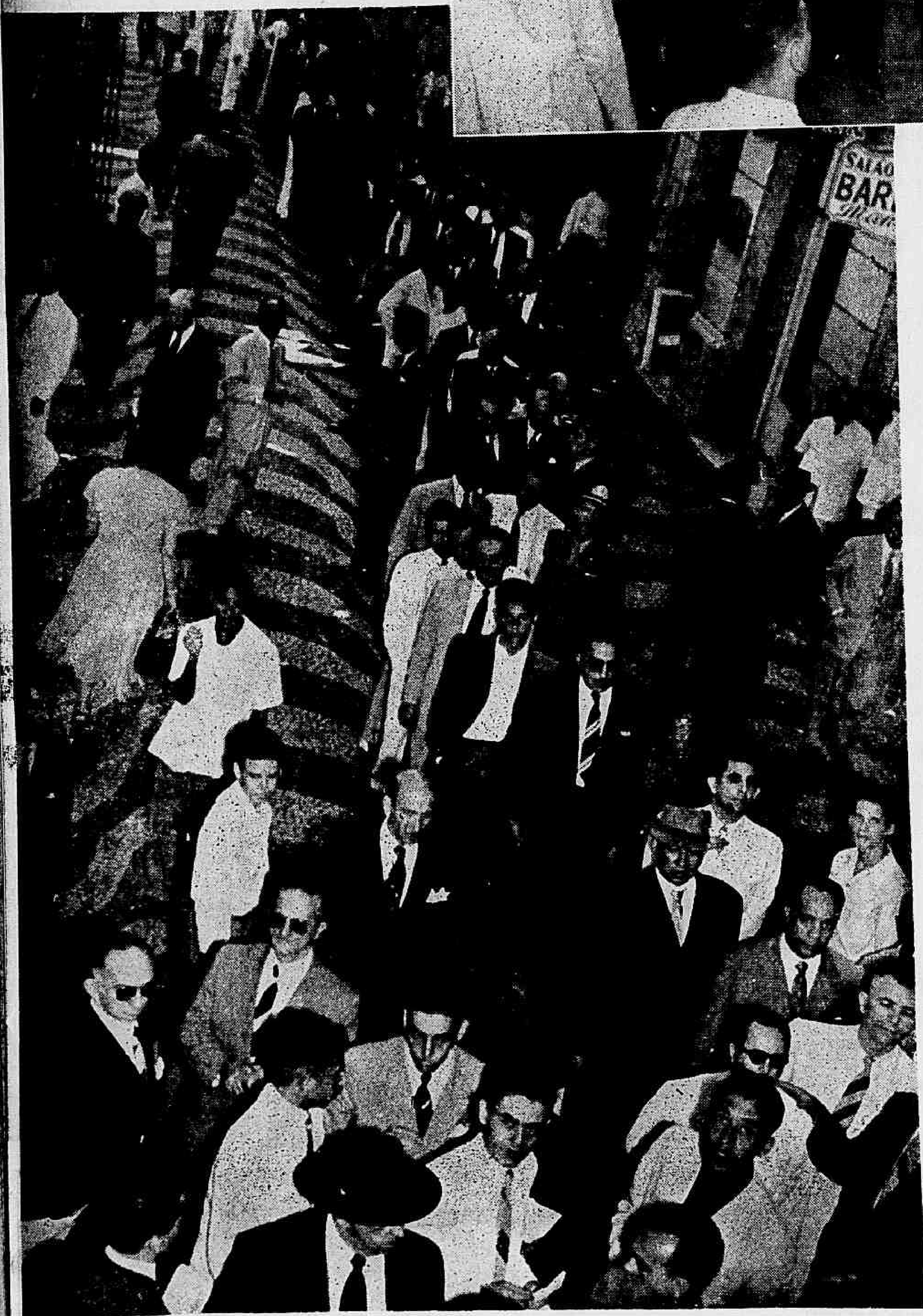
A batalha civil dos militares

Texto de LEONEL C. FERREIRA ★ Fotos de ALBERTO FERREIRA

A batalha civil dos militares



O SAGUÃO do Clube Militar estêve sempre cheio até o fim dos trabalhos. E a ordem em nenhum momento deixou de ser pronta e perfeita



VINHA o Brasil acompanhando, com indisfarçável apreensão, os últimos acontecimentos do Clube Militar. Aquela importante entidade de grandes tradições de civismo, parecia ser o alvo da intranqüilidade, que se refletia na consciência nacional. E' que no seu seio, duas alas divergentes haviam lançado raizes bem profundas. Conseqüência da atual crise mundial, essa inquietude militar punha em sobressalto a Nação. Mais do que tudo isso era a orientação do Clube, uma afirmativa contrária à nossa formação.



Segurança de nossas instituições, tem sido o Exército o esteio de nossa soberania. Daí o temor que há vinha pertubando a nossa serenidade. Negros presságios pareciam pairar no ar. Tinha-se a impressão que o choque das idéias se transformaria numa lamentável colisão de resultados funestos para o Brasil. Os boatos aumentavam essa nevrose nacional. E o povo vivia preocupado com a iminência das eleições do Clube Militar.



Mas a situação foi resolvida de uma maneira digna, atestando o elevado nível de cultura e de patriotismo das nossas Fôrças Armadas. Realizou-se o pleito eleitoral, dentro de um espírito de verdadeira compreensão democrática. Os soldados de Caxias, mais uma vêz deram à Pátria uma lição estupenda de amor no seu destino de Nação soberana. E volatizaram-se as negras apreensões... Venceu, num pleito limpo e honrado, a consciência do soldado brasileiro. Pode o Brasil ficar tranquilo. O seu Exército está coêso e forte. O livre pensar da oficialidade em geral abriu dois campos de idéias diversas, porém há um ponto de contacto: a grandeza do Brasil, dentro de sua unidade.

NO DIA do pleito, logo cêdo, a fila de votantes se estendeu pela rua Santa Luzia. O ambiente era todo civil, como mostra a foto

Foi um fato inédito essa última competição eleitoral do Clube Militar. Dos 16.000 sócios do Clube votaram (inclusive em branco) 14.857. Con abstenção apenas de 1.143. A chapa Alcides Etchegoen — Nelson de Melo, da Cruzada Democrática. A chapa Estilac Leal — Horta Barbosa, da Cruzada Nacionalista. A proclamação da chapa democrática obteve a concludente consagração de 8.288 sôbre 4.489. A diferença em favor da Cruzada Democrática foi de 3.799 votos. O General de Brigada Alcides Gonçalves Etchegoen, é o presidente eleito do Clube Militar.

★

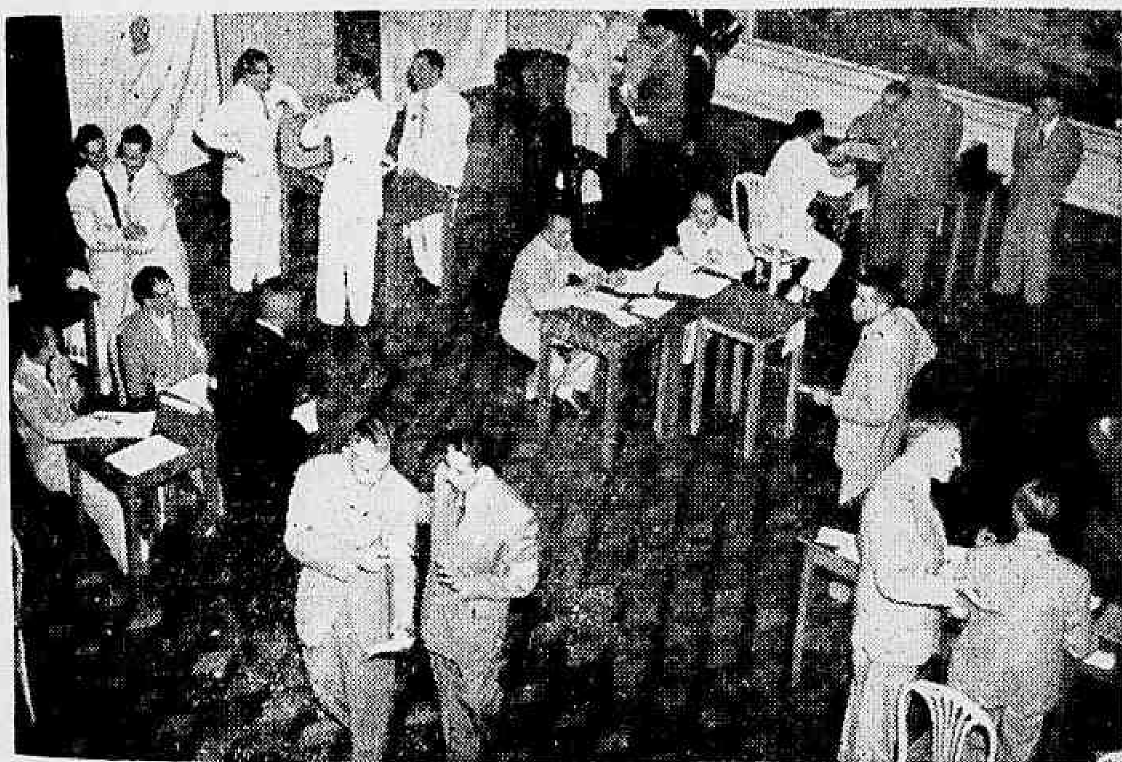
"Não estendemos, agora, as nossas mãos eventuais adversários, exatamente porque, de há muito, não só elas assim o estavam, como também nossos corações e idéias", declarou o general Etchegoen, logo após o resultado das urnas. Leva, portanto, aquêle ilustre militar para direção de seus camaradas de farda, indistintamente, o seu abraço amigo. O general Estilac Leal felicitou ao competidor vitorioso, dirigindo-lhe o seguinte telegrama:

"Apresento ao caro amigo e aos seus honrados companheiros de chapa minhas felicitações pela vitória obtida no pleito do Clube

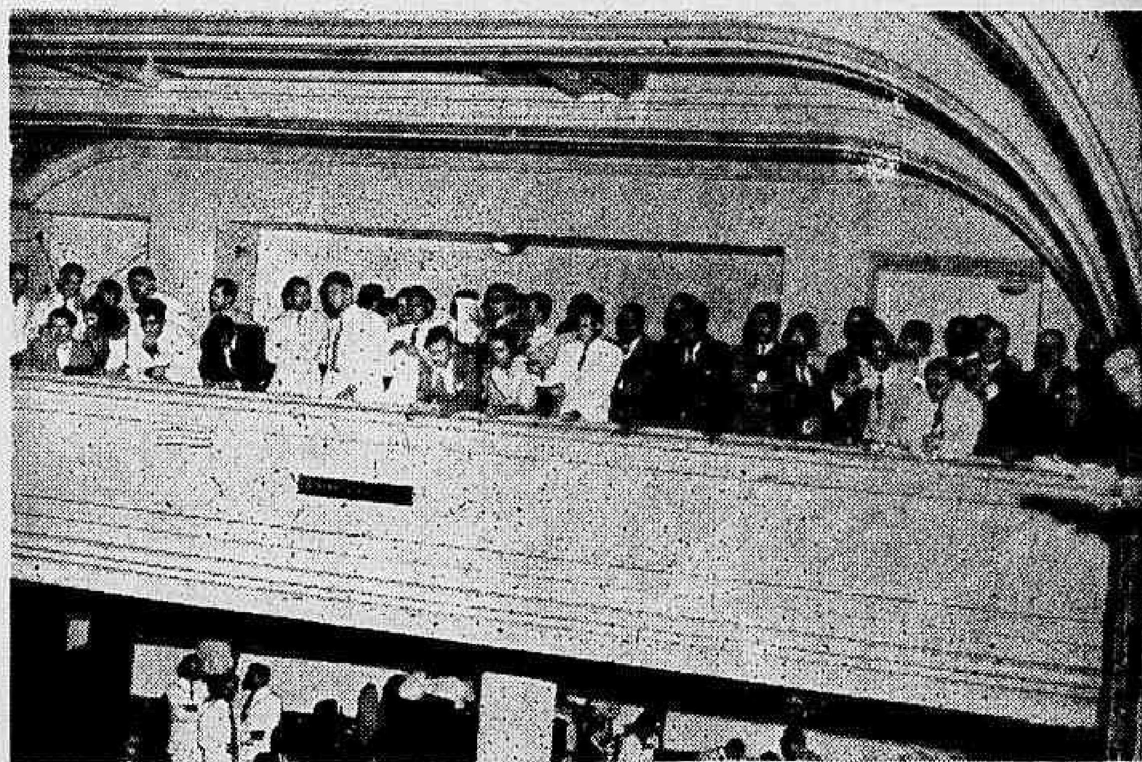
(Continua na pág. 44)



O CORONEL Ataíde de Queiroz se encontra cordialmente com o General Estilac Leal. Mas o aperto de mão é para outro



A SALA de votação era um lugar proibido para os que não estivessem votando. Mas, num relance, é esta foto, do alto



SACADA INTERNA do Clube Militar cheia de sócios em espectativa, olhando a votação; trabalho lento, sem dúvida...



ESTA ATITUDE do General José Pessôa, revela que o pleito foi tão cordial quanto sério; mas a vitória era incerta



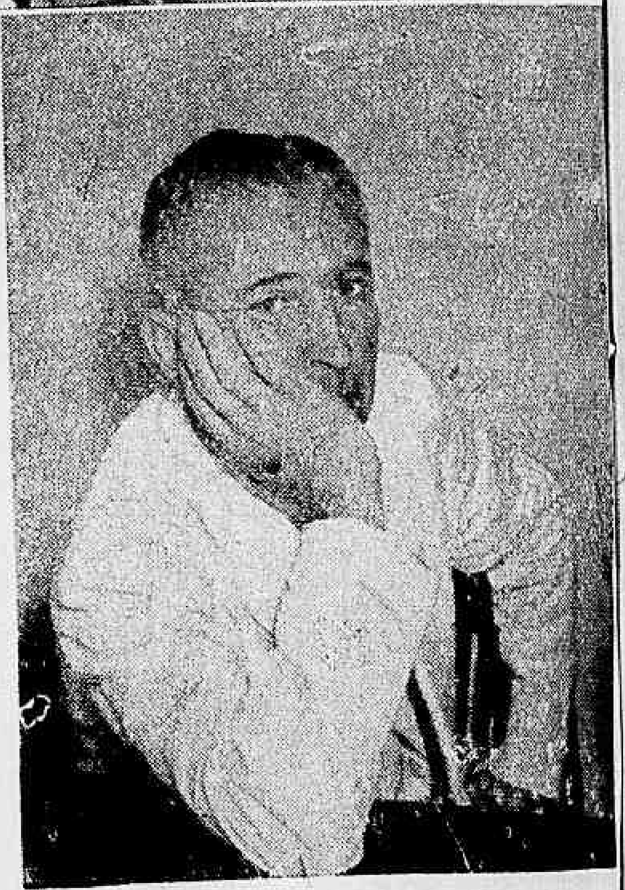
O QUE não podemos dizer é se o flagrante foi tirado antes ou depois do eleitor, pessoa de destaque, ter votado

A batalha civil dos militares



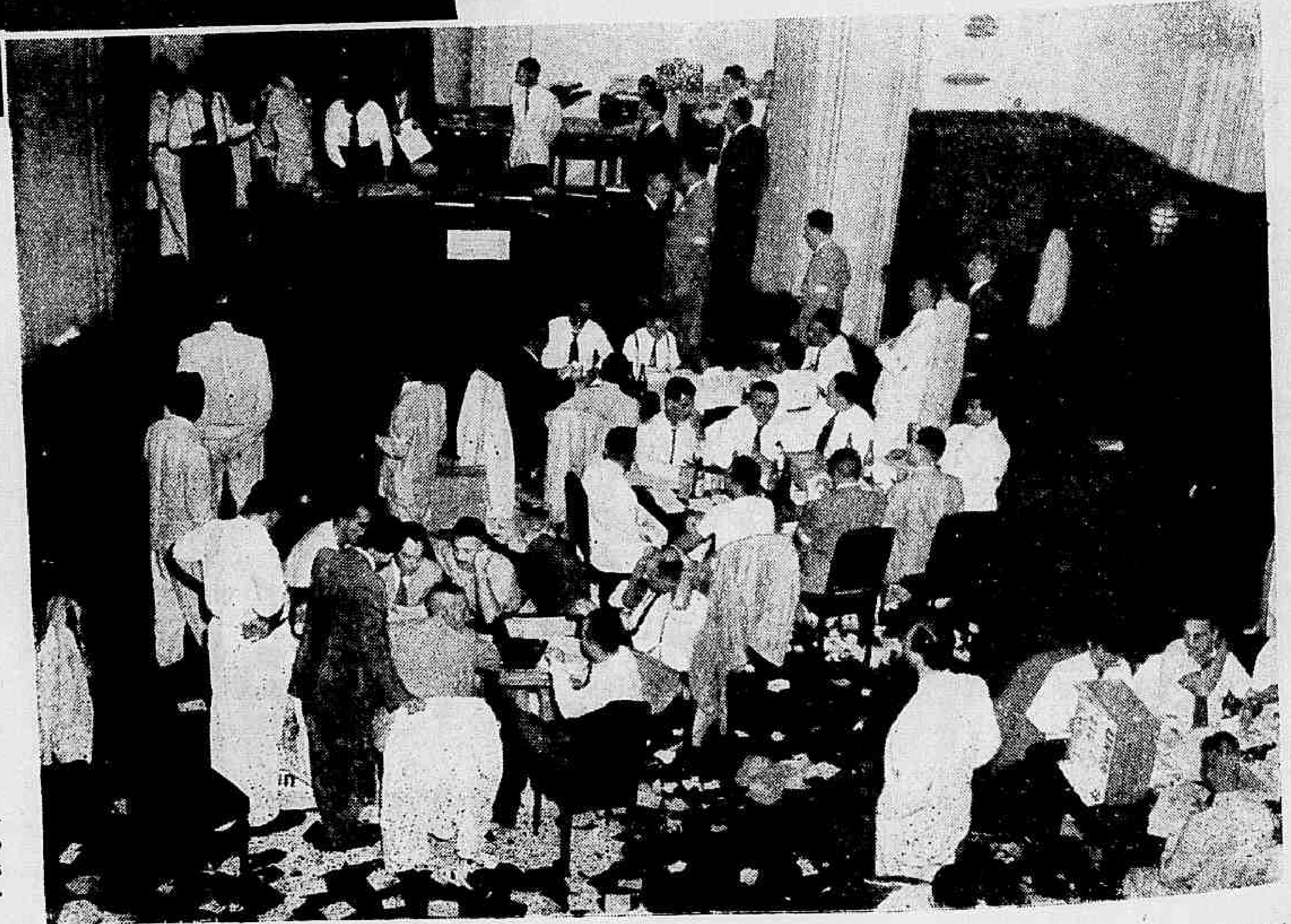


DEPOIS DA vitória, o gal. Etchegoen se aproxima da sacada do Clube para, populista (sem palitó), ser ovacionado



ESTA FOTO mostra a calma e tranqüilidade com que os votantes aguardavam a sua vez de votar: sem precipitações

NÃO HAVIA ainda terminado a apuração quando colhemos êste flagrante do gal. Nelson de Melo: o prazer da vitória!



UM FLAGRANTE da apuração. E' a hora da decisão do pleito. Rolam papéis pelo chão: crescem esperanças, caem ilusões

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 23 ★ 7-6-52

Sumário

REPORTAGENS EXCLUSIVAS

A batalha civil dos Militares (por Leonel C. Ferreira) 3/7
Onde estacionar 1.200 veículos? 15/21
Quando a água sobra 27/34

LITERATURA

O sapateiro de Santo Cristo (O. Gomes de Castro) 26
O Pequeno conto (Geo William) 8
Cidade pequena — Cidade veneno (Lourdes B. C. Judice) 35
Semana Literária (por Edmundo Lys) .. 12/13

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em revista 8/9
A personagem da semana (Valter Vancini) 9
Puxe pelo cérebro 42
Passatempo (por Renato Cartaxo) 43
Correio da Revista 44
A Revista há 50 anos 39
Tudo isto aconteceu 50/51

ROMANCE

A Insatisfeita (por Irene Temple-Bailey) 22/23

FOLHETINS

Uma aposta temerária 24/25
Amor e ódio 38

FEMININAS

Simplicidade (por Ramon) 36/37
Mousselines superpostas 40/41
Uma história contada 3 vêzes (Isolete) .. 42
Roteiro de beleza 43
A saúde do bebê (pelo dr. Saboia Ribeiro) 48
A luz da psicanálise (pelo dr. Luiz Fraga) . 49

CINEMA

No Festival de Cannes (Por Danilo Ramirez) 55/57
Certame fotográfico 54

CARICATURA

Êste mundo e o outro (por Darcy) 53
Aumento de vencimentos... (por Théo) . 14

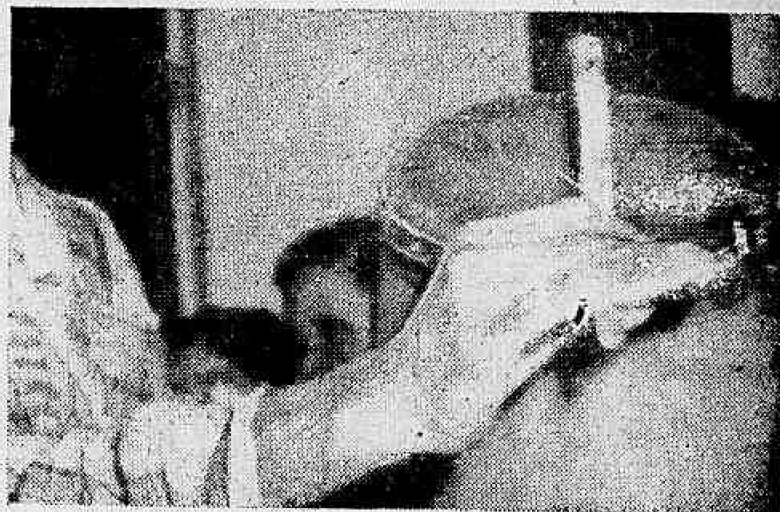
VARIEDADES

Angola é uma surprêsa (por Marcos Carneiro Mendonça) 45/47
A mulher como potencial humano (por Dorothy C. Stratton) 10

NA CAPA

Joyce Holden (Universal-International)

O MAL DO SÉCULO



AO SOM plagente da meiga "Dalila", bela e sonolenta música romântica, a fazer sonhar os poetas e os namorados, os serões familiares por todo êste Brasil constituiam motivos de graça e beleza artística, hoje absolutamente inusitados. Tudo foi subvertido quando a sociedade humana começou a adotar o conselho do bom inglês: "My son, make money honestry if possible; but make money". Em linguagem carioca, teremos: "Filho, arranje a gaita; honestamente se fôr possível; mas arranje-a". Como admitir-se, numa época materializada como a nossa, uma festinha doméstica ao som da saudosa "Dalila"? Garanto que muitos leitores não sabem o que vem a ser isso. Entretanto a "Dalila" era o enlêvo de recitadores (hoje declamadores) e de suas pálidas donzelas sonhadoras. O romantismo trouxe o "Mal do Século", aquêle tremendo "Weltschmerz" que levou tantos poetas à sepultura, mal desabrochavam para a vida e para a glória. As "modinhas", que constituíram a maravilha dos velhos tempos, cantadas em serenatas ao luar ou em salões iluminados pelos "belgas" de franjas de cristal, serviam de atração para os namorados e dulcificavam os olhares dengosos das titias que viam passar o tempo e as oportunidades. De mistura com as "modinhas" vinham os recitativos ao som da famosa "Dalila". Muita razão tinha Mme. Stael quando disse que oestilo "deve atender ao fundamento das idéias, à natureza das épocas". E a nossa época é tôda uma nova interpretação material da vida. Nada de "Dalilas", nem de donzelas pálidas. A época é de futebol e samba. Veja-se o que ocorreu com os festejos folclóricos de Maceió, quando se realizou o último Congresso da matéria. Os congressistas foram ver um"côco" alagoano, dança típica da terra dos Marechais, excelente motivo folclórico. Que sucedeu? Os dançadores de "côco" estavam saracoteando... frevo! E houve quem dançasse "côco" ao rítmo de samba! Que profanação, oh! valente Xangô do Pilar e das margens do Mundaú! Como é que se transforma o famoso "côco" das Alagoas em samba, ou frevo pernambucano? Mas, que fazer? A doença do século é isso mesmo: loucura, subversão, derrocada de tudo o que constituia o Belo de ontem. O estilo de vida ao tempo da plangente "Dalila", era o mesmo que inspirava os poemas dolentes e melancólicos de nossos poetas românticos; o mesmo que permitia haver em cada casa um quarto para hóspedes, e pedir-se a mão da donzela de imaculada palidez, com uma solenidade que abalava tôda a família. O de hoje é o da imediata conquista do dinheiro, da posição na melhor letra do alfabeto burocrático, com muito bom ordenado e muito pouco trabalho. A vida já não mais é um poema. E' a ganância do "mais", do cada vez "mais", um novo **Weltschmers** "á la rabo de peixe" a torturar uma humanidade doida varrida

RENATO DE ALENCAR

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, Avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Diretor: **GRATULIANO BRITO**

Redator-Chefe de Publicidade: **J. M. COSTA JÚNIOR**

Paginação de **VICTOR TAPAJÓS** — Desenhos de **ALBERTO LIMA**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

Tôda correspondência deve ser enderecada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. — Êste número tem 60 páginas.

O PEQUENO CONTO

TRAIDORA

GEO WILLIAM



"A última milha" êle a percorreu com andar seguro. Nem os guardas, que o ladeavam, se bem que "experimentados, tinham o mesmo "aplomb". Todos julgaram que, em chegando a hora trágica, deveria ser arrastado à Câmara da Morte. No entanto lá ia êle, acenando aos outros condenados à cadeira elétrica. Passo marcial, como se no lugar de ir sentar-se na medonha poltrona, se dirigisse a uma parada militar. Durante tôdas as longas semanas que permanecera em sua cela, na "Casa da Morte", dera triste espetáculo de fraqueza e de desespêro. Chegara até irritar os demais, que faziam alarde de um sentimento jamais possuído, do qual pelo menos salvavam as aparências.

E agora aquêle molambo, aquêle fraco, estava, ereto, firme, olhar duro, marchando cadenciadamente, mal prestando ouvidos às preces do sacerdote que o exortava a ter fé...

●

Realmente, quando fôra levado à Casa da Morte, esvaira-se como balão, ante a terrível perspectiva de terminar a sua jovem existência, daquela forma infame. Chegara a ter crises violentas de choro e desespero dias a fio, clamando pela sua inocência, tentando convencer as paredes e as grades da infâmia que por sôbre êle tinham desabado.

Uma única esperança o mantinha: ela surgiria para dizer a verdade, para inocentá-lo do crime que lhe era imputado e pelo qual iria pagar alto prêço. Ela, a mulher a quem tinha amado com todos os seus sonhos de rapaz honesto e correto, jurara-lhe, quando da prisão, que iria apresentar as provas. Pedira-lhe, de mãos juntas, que nada dissesse de comêço, pois que Léo, o truão da história tôda, poderia matá-la antes de conseguir as provas esmagadoras. Tinha sido Léo o autor do delito, mas soubera incriminar o jovem rival, a ponto de enviá-lo ao banco dos reus. Antes, na prisão, sempre aguardando o momento que lhe fôra prometido, mantivera atitude calma e fria. Mas depois as coisas mudaram e já na soleira do fim, perdera o controle, sabendo-se abandonado. Suas tardias afirmativas a nada conduziram. "Desculpas rotineiras para retardar a morte", alegara o Conselho Revisor.

★

Horas antes de ser iniciada a "última milha", soubera da verdade: Helen tinha desaparecido em companhia de Léo, abandonando-so ao triste destino. Tinha sido apenas um joguete nas mãos dos patifes. Acredita no amor de Helen, nas suas juras, nas suas lágrimas. Nenhuma possibilidade mais. O choque que recebera agira sôbre êle como ducha gelada. Reconquistou de um súbito a sua personalidade extraviada dentro do medo e do terror. que lhe importava, agora, morrer? Vivera e suportara tudo por causa de Helen e jamais poderia, mesmo que se realizasse o milagre de uma comutação e libertação, viver imerso no opróbio e na humilhação! Sentou-se, sempre impassível. Cingiram-lhe as pernas, os braços, o pescoço, o busto com as largas tiras de couro. Colocaram os contactos e, antes de lhe descerem o capuz negro sôbre o peito, disse ao padre que lhe estava ao lado:

— Reverendo: procure a Helen e diga-lhe que ela foi simplesmente sórdida!

★

Meses depois Helen ouviu, pelos lábios pálidos do religioso, a derradeira frase de Francis, dita já nos umbrais da Eternidade. Nada alegou em suas desculpas. Mas, no dia imediato, junto às latas do livo do bebo lateral à certa casa de apartamentos, encontraram o corpo de Helen, que se atirava do décimo andar, unir-se ao jovem que havia sacrificado num momento de desvario...

A Semana

Uma viuva decidida

SENHORES solterões, a postos! Senhores repórteres, alerta! Senhores cinematografistas, atenção! E senhoras casadas, viúvas e noivas, ou senhoritas sem compromissos, ouvi! Acaba de fazer-se ao largo, partindo do pôrto inglês de Plymouth, a viúva Ann Davison, muito bonita, simpática, de olhos azuis e com 38 românticas primaveras, com destino a uma costa das Américas. A destemida navegadora vem só, pilotando um barco à vela, a fim de vêr se conquista a glória de ser a primeira mulher no mundo a atravessar o Atlântico sòzinha. Ann Davison se abasteceu de bom número de coisas indispensáveis, mas, no que ela se apurou foi em grande quantidade de perfumes e cosméticos. E explicou: "Estou levando estas coisas para levantar o meu moral se a situação por êsses mares desertos ficar prêta e me sentir muito sòzinha". O veleiro, pequeno barco para ser manejado por um só, chama-se "Felicit", e sua dona está cheia de confiança na vitória. Onde irá ela estourar? A que plagas irá aportar essa viúva alta, loura e simpática? Se as calmarias da Costa d'África se repetirem como nos tempos da excursão cabralina, de maneira que ela se afaste muito e muito depois das Ilhas de Cabo Verde, ventos galernos a trarão às terras do Brasil, e que os nossos "sereios", vulgo "tubarões", a recebam co mfestas e gritos de "Independência ou Morte".



★

Os grilos lusitanos

UMA senhora portuguêsa, casada e residente no Brasil há muitos anos, também com português, sempre dizia a seus filhos nascidos aqui no Rio: "Meninos, os grilos que cantam em minha terra não são como os daqui, roufenhos e incômodos. Cantam como quem está em serenata à porta da amada cachopa, sob o luar do Minho". Mas os filhos da boa e patriótica senhora achavam até graça dêsses devaneios. Que ela dissesse isso dos rouxinóis, vá lá, pois os nossos do Brasil são um desastre em matéria de sonoridade. Mas, com os grilos? E a garotada não podia acreditar no que lhes dizia a afetuosa mamãe. Um dia, porém, se lhe deparou oportunidade de ir visitar a santa terrinha. Ela foi num dos bons e modernos navios lusitanos e estêve em Portugal durante vários meses, a revêr os parentes, a chorar de emoção diante dos lugares em que vivera criança. Ouviu fados dolentes e só não os produziu com alma porque o marido lhe disse que isso não ficava bem. Mas, ao voltar ao Brasil, teve uma lembrança: levaria um casalzinho de grilos de sua pátria a fim de mostrar aos filhos que ela não fantasiara. A noite, quando os meninos estivessem dormindo, ela própria poria o par insone a cricrilar a um canto do dormitório e êles veriam que ela tinha razão. Arranjou um casal de insetos, colocou-os comodamente numa gaiolinha, abasteceu-os de alface e chegou ao Rio. Mas a Alfandega implicou: Grilo não. Bastam os que infestam os terrenos dos arredores do Distrito Federal...



Em Revista

Escolas fechadas

NÃO estão fechadas muitas escolas no Distrito Federal por motivo de profilaxia contra a varíola; nem porque falte água, nem tão pouco por motivo de insuficiências de professôres e de alunos. Há grande número de escolas sem funcionamento pelo motivo inacreditável de não haver móveis para as mesmas. Que móveis, senhores? Carteiras, quadros negros, mesas para os mestres e outras coisinhas miúdas. De onde vem essa lamentação? De algum oposicionista? De qualquer inimigo pessoal do Sr. Prefeito? Não. Quem nos dá o alarma é a Sra. Lígia Lessa Bastos, vereadora do Distrito Federal, lendo da tribuna daquela Casa Legislativa da capital da República uma carta autêntica da diretora do Departamento de Educação Primária, na qual se defende a funcionária de ataques e censuras de vereadores que criticaram o estado deplorável do funcionamento do ensino público nesta parte do Brasil. Declara a diretora que as escolas estão sem alunos pelos motivos de as mesmas não possuírem mobiliário! Professôres e alunos há em excesso. Faltam móveis, especialmente carteiras. Eis uma confissão de estarrecer. Não se pode compreender como numa cidade como esta, onde é vultoso o número de crianças em idade escolar sem escolas, ainda se vejam escolas inativas pelo fato de não possuírem assentos para os estudantes primários!



*

Os dois culpados

O EX-DELEGADO da Economia Popular, Sr. Gabino Besouro Cintra acaba de levantar perante a Justiça da Capital Federal, uma questão das mais importantes. Como advogado do peixeiro Clélio Gomes Barcelos atuado por vender peixe acima da tabela, dirigiu uma petição ao Juiz Epaminondas Pontes, da 19.ª Vara Criminal, alegando que, em face dos dispositivos da Lei de Economia Popular, artigo 2, item VI, não sòmente o vendedor, mas também o comprador que aceita negócio com prêço majorado, deve responder à processo como co-autor do delito. Diz o advogado que, se o comprador fôr envolvido na mesma responsabilidade criminal em que está incurso o vendedor, as tabelas serão mais respeitadas, o que resultará num freio à alta dos prêços e ao câmbio negro. O Juiz manifestou-se contrário ao argumento do advogado, mas reconheceu que o assunto trazido à debate pelo Sr. Besouro Cintra encerra pontos de grande importância. Remetendo os autos ao procurador Geral da Justiça do Distrito Federal, para que se pronuncie a respeito, o Juiz não deixa de ver nas conclusões do advogado do peixeiro boa dose de verdades. O caso não é tão simples como parece. Quem compra víveres em feiras, armazéns e em vendedores ambulantes, muitas vêzes é obrigado a pagar mais, por dois motivos: ignorar a tabela, e ver-se na contingência de sujeitar-se à exploração porque, se não o fizer, não poderá comer, e naquêle vendedor nunca mais os adquirirá.



PERSONAGEM DA SEMANA



POUCAS vêzes, nos anais dos crimes no Distrito Federal tem-se visto tanto interêsse público em tôdas as classes sociais, como nesse misterioso homicídio do chamado "Crime do Sacopã". A seis de abril último, descobre-se o cadáver do bancário Afrânio Arsênio de Lemos, ao volante de um "Citroen" negro. Datou dêsse dia a mais dramática das corridas da polícia para desvendar o mistério dêsse delito, espalhando-se pela cidade os mais absurdos e desencontrados boatos. A crônica policial de nossa imprensa, com seus repórteres especializados se dedicou a farejar "furos" e a descobrir pistas. As mais incríveis hipóteses foram aventadas, enquanto a autoridade sob cujos ombros caiam as responsabilidades na descoberta do mistério, era visada com as mais contundentes censuras. Falou-se mesmo que a polícia ocultava o criminoso, pessoa da mais elevada posição social e política. E a boataria fervilhou como formigueiro assanhado pela presença de tamanduá. Súbito a situação toma um rumo inesperado. Um advogado declara que pode decifrar o enigma de Sacopã. Referve a curiosidade pública e a polícia redobra de atividade. Mas o caso toma aspectos insusitados: o causídico detentor do segrêdo não revela o nome da testemunha esclarecedora porque não quer violar segrêdo profissional. E há debates jurídicos em tôrno dessa nova espécie na órbita criminal. A pessoa do advogado passa a ser o ponto central do caso, procurando-se envolver a própria Ordem dos Advogados. E tudo continuava envolto em mistério, sabendo-se apenas que a causa era o conflito amoroso entre o bancário e o seu essassino na posse definitiva de uma linda jovem, quando vem ao Rio a fim de depor, o primeiro grande suspetio: o tenente da Aeronáutica, Jorge Alberto Franco Bandeira, rival de Afrânio nos amores de Marina Costa. Foi quando surgiu a testemunha a que aludia o causídico: Valter Vancini. E, depois de cenas um tanto vaudevilescas, entre o delegado e o advogado possuidor do segrêdo, Valter Vancini, paulista, com 29 anos, amigo de Arsênio, narra à polícia pormenores que, se não forem destruídos a tempo, levarão o indigitado assassino, o tenente Bandeira, ao banco dos réus, como homicida. E' que, à última vêz que Vancini se despediu de Arsênio, êste se encaminhava para um encontro com o rival, a fim de "decidirem o amor de Marina, de qualquer jeito". Na manhã seguinte, aparecia morto em seu carro, o infeliz bancário. O depoimento de Valter causou sensação, sendo êle a Personagem da Semana.

Contos para a "Revista"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no "Correio da Revista" sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro fôlhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito fôlhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

A MULHER COMO POTENCIAL HUMANO

Por DOROTHY C. STRATTON

De "The New York Times Magazine"

HOJE, os povos do mundo livre lutam decididamente para conservar a paz, ao mesmo tempo que, com igual resolução, enfrentam o fato de não poderem ignorar a possibilidade de guerra. Nos Estados Unidos, a grande diferença entre a situação atual e a que precedeu a segunda guerra mundial consiste em que, hoje, todo cidadão sabe que a nação deve planejar para a mobilização rápida em caso de emergência. Deve planejar de maneira a conseguir o mais eficiente aproveitamento de homens e materiais, o que significa pensar em têrmos de capacidades e potencialidades individuais, e não nas convencionais categorias de sexo, idade e capacidade física.

Se fôr necessária a mobilização total, os Estados Unidos precisarão recorrer quase imediatamente as pessoas que agora não fazem parte da fôrça de mão de obra, das quais o maior grupo é representado pelas mulheres. Com mais de 37.000.000 de mulheres classificadas como "não empregadas", êsse grupo constitui o maior potencial para expansão da mão de obra civil dos Estados Unidos e para possível recrutamento de pessoal destinado às fôrças armadas.

Na segunda guerra mundial, os Estados Unidos venceram o preconceito e a tradição apo nto de convocar mulheres para todos os ramos das fôrças armadas. A importância do Corpo de Enfermeiras do Exército e da Marinha havia sido reconhecida há muito tempo, mas havia geral oposição contra a inclusão de mulheres nas fôrças armadas para quaisquer outras funções. O recrutamento foi lento a princípio, e às mulheres alistadas executavam apenas as tarefas militares mais simples e de menor responsabilidade. Contudo, ao tempo do término da guerra, a variedade de suas funções aumentara muito, e as mulheres já haviam convencido mesmo os críticos mais céticos, da sua competência e seriedade de propósito. O fato de ter sido dado um lugar permanente às mulheres nos efetivos regulares do Exército, Marinha, da Fôrça Aérea e do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, é uma prova do êxito com que aquelas primeiras voluntárias enfrentaram uma tríplice prova: aprender novas tarefas; demonstrar que podiam desempenhar suas funções sem regalias especiais; e convencer suas famílias e o público de que estavam prestando um serviço essencial.

Hoje nos Estados Unidos o terreno já está preparado para que as mulheres assumam participação maior nos serviços militares em caso de emergência nacional. As 23.000 mulheres atualmente em serviço ativo constituem um núcleo para o treinamento e disciplinamento de grande número de novas recrutas. Milhares daquelas que receberam treinamento e adquiriram experiência durante a segunda guerra mundial poderão ser novamente alistadas e destacadas ràpidamente para seus postos. Mais importante que tudo, existe hoje em todos os setores, resistência muito menor ao serviço militar de mulheres.

O fato de o número de mulheres incluídas na fôrça de mão de obra dos Estados Unidos ter aumentado de, aproximadamente 13.000.000 em 1940 para 19.000.000 em 1944, quando foi atingido o auge do emprêgo de tempo de guerra, é suficiente para indicar a contribuição prestada pelas mulheres em empregos civis. Embora parte dêsse aumento tenha ocorrido em ocupações tradicionalmente franqueadas às mulheres — como agricultura, serviços religiosos, estenografia ou serviço de venda — o maior aumento, tanto numérica como percentualmente, verificou-se no grupo ocupacional que inclui artífices, capatazes, trabalhadores industriais e operários.

Na indústria, as mulheres foram a princípio recebidas com desinterêsse ou resistência absoluta. A relutância dos empregadores em contratar seus serviços derivava-se da crença de que as mulheres não possuiam aptidão mecânica, não estavam acostumadas ao horário regular de trabalho e à severa supervisão, e não poderiam trabalhar lado a lado com os homens sem prejudicar o clima moral da fábrica. Contudo, à medida que o número de mulheres nas linhas de produção começou a aumentar depois de 1941, as autoridades industriais descobriram que muitos de seus temores não tinham fundamento.



O emprêgo total de mulheres em tarefas de produção na indústria manufatureira atingiu seu auge em fins do outono de 1943, quando 4.800.000 mulheres representavam 32,3 por cento de todos os trabalhadores empregados nêsse setor. Na indústria aeronáutica isoladamente, às mulheres representavam então 36,5 por cento do total da mão de obra, em comparação com uma simples fração de 1 por cento em 1940. As mulheres aprenderam serviços altamente especializados na montagem de precisão e nas oficinas mecânicas das fábricas de aviões. Na fabricação de máquinas e equipamentos elétricos, indústria ligeira que vinha empregando mulheres em quase um têrço de suas tarefas de produção antes da guerra, a proporção subiu para 48 por cento em 1943. Na indústria de construções navais, com alta porcentagem de empregos fisicamente difíceis, desagradáveis ou perigosos, as mulheres representavam 9,6 por cento de tôda a mão de obra em 1943. No setor do ferro e aço, outra indústria pesada que inicialmente relutou em empregar mulheres, o número de mulheres nas usinas atingira 22,3 por cento do total da mão de obra no outono de 1944.

As otividades das mulheres nos serviços voluntários — como a Cruz Vermelha Americana, a Organização de Serviços Unidos e a defesa civil — foram vitais para a vitória na segunda guerra mundial, tanto quanto para a vida pacífica das comunidades. Para mulheres com responsabilidades familiares, tais serviços, com sua liderança profissional treinada, oferecem meios organizados para execução de trabalhos de tempo parcial.

Como exemplo dos esforços que estão sendo feitos atualmente com o propósito de ampliar o âmbito das tarefas franqueadas às mulheres, a Fôrça Aérea dos Estados Unidos vem realizando nos últimos meses uma experiência a fim de descobrir quais dos novos empregos de após-guerra no campo da aviação podem ser executados por mulheres. Iniciados agora, antes que se torne muito grande a necessidade de produção, semelhantes programas de colocações experimentais para mulheres em muitos setores de trabalho deverão produzir valiosos resultados.

Durante a segunda guerra mundial, o número total de mulheres empregadas nas fôrças armadas representava cêrca de um quarto do número que o Exército dos Estados Unidos calculava ter podido utilizar. Sem dúvida, seriam maiores as cotas necessárias em uma emergência futura. Além disso, seria preciso considerar a necessidade de maior mão de obra para indústria, grande parte da qual poderia ser recrutada entre a reserva nacional de potencial humano feminino. Possivelmente, um recrutamento voluntário seria suficiente para atender ambas as necessidades. Todavia, o certo é que numa luta decisiva as duas importantes perguntas que cada norte-americana faria a si própria seriam estas: "Onde posso servir?" e "Em que qualidade?".

EPITÁCIO PESSOA



A mesa que presediu à solenidade



No dia 23 de maio próximo passado, data do aniversário natalício do sr. Epitácio da Silva Pessoa, foi a sua memória objeto de diversas homenagens, dentre as quais se destacou a que lhe foi prestada pela Casa da Paraíba no auditório do Ministério da Educação. O sr. Toscano Espinola, eminente jurista patrício e atual Presidente do Tribunal de Apelação do Distrito Federal, ex-oficial do Gabinete do sr. Epitácio Pessoa, quando Presidente da República, pronunciou, a respeito do saudoso e eminente patrício, uma conferência de fato brilhantíssima. A solenidade foi, realmente, um dos acontecimentos marcantes da semana e dela são êstes flagrantes em que o sr. Toscano Espinola aparece à direita.



A oração do sr. Toscano Espinola impressionou vivamente a seleta e numerosa assistência que aplaudiu entusiàsticamente o orador

SEMANA LITERÁRIA

POR ÊSSE MUNDO DAS LETRAS...

- Disseram ao crítico Antônio Olinto que êle fizera mal em incluir o autor do "Esperidião" entre escritores como Erico Veríssimo e Rosalina Coelho Lisboa. Porque? — perguntou o poeta de "Presença"... Porque — responderam-lhe — o Benedito não será o autor do livro, pois pelo menos dez autores já foram citados para o seu romance, dêle...

  E o crítico-poeta:

  — Também já andei quase acreditando nisso... Mas, acontece que um dia me disseram que quem tinha escrito o livro era eu... De onde conclui que essa história de "ghost-writer" para o Benedito é pura invenção...

- **Apareceu "Comício", muito vibrante e também não era para menos: Rubens Braga, Edmar Morel e outros estão lá. No primeiro número, uma abundante entrevista de Nelson Rodrigues sôbre teatro. Muito boa, quanto à parte dramática, menos, quanto à parte crítica que começa por negar a existência do teatro e, lóóógo, a do próprio Nelson, autor teatral.**

- Pascoal Carlos Magno especializou-se em teatro de Shakespeare, sempre revelado por êle, no T. E., comentado, montado, etc. Agora é o sr. Renato Viana que descobriu outro autor para privilegiar-se nêle: Ibsen. Está fazendo mesas-redondas sôbre Ibsen, debates, conferências, análises do teatro ibseniano e vai montar peças de Ibsen. A verdade é que chegamos tarde, mas sempre chegamos.

- **Na revista "Norte", espinafração de Oswald de Andrade. O antropófago de São Paulo, chamado entre outras coisas de anedótico, não se amofinou, declarando que tem longo treino de ser... (aqui uma palavra impublicàvel)... Apenas comentou parafraseando a sentença célebre: — Descompostura ao Norte!**

- Manuel Bandeira terminou, no último número de "Jornal de Letras", suas memórias literárias, "Itinerário de Passargada". Disse, **in fine** que todo sujeito inteligente acaba por ser seu amigo. O poeta vai ficar amoladíssimo com os numerosos candidatos que vão aparecer a êsse diploma.

- **Ascendino Leite tem pronto seu romance "A Viúva Branca" a aparecer brevemente. O livro está sendo aguardado com grande interêsse e seu título tem intrigado a muita gente. Aliás é um bom título, apesar de lembrar aquêle de Ramon Gomez de La Serna: "A Viúva Branca-e-Preta".**

FRADIQUE

PRÊMIO FÁBIO PRADO



Um dos prêmios mais honrosos do Brasil é o Fábio Prado. Por muitos motivos e também porque desperta o interêsse dos escritores de todo o país, uma vez que é concedido em São Paulo, importante centro de cultura, onde os escritores são muitíssimos e, portanto, os concorrentes numerosos. Daí a maior alegria que causou aos seus amigos e confrades a concessão do F. P. de 1951 a José Condé, por seu belo livro de contos, "Histórias da Cidade Morta". Condé, com seu livro tão elogiado quanto significativo, na atualidade literária, principalmente por ser um dos raros livros de real sucesso, rompeu a barreira: é o primeiro escritor não paulista a receber o Fábio Prado. Nacionalizou a laurea — como foi observado, quando ela ameaçava tornar-se regional. De onde podemos deduzir que o acêrto da escolha de José Condé para premiado, por assim dizer, premiou também o prêmio.

SEMANA DA ARTE MODERNA



Em comemoração do XXX aniversário da "Semana de Arte Moderna", realizada em 1922, em São Paulo, o sr. Simões Filho, que tem sido um animador do movimento dos novos, desde que assumiu a pasta do Ministério da Educação, onde existe as tradições renovadoras de Gustavo Capanema e de que a própria arquitetura, de Niemeyer, é um convite à arte moderna — agora acrescida do Museu — resolveu fazer realizar uma série de conferências que se iniciaram em 22 de maio, com Menotti del Picchia, estando ainda anunciadas as de Lúcia Miguel Pereira e de Mário Pedrosa. Além disso, no próprio auditório do Ministério, onde se realizam as conferências, está uma exposição retrospectiva de obras de arte e documentos da Semana.

Ilustramos esta nota com um instantâneo do pintor Di Cavalcanti que foi, parece sem contestação, o verdadeiro autor da idéia da Semana que tantos frutos deu às artes e às letras, nos últimos trinta anos.

UM AUTOR:

A. J. CRONIN



CRONIN é um dos autores mais lidos no Brasil, de uns dez anos para cá. Suas obras, de relativo interêsse, caíram no gôto do leitor brasileiro e foram habilidtsamente lançados ao grande público. O cinema fêz o resto, isto é, conquistou para o ramancista inglês o público que nunca conseguiu nem Morgan, nem qualquer outro autor britânico, dos traduzidos entre nós. A vitória de Cronin, sua popularidade entre nós, é uma vitória também de José Olympio. De qualquer maneira, êle interessou a uma grande camada de público e assegurou o êxito de tôdas as suas obras no Brasil. Como em tôda parte.

Agora, êle vem de publicar uma autobiografia, melhor, um livro de memórias que, se traduzido, vai também ser muito lido. Parece que é obra de relativo merecimento, como, aliás, os outros livros do autor de "A Cidadela". A crítica não tem visto êsse livro, "Adventures in two Words" com olhos benevolentes... Entretanto, o livro contribui para o maior conhecimento dêsse autor tão lido e tão pouco familiar de seus leitores. Médico e romancista, êle vasa êste depoimento pessoal em estilo simples e com boa fé. Conta-se, desarmado de tôda fatuidade. Suas recordações encerram uma lição moral, a da luta de um homem modesto, de um médico provinciano que segue o seu caminho e que, de repente, se vê nos braços da glória. A crítica tem despresado o primeiro têrço do livro e se interessa apenas pela última parte, quando começa a vida do escritor de sucesso, do autor de grandes tiragens. Engano: êsse princípio da biografia de Cronin é que nos dá o mais humano, o mais emocionante, o mais edificante de sua vida. Basta-nos ver o seu auto-retrato, ao fim da primeira Grande Guerra, quando êle, deixando a marinha inglêsa, se encontra sem recursos, sem amigos, sem influências — em frente ao mundo. Ao cáos diremos melhor. E' então que o jovem Cronin faz um curso de medicina na Universidade de Glasgow. Dali, vai para a provincia, praticar medicina. Os médicos de seus livros, tão nossos conhecidos, foram copiados de sua própria vida, de sua própria luta e êsse é o segrêdo do agrado de seus livros — a experiência, a contribuição vivida que integram seus personagens. Aquêle sentimento e aquêle pavor da responsabilidade do médico, diante de uma vida humana, também êle o sentiu, como aqui informa. Depois de muitos anos, como médico de fazendeiros na Escócia e de mineiros em Gales, êle vai para Londres, tendo preparado seus exames para o Royal College of Physicians. Vencendo em Londres, Cronin torna-se um médico da moda, enriquecendo-se. Sofre porém de úlcera e tem que regressar à Escócia, para ficar em absoluto repouso. E' então que começa a escrever, para distarir-se. Quando acaba de encher vários cadernos, tem em mãos uma novela que não lhe inspira confiança e deseja jogá-la fora. Acontece que a edita e que, em seguida essa novela é traduzida em 21 linguas, posta em série, teatralizada e filmada, tendo sido vendidos, dela, até agora, aproximadamente três milhões de exemplares! "A Cidadela".

A. J. Cronin, sem querer, tornou-se um dos autores mais lidos e mais populares de nosso tempo, justamente quando encerrava sua carreira de médico afortunado, iniciando a de escritor, também afortunado. Por mais que a crítica lhe tôrça o nariz.

Fora do Prelo

● O QUE FICOU DO SONHO

Um livro de poesia feminina, um livro de ternura e de simplicidade, êste, de Graciette Salmon. Lirismo magoado e comovente, onde a sinceridade palpita em cada verso. Poemas de forma tradicional, de tons nostálgicos, representam talvez, no artifício dos versos metrificados, um estado de alma em que a tristeza permanece como um lastro irremovível. O próprio título do livro nos impressiona, antes de lermos os seus poemas, todos repassados de notas lamartinianas, talvez inatuais, porém sentidas profundamente, como o podemos perceber. Subjetivismo que não se liberta, nem quando, fatigada de se voltar para dentro de si mesma, a poetisa se debruça na paisagem e busca na natureza, um motivo de inspiração. Mas não há aqui nem pessimismo, nem desespêro, há resignação. Isso nos torna simpático êste lirismo tecido de lágrimas escondidas e de expressões que se suavizam para nço ferir.

● PALAVRAS DO MÉDICO

O doutor Waldemir Miranda reuniu neste opúsculo uma série de discursos pronunciados em várias ocasiões. Entre estas páginas, destaca-se, por sua originalidade, pelo tema, como por seu tratamento, a que consagra a "Rui Barbosa — o milagre de resistência orgânica". Realmente essa página médica escapou aos que estudaram a vida e a obra dêsse gigante da inteligência que, enfêrmo desde muito moço, realizou uma obra literária, política, jurídica, parlamentar e filosófica que assombra. E' êsse milagre de resistência orgânica, realizado por um enfêrmo que chegou a avançada idade, apesar de um trabalho prodigioso e de uma vida agitadíssima, que o doutor Waldemir Miranda nos comunica nas páginas dêste livro que, não fôra ser todo êle de relevante interêsse, já mereceria ser louvado".

● A GATA BORRALHEIRA

No dia em que a palavra humana tivesse a objetividade, a fôrça impressionante do desenho, a literatura alcançaria a perfeição. Porque afinal a tragédia do escritor está em traduzir, em letras, os seus e os alheios sentimentos; de colocar, sob a forma de frases, os seus pensamentos, de apresentar a sua inspiração materializada em períodos... Já huove quem realizasse tamanho milagre? Walt Disney realiza: dar co ma imagem, o espelho interior dos sêres e das coisas ! E' o que, mais uma vez admiramos neste álbum "A Gata Borralheira", no qual as ilustrações coloridas têm, com a poesia do traço, um poder incomparável. Edição Melhoramentos.

● PAULINHO SÒZINHO NO MUNDO

De autoria de Jens Sigsgaard, em volume colorido, prendendo mais ainda pela ilustração que pelo texto — atraente e pequeno — "Paulinho sòzinho no mundo" é um dos livros que as Edições Melhoramentos tiraram do prelo, recentemente, para encanto da petizada. Além de distrair, oferece uma lição de amor ao lar, constituindo útil lição para a infância.

● FLAMAS DDE AMOR

A poesia feminina é quase sempre exagerada e mum dos dois rumos que habitualmente segue — o sentimental e o sensual. Yole Manon, que nos dá estas "Flama de Amor", exagera no segundo aspecto. Daí ter o seu livro criado um caso policial recente, de que os jornais trataram em detalhe. Seus poemas, entretanto, são poemas de amor até mesmo ingênuos, revelando na autora, apenas, um temperamento exaltado de romântica, uma sensualista que se externa pelos versos, naturalmente exarcebada por uma história real e, assim, buscando se libertar de uma obsessão.

UM LIVRO:

BOTA DE SETE LÉGUAS

ESTE livro de viagens de José Lins do Rêgo possui, além do interêsse natural em obras do gênero, qual seja o de nos revelar gentes e paisagens vistas por um estrangeiro, o traço pessoal do autor, quer dizer, seu poder criador — repontando sempre o romancista, em cada capítulo — sua grande fôrça de observação, sua originalidade, seu sentimento de humor associado a um sentimento humano que toca muitas vêzes ao lirismo. Foi bom, por tudo isso, que a Editôra A Noite reunisse as correspondências esparsas do escritor, publicadas em jornais, ao dia a dia de suas cartas ao estrangeiro, porque assim reunidas estas páginas se desdobram aos olhos do leitor como uma **suite**, em que os dotes criadores do autor se fazer sentir muito mais do que em publicações avulsas.

Lemos "Bota de Sete Léguas" quase como um livro de fantasia, pelo milagre do romancista que sabe reduzir as realidades, sem nada lhes tirar, a essa realidade romanesca, própria do seu gênero. Não, não estamos negando o cronista que sabe dar impressões e focalizar criaturas em uma exígua lauda de papel, escrita em letras largas e com largas entrelinhas — como faz José Lins. Estamos, antes, pondo em destaque os traços pessoais dêsse cronista que associa à crônica essa particularidade do romancista, inseparável, naturalmente de tudo o que escreve o romancista nato, de sua categoria.

Além das deliciosas crônicas da Europa, José Lins incluiu neste volume o repertório de páginas dedicadas ao Nordeste, sob o título geral de "Nordestinas". Tanto no contato do mundo exótico, como no convívio do seu meio nativo, o escritor consegue nos dar muita coisa, como observação e interpretação como pitoresco e pesoal, de um sabor e de um coloridos únicos. O toque de poesia, a "charge", nem por isso menos poética, vincam de novidade estas páginas. Mas a maior dose de emoção que nos dá "Bota de Sete Léguas" é sem dúvida a contribuição humana, de uma humanidade pronta e solidária, à flor da pele — com que José Lins enriquece estas imagens colhidas de passagem, pelos caminhos do mundo e das almas.

E tanto isso é verdade que êle evita sempre falar de fatos ou figuras da literaturas, evitando a própria literatura, também. Quando, como na casa de Anatole, o tema obriga a essa digressão, êle cede, mas sempre com um certo espírito crítico e com um delicioso traço caricatural. Não livresco, esportivo, como com uma vitalidade prodigiosa, o romancista nordestino preferiu viajar entre outros viajantes, não se embasbacando, ao encontrar no avião, em Madri o seu colega Claude Farrère — aliás nem era o caso — nem se deixaindo comover com o ambiente de La Bechelerie, onde mestre Anatole escrevia sua prosa limpíssima, mas a casa não tinha banheiro.

"Bota de Sete Léguas" abriu com chave de ouro o ano da prosa em 1952.

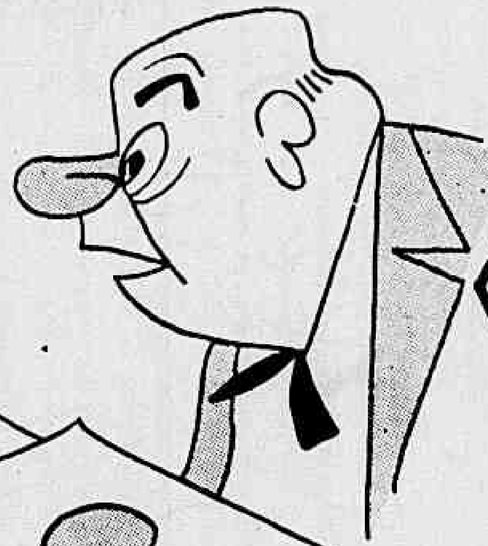
E. Almeida Lys

O AUMENTO DE VENCIMENTOS DO BARNABÉ E AS "VANTAGENS" DE SUA DEMORA



BARNABE' sofre com a demora do aumento de seus vencimentos, mas tira suas "vantagens"...



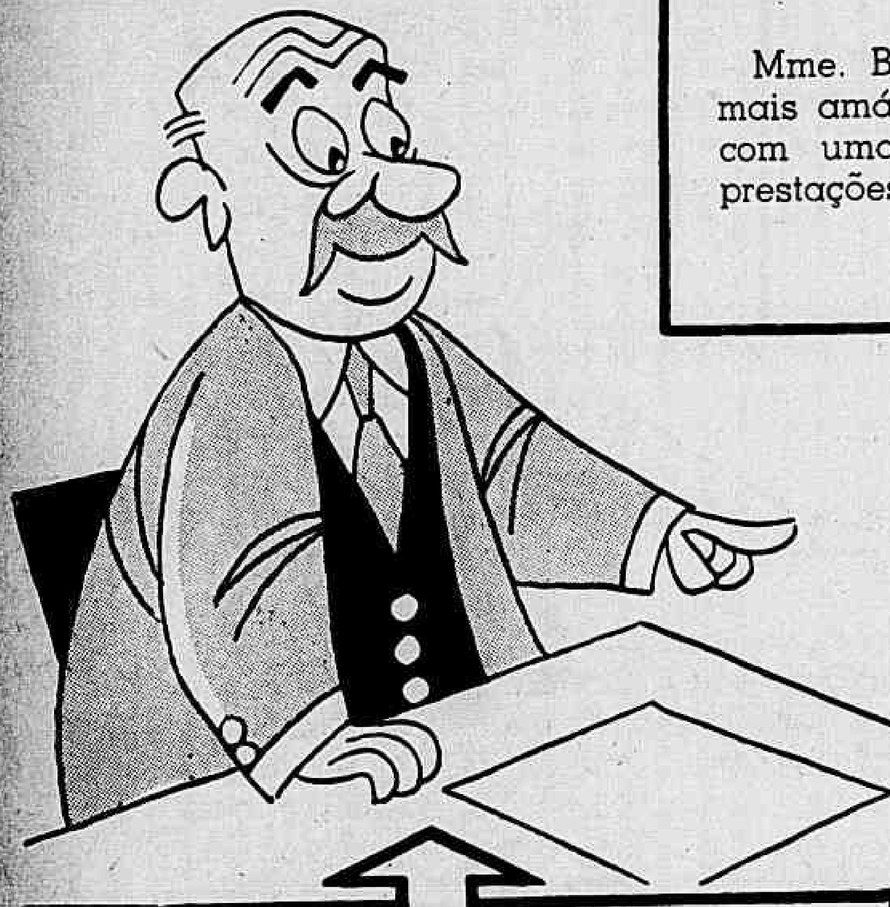


Os interessados, irritados com a lentidão dos serviços públicos já se habituaram a olhá-lo com a simpatia que merece um jejuador de circo.

Mme. BARNABE' está mais amável, sonhando com uma geladeira a prestações.







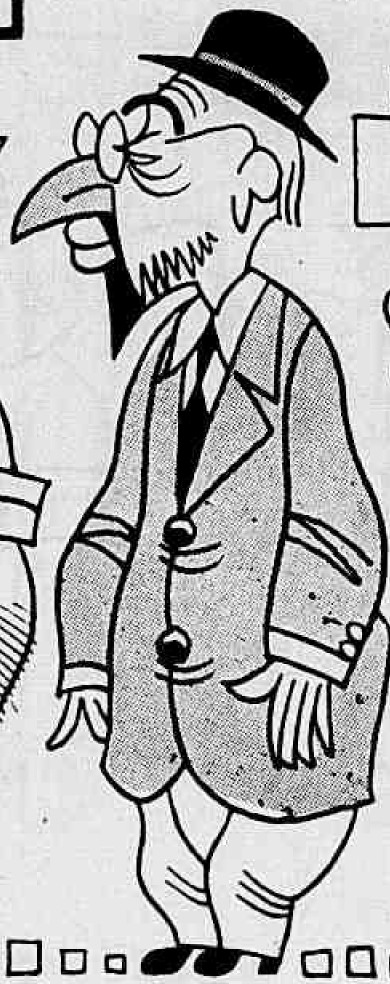


Quando o chefe reclama a MOLEZA dos serviços, BARNABE' retruca com o mau exemplo da Comissão encarregada das tabelas...

Os fornecedores já andam mais cordatos, torcendo com o BARNABE' na esperança de que a tal fórmula **DELTA sôbre LAMBDA** baste para a liquidação de seus débitos.













ONDE ESTACIONAR



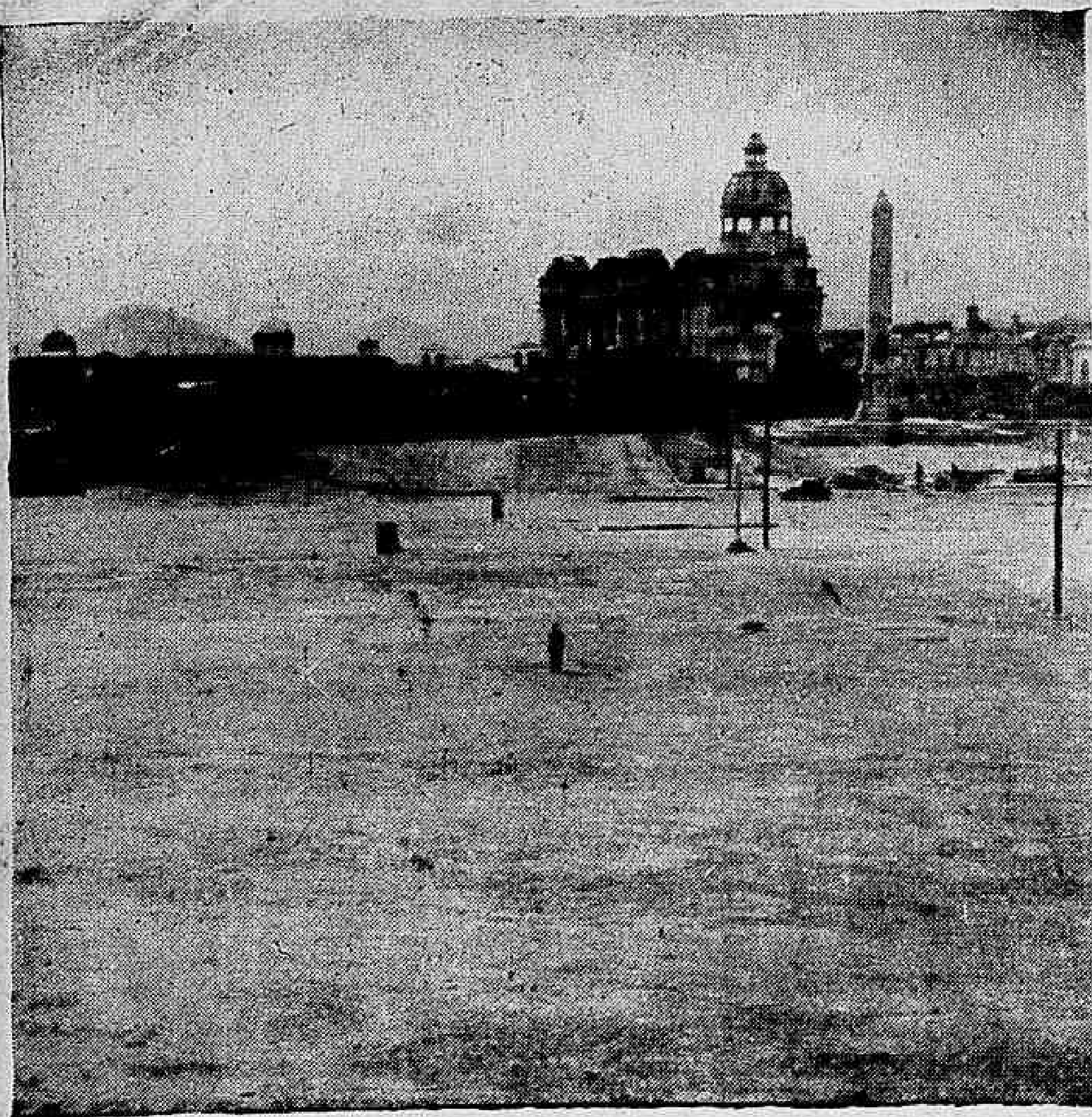
120.000 VEÍCULOS?

Fotos de ARNALDO VIEIRA

ONDE ESTACIONAR 1[illegible]0.000 VEÍCULOS

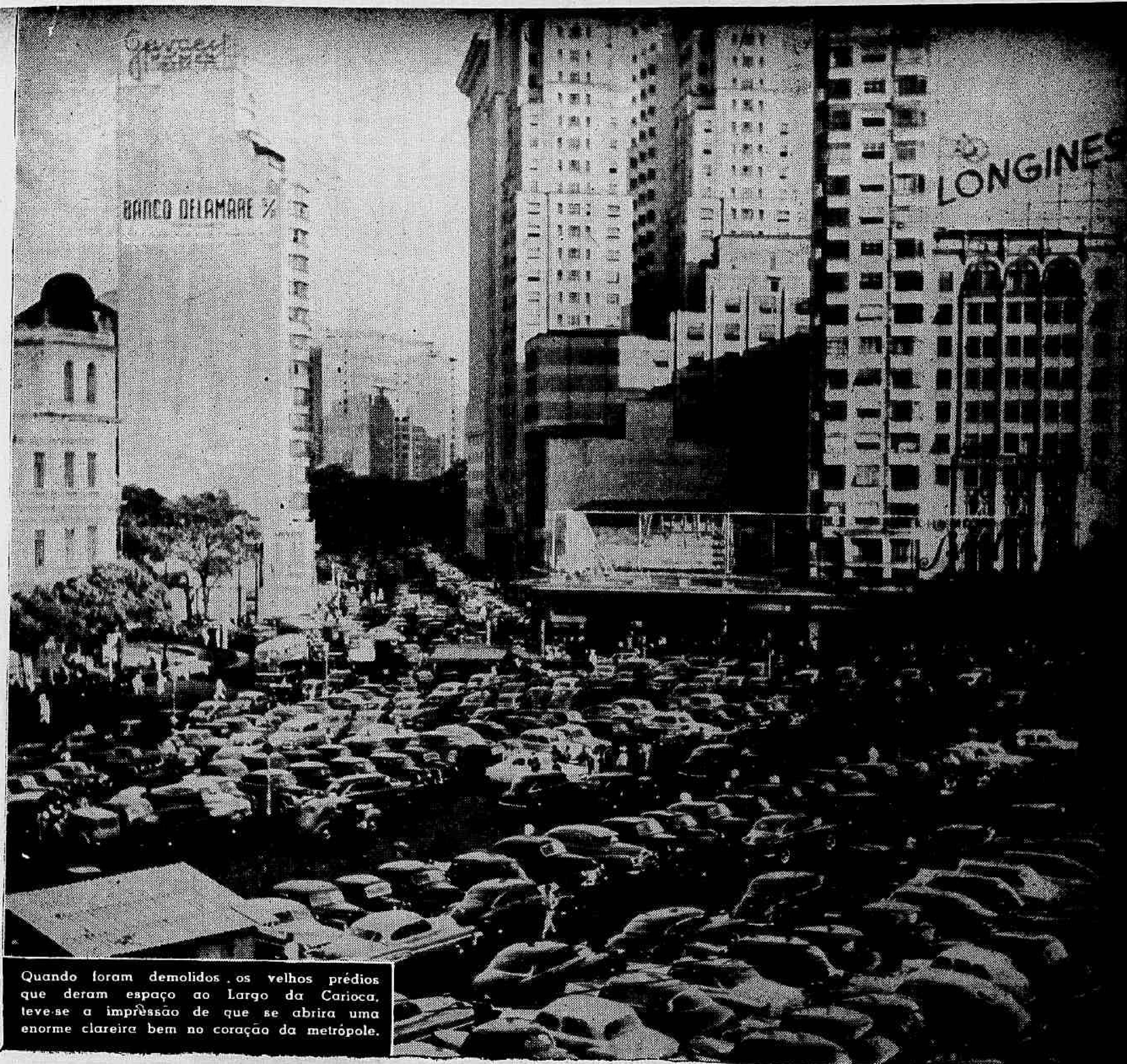


Mas o Rio foi crescendo e, nas horas de trabalho, todo o espaço se enche de carros. O pedestre arrisca a vida e o motorista exclama: — "Como o "largo" é estreito!





Por baixo da estátua de Rio Branco, na Esplanada, há a garagem subterrânea reservada, agora, para veículos oficiais. O amontoado de carros na superfície desdenha do subterrâneo minúsculo. O espetáculo do congestionamento de veículos nas ruas e praças do Rio, aumenta sempre mais.



Quando foram demolidos, os velhos prédios que deram espaço ao Largo da Carioca, teve-se a impressão de que se abrira uma enorme clareira bem no coração da metrópole.





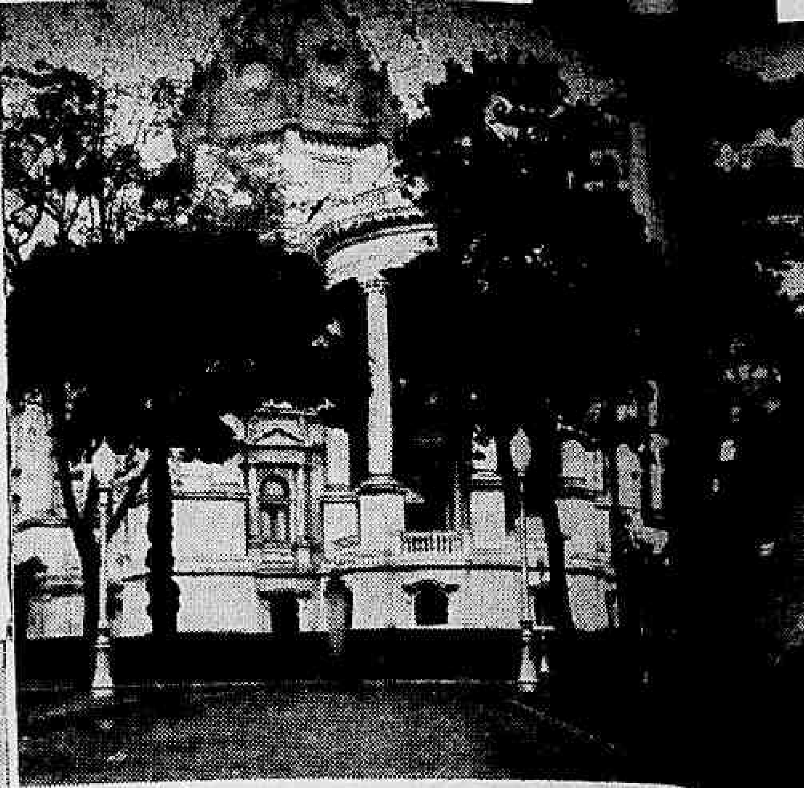
Parece enorme o vazio que se abre em frente à Candelária quando o comércio se fecha. O contraste, porém, é quase chocante: é a clareira dos banqueiros. Os carros são muitos e cada dia que se passa vão aumentando, e dimnuindo a possibilidade do estacionamento dos numerosos veículos.

ONDE ESTACIONAR

SÃO realmente tremendos os problemas do Distrito Federal, onde cresce uma cidade entre montanhas que, além disso, não foi preparada para o desenvolvimento que está tendo. A imprevidência dos administradores, descuidados e talvez descrentes de que a capital do país crescesse apesar dêles e de tudo, criou a situação da qual somos testemunhas.

Esta reportagem, que fala sobretudo através do seu documentário fotográfico, é uma síntese de um dos múltiplos problemas que tornam o Rio uma cidade maravilhosamente infernal.

Segundo os dados que nos foram fornecidos pela Divisão de Emplaca-





Nesta hora de tantas aperturas, não será aconselhável a construção de novo prédio para o Senado Federal? Mas que a demolição dêste edifício daria um pouco mais de espaço ao estacionaemnto de carros, não há dúvida. A esperança é a demolição do morro de Santo Antônio.



As armas de São Pedro e do General Câmara constituíam duas passagens angustiosas no centro da cidade. Aberta que foi a Avenida Presidente Getúlio Vargas, teve-se a impressão de que um espaço imenso

O J...
está...
inva...
veis...
rém,...
a m...
o a...
elev...
moti...
comp...
dro...
dad...

se...
leg...
me...
qu...
cul...
co...
fot...
nh...
rio...



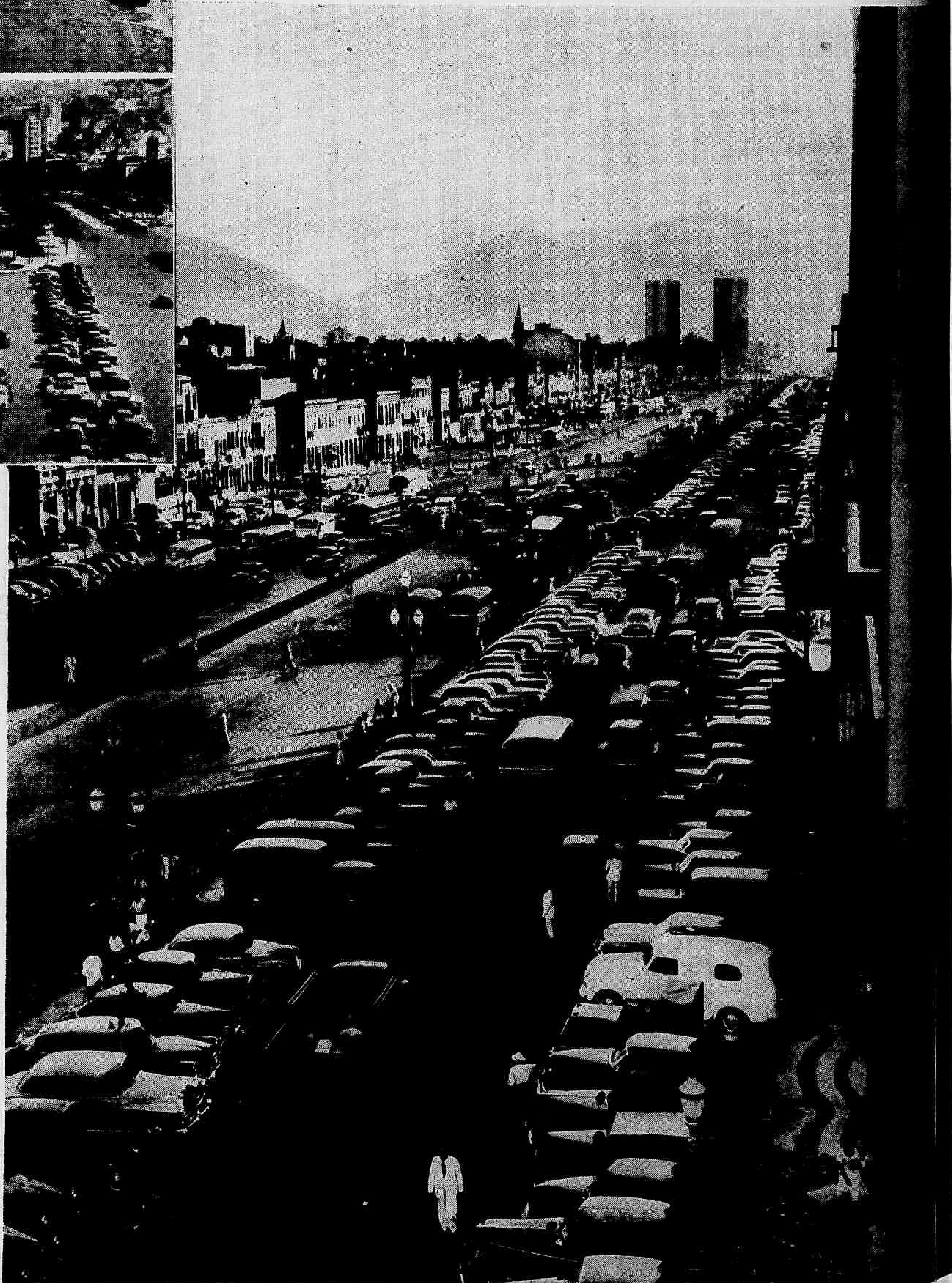


120.000 VEÍCULOS?

mento a situação do volume de veículos no Distrito Federal era a seguinte em 1951: automóveis — 68.045; caminhões — 43.336; ônibus — 3.232.

Nesta altura do ano de 1952, as cifras totais de certo se modificaram, sem dúvida para mais. Porque, segundo informações que obtivemos na Alfândega do Rio têem sido de 250 a 300 a média mensal de entrada de veículos desembarcados aqui. Isto sem contar os que não chegam pelo Rio, e são entregues em outros portos. Êstes hão de compensar pelo menos relativamente o montante daqueles que, desembaraçados aqui, são destinados a outros pontos do país.

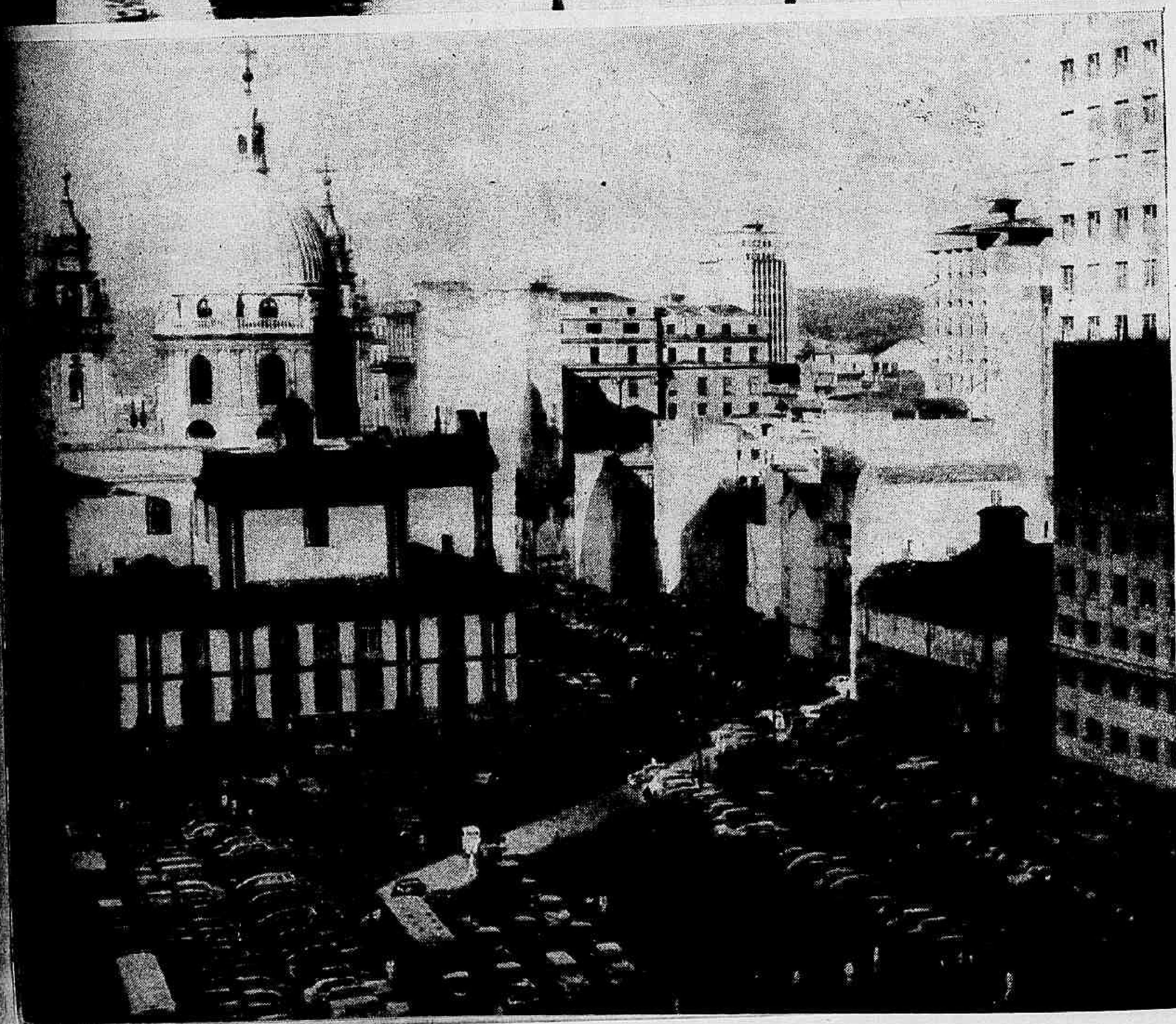
O Jardim da Glória já está, em certas horas, invadido pelos automóveis em fila. Aqui, porém, as filas de carros a modos que completam o ambiente. A vista do elevador se estende por motivos diferentes que completam um belo quadro daquele bem cuidado logradouro público.



se tinha criado ao tráfego e ao estacionamento. Mas o fato é que também ali os veículos já se acumulam como se pode ver na fotografia à direita, apanhada durante o horário de trabalho útil.



Êstes dois aspectos tomados de outro ângulo apanham os arredores da Candelária, um dos pontos mais disputados. Em certas horas quem precisa parquear um carro ali tem vontade de



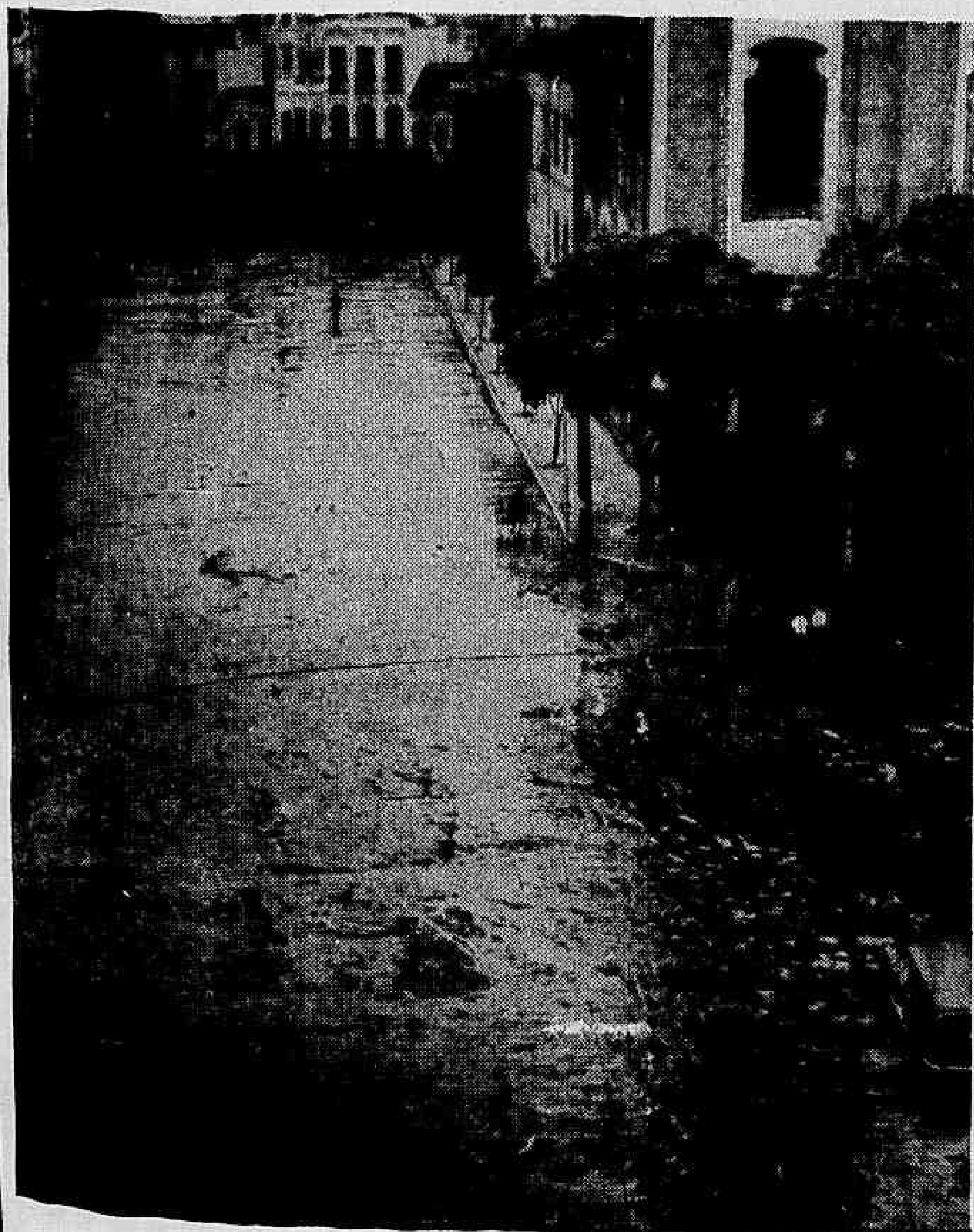
empurrar para o mar o velho pardieiro da antiga Alfândega, um espaço tomado ao estacionamento e um tampão prejudicando o arejamento da ampla avenida

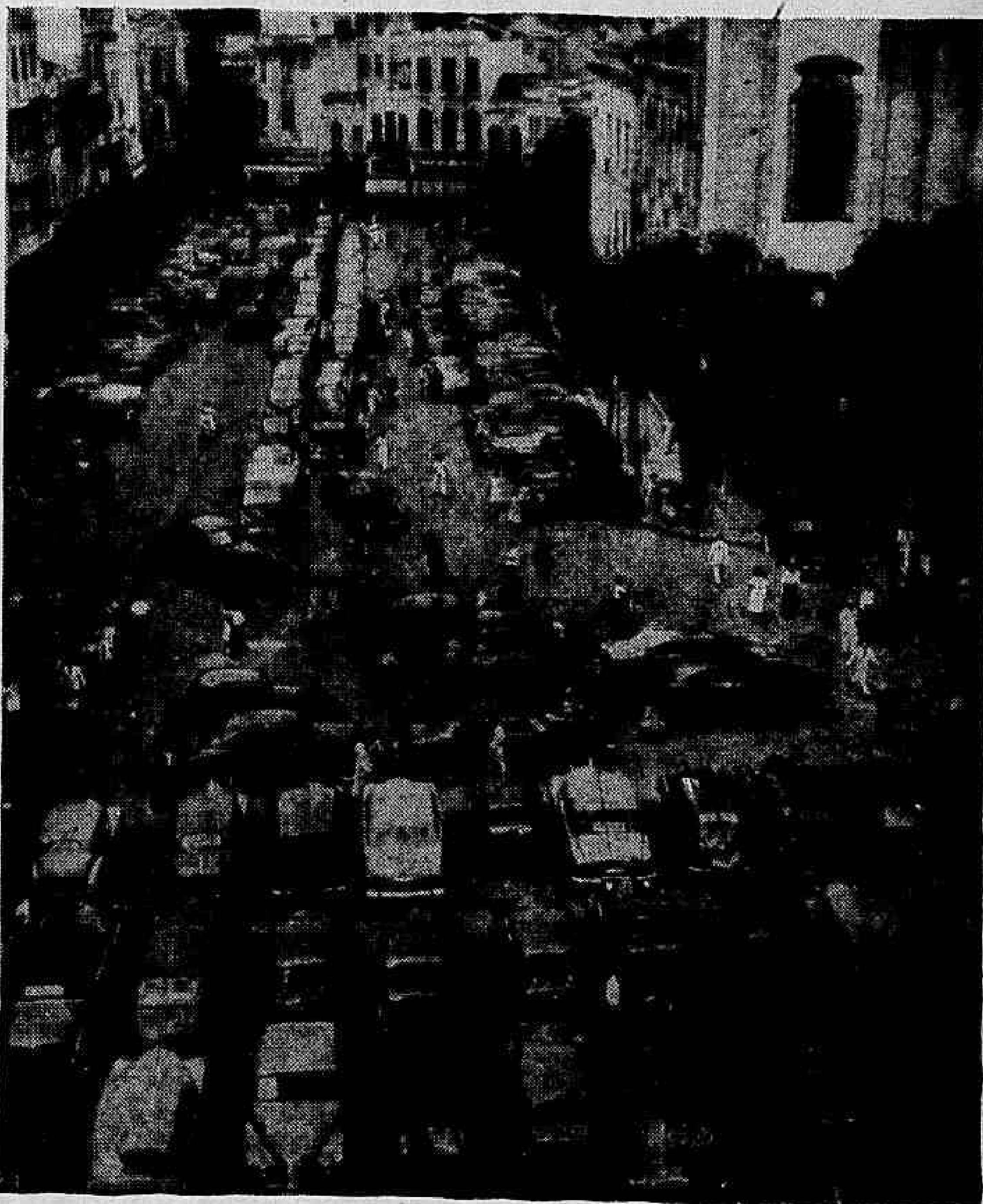
ONDE ESTACIONAR 120.000 VEÍCULOS?





O Largo de São Francisco quase nada resolve. A notícia da construção da Cidade Universitária poderia ter criado a esperança de uma complicação no Largo pela transferência da Escola de Engenharia. Mas estão fazendo obras no tradicional edifício, que será acrescido de mais um pavimento.





Outra hipótese de ampliação do Largo de São Francisco será a demolição de um dos nossos queridos templos da cidade. Mas ninguém gosta de demolir igrejas. A solução é mesmo a demolição do morro de Santo Antônio, até porque "subway" não aloja carros, embora alivie bastante o tráfego.



A Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE-BAILEY

— Você não pode contar sempre, diz êle a Jerry, que eu lhe vá arranjar bebidas. Tudo o que possuo hoje é um serviço de chá, palavra de honra! E um faqueiro de Sheffield.

Depois, como que se lembrando de mais alguma coisa, resmungou:

— E um tamboretinho para os pés.

— Sente-se, Barry! — Diz Jerry.

Barry tinha qualquer coisa de estranho e brilhante nos olhos. Apesar de tudo, Jerry não ocultava sua preocupação. Esta intranqüilo diante das estranhas atitudes do amigo. E repetiu o pedido:

— Barry! Senta.

Então o pobre rapaz se sentiu e começou a rir, a rir de tudo, a falar de tudo, com ares de quem está eufórico. Fizera sua valise e deixara um bilhete a Gordon. Quando se instalou no carro de Jerry, com os outros, estava a ponto de gritar a todos que ia enveredar por um longo caminho do qual não regressaria mais, e que o trabalho em que estava ocupado lhe era profundamente aborrecido, e assim seria sempre!

Assim, a excursão projetada por Leila, para ela e o seu espôso, se converteu numa farra permanente por êsses caminhos além através dos quais os jovens alegres e alcoolizados se entregavam a aventuras fantásticas, a memória vazia e a consciência pesada. E assim rodaram durante dias, hospedando-se nos albergues à margem das estradas, despertando os tranqüilos camponeses durante a noite com suas algazarras e risos, fazendo alegres companheiros de uma hora que êles deixavam em lágrimas e que os esqueciam na primeira curva do caminho.

Tais coisas escritas ao tom de velhas canções, pareciam pertencer à idade do ouro; mas, consideradas à luz do futuro de Leila e de Barry, tinham as côres de uma tragédia sem nome. E o carro de Jerry rodava e rodava, subindo colinas e as descendo, atravessando planícias de areia, contornando montanhas que faziam fundo de um horizonte à esquerda, até que, à direita surge a toalha de zafira do mar.

E então o destino os conduz justamente à pequenina cidade a que Leila se referia naquela carta a Barry. Quando entraram em suas ruas, alguém lhe pronunciou o nome, e Barry teve um lampejo na memória. Quem lhe falara naquelas ruas estreitas, de cujas janelas os vizinhos podiam apertar as mãos, a tagarelar? Quem lhe havia falado em tomar chá numa daquelas casas? E êle perguntou aos copanheiros.

— Quem disse que isto aqui era uma cidadezinha poética igual à dos contos de fadas?

Mas todos estouraram em gargalhadas diante dessa pergunta.

E um dêles respondeu:

— Você sonhou!

Mas o cérebre de Barry começava a trabalhar. Meteu a mão em seu bôlso e achou a carta de Leila. Passou-lhe os olhos e achou o nome daquela localidade.

— Eu não sonhei! — Não senhor! — Brada êle triunfalmente. Quem me disse foi minha mulher!

— Acorda, ó rapaz! Acorda e dá graças a Deus por estar ainda solteiro!

Mas Barry continuava agitado:

— Minha mulherzinha me disse... Leila!

E com um grito súbito, êle se lança para a frente como se quisesse pular do auto. Seu braço bate no motorista que estava a seu lado. O carro deu uma guinada para um lado, violentamente. As ruas eram estreitas, tão estreitas que um morador vis a vis de outro podia conversar em voz natural e apertar a mão sem dificuldade. E se deu um choque terrível. Jerry não se feriu, nem tão pouco os outros folgazões. O chofer pouco sofreu. Mas Barry foi projetado de encontro aos degraus de pedra de uma dessas curiosas casas da pequena cidade e se feriu mortalmente, tendo ainda nas mãos a carta de Leila, avermelhada de sangue. Estava morto.

Quem deu a notícia a Leila foram Porter e Mary. O general não teve coragem, e lhes pediu que se incumbissem dessa missão.

E explicou, com a maior dor:

— Eu não poderia dar a minha filha tão má notícia. Eu já enfrentei canhões em batalhas, mas não teria coragem para ver os olhos desesperados de minha querida filhinha.

Assim, foi pela interferência de Mary que a pobre espôsa-criança soube da desgraça. Barry morrera num acidente.

Porter, tentara amenizar a situação e balbuciara alguma coisa sôbre certo acidente do qual resultara graves ferimentos em alguém. Os médicos procuravam evitar o desenlace fatal. Mas estavam inquietos. Leila, ouvindo aquela história estranha, olhava de um para o outro, com tremores pelo corpo.

Percebendo tudo, ela gritou alucinada:

— E' preciso que eu vá para junto dêle! Vocês sabem, eu sou sua mulher! Devo ir imediatamente para seu lado!

— *Sua mulher?*

Mary e Porter podiam esperar tudo, menos por isso.

— Sim. Nós nos casamos, vai fazer um ano. Fugimos e nos casamos.

— Quando foi isso, querida?

— Em março, em Rockville, e devíamos ter confessado tudo logo no dia seguinte. Mas Barry perdeu o seu emprêgo, e preferimos deixar em silêncio.

Mary, numa explosão de sentimentos amorosos e de solidariedade, abraçou Leila a exclamar:

— Oh! Pobre Leila, queridinha! Tão criança e já viúva! Pobre menina!

E continuou a murmurar-lhe como se quisesse receber em sua própria alma os sofrimentos da outra:

— Leila, Leila, minha queridinha, meu coração, vai ser preciso que nos amemos e nos consolemos mutuamente!

Leila soube de tudo, mas sem os detalhes como se dera o acidente fatal. Não quiseram que ela soubesse da maneira por que Barry morrera. Seria preferível deixar isso em segrêdo, sem que ela viesse a conhecer dos detalhes. Seria aumentar-lhe os sofrimentos morais. Barry devia ficar sempre como um herói.

Fôra da prima Patty a idéia de fazer ir Roger a Washington.

— Êle poderá se ocupar de mim, Mary. Caso você não deseje que eu me vá, não quero tornar-me incômoda a você.

— Você jamais seria um incômodo para mim. E eu pergunto a mim mesma, o que teria sido de nós duas, tia Isabele e eu se não fôsse você.

Mary começou a chorar em silêncio, com discrição, e a prima Patty, reconfortando-a, pensava com seus botões: "Roger virá e poderá consolá-la com suas palavras".

Até então não haverá pessoa alguma que soubesse falar a Mary. A dor que sentia nalma, a ferida em seu coração era tão profunda que, a seu ver, não poderia haver nada no mundo que cicatrizasse aquêle golpe. Gordon procurara amenizar o ocorrido à medida do possível, mas não pudera ocultar tôda a história. Ela sabia que Barry, seu pobre Barry, em quem ela tanto confiara, havia deixado êste mundo, completamente vencido.

Foi Roger que veio em seu socorro. Na sua chegada êle, a encontrou sentada no jardim, sòzinha, ao pé da fonte. Era um dia de primavera e pesadas nuvens encobriam o horizonte. Esguia e fragil em seu vestido negro, ela se ergueu para recebê-lo, fantasma daquela jovem que se evaporara um dia, como uma flor, em seu "manteau" de sêda vermelha.

Roger toma-lhe as mãos e as encerra nas suas.

— Pobre menina! — Diz êle — Pobre criaturinha!

Mary não chora mais. Olha simplesmente para Roger e exclama muito pálida:

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

MARY BALLARD, órfã de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer face às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. O casamento de sua irmã Constance, deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão Barry, mais jovem que ela. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico de nome Porter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do «Dia de Graças» êle apareceu na reunião íntima, integrando a festa como um dos convidados. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as atenções. Mary ficou encantada, mas não dava demonstração de estar apaixonada por êle. Roger sentia aumentar suas paixão para com Mary, mas a diferença de idade era um entrave. Depois do Natal estava sòzinho em seu apartamento, lendo, quando Mary pediu licença e entrou. Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios, e fôra ouvir a sua opinião. Mas o inquilino achava que ela devia casar-se, dedicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Leila e Delilah foram com Porter, Mary e o general Dick assistir a um exercício de cavalaria e evoluções de artilharia, e Barry, aproveitando estar a sós com Leila, declara seu amor. Mas o amor entre ambos é coisa secreta. Barry, porém, revela-o à irmã, Mary, e esta procura ouvir a opinião de Roger sôbre o assunto. Roger se oferece para ir buscar Barry, que está ausente de casa e do trabalho sem ter dito nada a ninguém. Mary não sabe como agradecer tanta gentileza de Roger, o qual vai «descobrir» o fugitivo ao lado de Leila e do general Dick, seu pai, numa praia de banhos e lhe dá muitos conselhos úteis. Em setembro todo mundo volta a Washington, inclusive a irmã de Mary com seu espôso, Gordon, que reconhece em Roger Poole um antigo colega de colégio. Roger confessa que se dedicara à vida religiosa, tendo dirigido uma igreja evangélica; mas depois abandonara as ordens. Roger acha que terá de confessar a Mary êsse episódio de sua vida, o que faz através de uma longa carta. Depois de ler a carta de Roger, Mary foi à igreja, onde meditou durante largo tempo, resolvendo convidar Roger para tomar chá em sua companhia, mas êles dois, a sós. Mary conduziu a palestra no sentido de Roger voltar às suas funções como pastor de uma igreja. Mas êle parecia resistir, embora estivesse adorando as sugestões e a fôrça de fé que a jovem possuía. O problema de Barry é discutido e Gordon parece não aprovar os amôres do rapaz com Leila, bem como não via com bons olhos qualquer tentativa de Roger para entrar na família, casando-se com Mary. Roger, que se ausentara, escreve uma carta a Mary. Em casa de Mary a situação se inclina para separar Barry de Leila. Gordon propõe levá-lo para Londres, onde lhe daria emprêgo. Apesar de ter concordado com a sua viagem para a Europa Barry ilude a vigilância e casa-se, secretamente, com Leila, mantendo o caso em segrêdo. Quando êle voltasse, então, tudo seria revelado e se uniriam. Leila estava repassada de paixão e cai, chorando nos braços de seu pai, que não pode adivinhar o que está acontecendo. Mary resolveu falar a Porter sôbre a carta que recebera de Roger, e Porter ficou consternado diante da fugidia esperança que alimentava de casar-se com ela. Tia Frances e Porter foram os que mais se mostraram indignados com os propósitos da moça de trabalhar como estenógrafa no Ministério das Finanças, e Gordon não ocultava sua contrariedade. Delilah levou Porter para tomar chá com ela e ali contou como iniciara relações de amizade com o seu hoje amigo íntimo Colin Quale, exímio desenhista de modas femininas. Durante o conhecimento que Porter fêz com Colin Quale, soube que o artista conhecera a Roger Poole e à espôsa do mesmo, mostrando-se muito interessado pela novidade. Nesse ínterim, Mary escreve longa carta a Poole, contando os episódios mais emocionantes. À carta de Mary, Roger respondeu com uma outra na qual falava de seus trabalhos e dava informes acêrca de sua prima Patty, de quem Mary pedira notícias. Porter estava ansiando por encontrar um momento que lhe proporcionasse mostrar a Mary o retrato da mulher de Poole, pintado por Colin Quale. Então mandou que Leila a convidasse para darem um passeio de auto pela cidade. Porter deu várias voltas, até que consultou a tôdas se desejavam fazer uma visitinha a Delilah. Tudo ajustado, êle a levou até lá. Mas sua intenção era a de mostrar o tal retrato a Mary. Mas Porter não teve coragem de revelar aquêle segrêdo. A conversa pendeu para férias, enquanto todo mundo tomava refrescos e comia bolinhos. Porter, não podendo suportar mais, confessa a Mary que a levara ao atelier de Colin apenas para mostrar o retrato da mulher de Roger. Mary, porém, não se perturba. Mas diante do que lhe dissera Porter, seu espírito começa a vacilar. Chegou mesmo a pensar que a carreira de funcionária pública não lhe servia. Em fevereiro Roger escreveu uma carta a Mary sabendo se era possível hospedar sua prima Patty na vivenda dos Ballards, tendo Mary aprovado o programa. Patty vinha a Washington a fim de assistir à posse do Presidente, no qual votara. Porter foi com Mary, à estação e a receberam. Nos dias seguintes Patty muito passeou e visitou as famílias das relações de Mary.

— Não é justo que êle viesse a morrer assim. Êle havia lutado tanto! Êle havia lutado tanto!

— E' exato. E é da grande batalha que êle travou lá, que você deve lembrar-se sempre.

— Mas lutou tanto para, por fim, deixar-se vencer!

— Não pense dessa maneira.. Não posso imaginar Barry, a não ser procurando lutar e vencer. Êle faz parte de uma gloriosa côrte.

— Uma gloriosa côrte, Barry?

— Sim. Porque não? Nós somos julgados conforme nossa batalha, não conforme nossa vitória.

Mary deixa escapar um profundo suspiro.

— Todo mundo está cheio de piedade. Ninguém parece ter podido compreender.

— Talvez que eu seja capaz de compreender, diz êle, pois eu sei o que é lutar e ser vencido.

— Mas você acabou triunfando!

Um pouco de sangue tingiu as faces pálidas de Mary, que concluiu:

— A prima Patty mo disse.

— E' verdade. Você me traçou a rota. Eu procurei segui-la.

— Como era eu ignorante, exclama ela impetuosamente, quando lhe falava sôbre a vida! Eu pensava saber muito.

— Você sabia o suficiente para ajudar-me. Se eu puder ajudá-la agora, isso será da maior justiça.

Êle a estava ajudando com a sua simples presença.

— Você acha que Barry estêve lutando sem cessar e saindo vencedor do combate. Pensa que se possa morrer na luta?

— E' muito possível. Nada mais legítimo do que ser vitorioso, no final. Há pessoas que nunca foram tentadas, e cujas virtudes são negativas. O que fêz o caráter de um homem é, precisamente, a resistência oa mal, não o fato de haver ignorado o mal. Além disso, o que importa não são os julgamentos humanos no veredito final.

Roger ainda lhe disse outras coisas a fim de atenuar-lhe o estado de desespêro. Outros deploravam Barry. Roger o defendia. Mary começava a evocar seu irmão, não como sua imaginação o havia projetado, errando em noite sombria, mas com a cabeça erguida, — sua bela cabeça loura, — levando à mão brilhante espada, a lutar com todo o seu fervor contra o demônio, caindo, re-erguendo-se, estrebuchando e outra vez se levantando.

Roger a via se refazer à medida que o escutava, e o amor que êle sentia por ela lhe ia ensinando as palvras que precisa dizer-lhe. Enquanto êle falava, ela também ia percebendo a mudança que se havia produzido em Roger. Já não era mais quêle Roger Poole dos "Chambres de la Tour". Era um Roger Poole redivivo, ressuscitado. Ela o podia ver em tôda a sua pujança, ouvir-lhe a voz, isto brilhava em seus olhos, representava para Mary um clarão de vitória. Alí estava agora um homem que não temia a nada neste mundo, mesmo os cochichos e trancinhas que tanto o magoaram antigamente.

antigamente.

As nuvens se acumulavam por sôbre êles, escondendo o azul do céu. As fôlhas turbilhonavam nas aléias, agitadas pelo vento que fustigava os ramos e galhos de arbustos e roseiras onde repontavam milhares de botões. A poeira do jôrro da fonte esvoaçando parecia cobrir de névoa o rosto da estatueta de bronze com o seu sorriso jocoso.

Mary e Roger não perceberam as proximidades da borrasca. Cada um estava interessado em saber o que o outro pensava, e êsse re-encontro dava à moça a impressão de que acabava de renascer para a vida. E ela falou de seu futuro.

— Constance e Gordon querem que eu vá até lá, unir-me a êles. Mas isso me parece prejudicial a meu trabalho. Não me sinto com ânimo para deixar o meu emprêgo. Mas, por outro lado, eu me sinto esmagada pela solidão desta casa. Seria possível pensar que eu fôsse tão covarde?

— Você não é covarde; você é mulher. e deseja o que lhe pertence.

Mary estava sentada e muito calma.

— E eu pergunto a mim mesmo, o que é que pertence a uma mulher.

— O amor, um lar, a felicidade.

— E pensa que eu desejo essas coisas?

— Eu sei que deseja.

— Como o sabe?

— Porque você procurou o trabalho e êle falhou; procurou a independência e também esta lhe falhou; procurou a liberdade, e ainda esta se converteu em servidão.

Roger estava novamente possuido daquele senhor que tivera quando recebera a carta de Mary e a lera no vestíbulo da casa da prima Patty. Se Mary desejara ir até êle, não haveria mais solidão. Seu amor encheria tôda a vida daquela moça, e ela teria também o amor de todos os seus. Ela conquistaria os seus corações, enquanto êle ganharia suas almas. Sòmente ela podia apreciar tudo isto como suficiente para formar com êle na luta pela vida.

Mas Roger temia que ela não pudesse apreciar bastante tudo o que lhe poderia dizer, pois não era aquêle o momento para isso, uma vez que a dor apertava pesadamente o coração de Mary. Assim, tornando-se cego e cruel para si mesmo, êle reteve as palavras que estavam bailando em seus lábios.

— Um dia a vida lhe oferecerá o que lhe pertence, diz êle, enfim. Peço a Deus que assim suceda.

No espírito de Mary perpassou aquêle conceito de Browning, a frieza de seu significado: "Um dia que quer dizer jamais".

Ela estremece e se levanta.

— Vamos entrar. Vem aí muita chuva e vento.

Roger se levanta e a olha. Também Mary o olhava, com seus olhos claros, mas agora ensombrados pela dor. O que poderiam ter dito um ao outro foi detido pela tristeza e pelo desespêro. Não deviam falar, pois a tempestade já estava sôbre suas cabeças, o vento os impelindo, batendo portas e janelas, sacudindo os postidos da grande casa, quando ambos entraram. Era um ciclone em miniatura naquela súbita violência.

Como se viesse trazido pelas asas da ventania que soprova, apareceu Porter Bilelow, rosto afogueado, sua longa capa batendo nos calcanhares. Ao deparar Roger, estacou como que perplexo:

— Olá, Poole! Quando chegou?

— Esta manhã.

Apertaram-se as mãos, mas o semblante de Porter não denunciava nenhuma satisfação.

— Que temporal! — Diz êle, quando estavam os três já dentro de casa, olhando para o jardim.

A chuva caía em bátegas, relâmpagos brilhavam e os trovões ribombavam.

— E' o primeiro temporal da estação, diz Mary. Êle vai despertar a natureza.

— Lá no sul já a natureza está tôda despertada, diz Roger. Se você pudesse ver os nossos jardins! Quer vê-los? Indaga êle apaixonadamente.

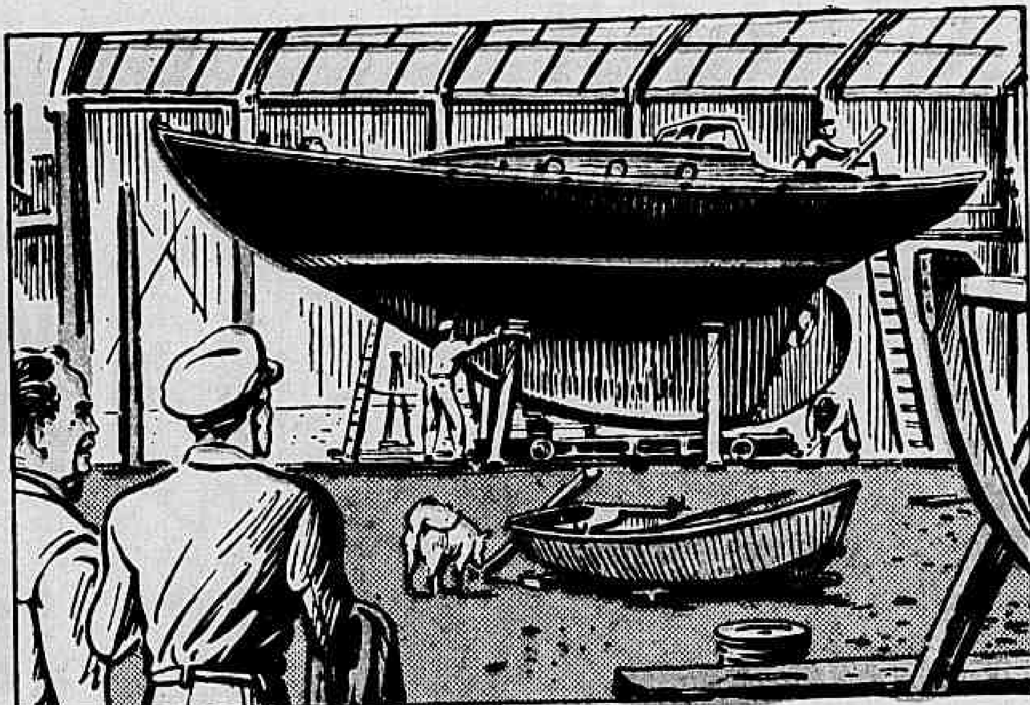
— Meu trabalho...

(Continua na pág. 48)

Tradução de RENATO DE ALENCAR
Ilustração de JERONYMO RIBEIRO



Aventuras do Capitão Rob
Uma Aposta Temerária

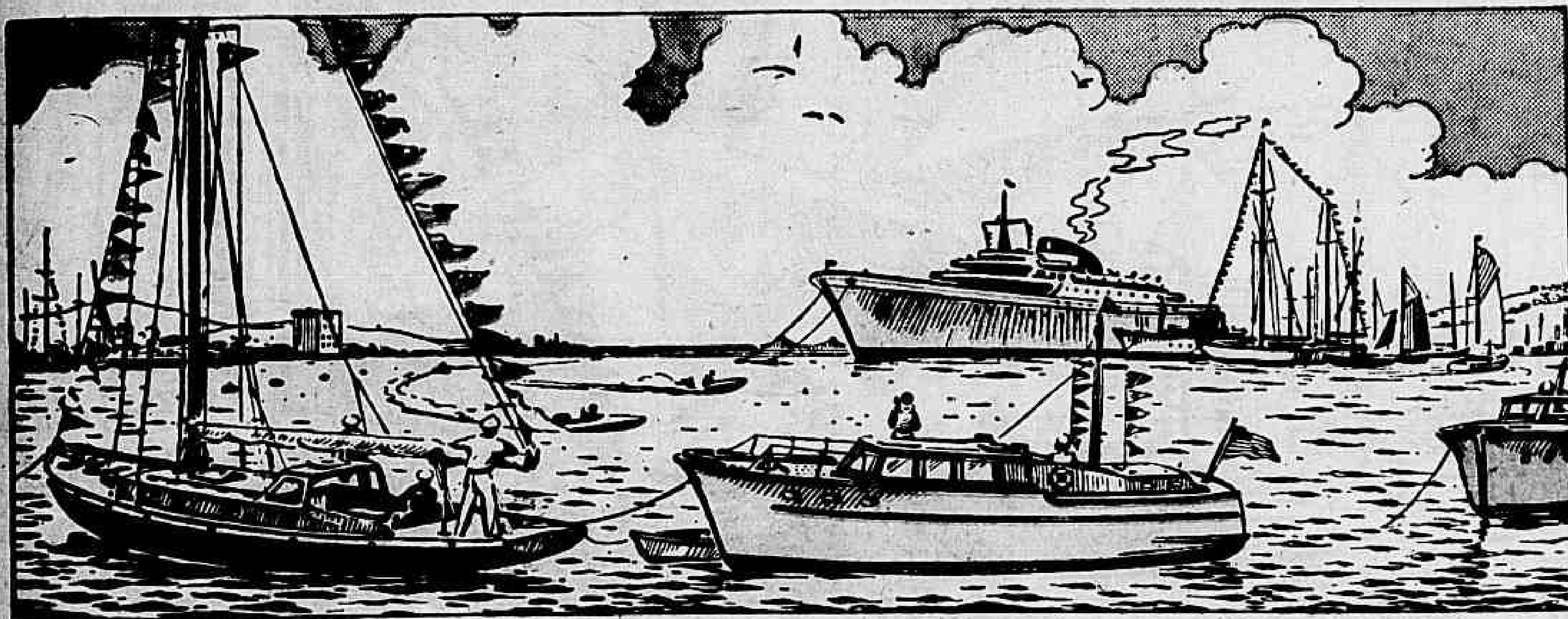




1 Imediatamente após sua chegada Rob correu para o estaleiro onde seu novo iate estava sendo construído. O Sr. Morris, o diretor, veio recebê-lo: "Venha cá! — gritou êle "Bem sei como está alegre!". E, ao entrarem na coberta onde estava o "Liberty II" prestes a ser concluído, Rob não conteve uma exclamação de surprêsa: "Muito bonito, Mr. Morris, uma esplêndida obra-prima, na verdade!" Rob não exagerava. "Liberty II" era uma beleza, a última palavra no gênero e munido de motor. O bravo marujo solitário examina o novo barco, que, dentro de mais alguns dias estará pronto.



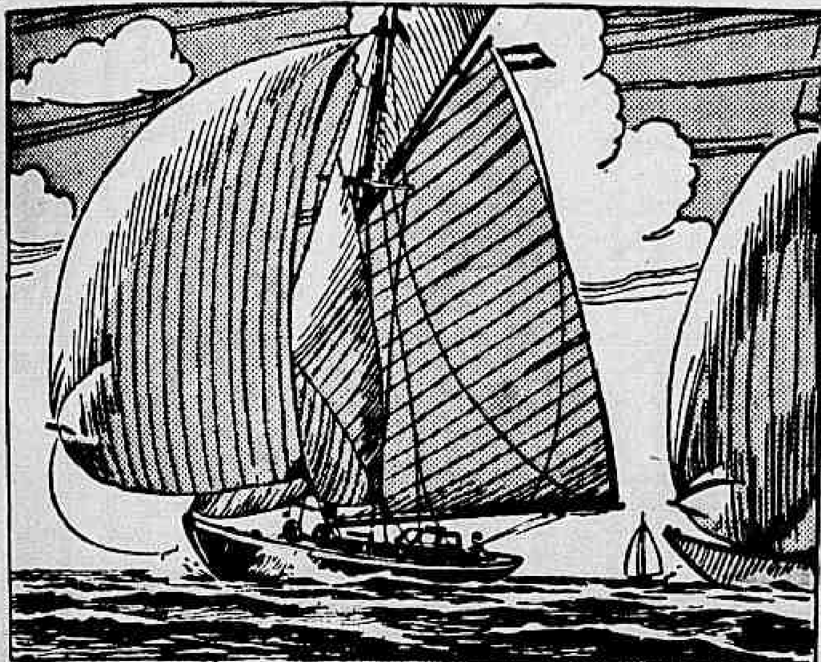


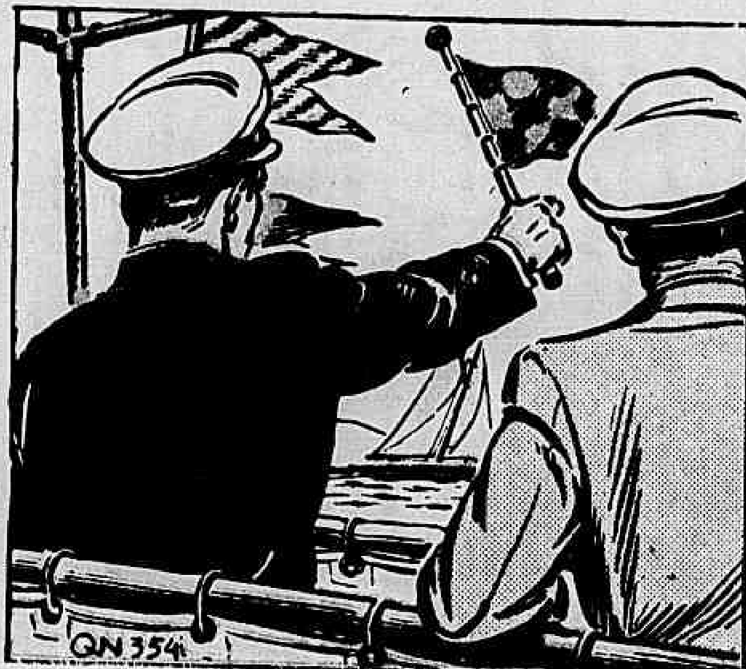
2 Finalmente chegou o dia almejado. Numa linda manhã o novo "Liberty" foi dado como concluído. Willy e Marga, as duas destemidas companheiras de Rob em tantas aventuras, serviram de madrinhas. À cerimônia da quebra da garrafa de champanha na quilha, elas exclamaram: "Felicidades!", enquanto o pequeno barco deslizava para as águas. Quando tudo estava pronto a bordo, Rob convidou Mr. Morris para uma ligeira excursão. O tempo estava lindo e soprava uma brisa fresca. Rob lhe disse: "Neste barco iria ao fim do mundo e começaria a viagem mesmo que fôsse amanhã... Estou jubiloso!"




3 Êle estava com vontade de ir até ao fim do mundo. Mas isso não era possível. Contudo, ali mesmo, naquele dia, Rob poderia mostrar ao mundo o que podia fazer com o seu iate. Havia uma corrida de barcos a motor e a vela, e êle se inscreveu e convidou seu novo amigo, Roy, para tomarem parte na luta. Rob queria mostrar do quanto era capaz o seu "Liberty II", e do que poderia êle mesmo fazer em matéria de navegação. Primeiramente se exibiram os botes a motor. Quando chegou a vez dos veleiros, Rob estava excitado. Muitos outros iates tomavam parte na regata. Mas Rob estava confiante.

VOLTA O CAP. ROB A AGIR NO MUNDO DAS AVENTURAS MARITIMAS NAS DISPUTA PERIGOSISSIMA DE UM CRUZEIRO ATRAVÉS DO PACÍFICO, ENTRE CONCORRENTES DE MÁ FAMA E UM MILIONÁRIO CUJAS INTEÇÕES NÃO SE SABE ATÉ QUE PONTO VÃO







4 Foi uma regata sensacional. Rob empregou tôda a sua técnica a fim de tirar do "Liberty II" todo o seu poder de velocidade. Desde logo o seu barco começou a figurar como o mais capaz de vencer. Seu maior competidor era o "Laura", vencedor da regata anterior. Mas o "Liberty II" se manteve à frente até transpor a linha da vitória. Ao receber o troféu, Rob é apresentado ao dono do "Laura", o milionário John Brookfeller. "Vai demorar ainda na América?" — pergunta-lhe. "Não — responde Rob. — Depois de atravessar o pacífico, pelo arquipélago malaio, vou descansar um pouco. O milionário ri.

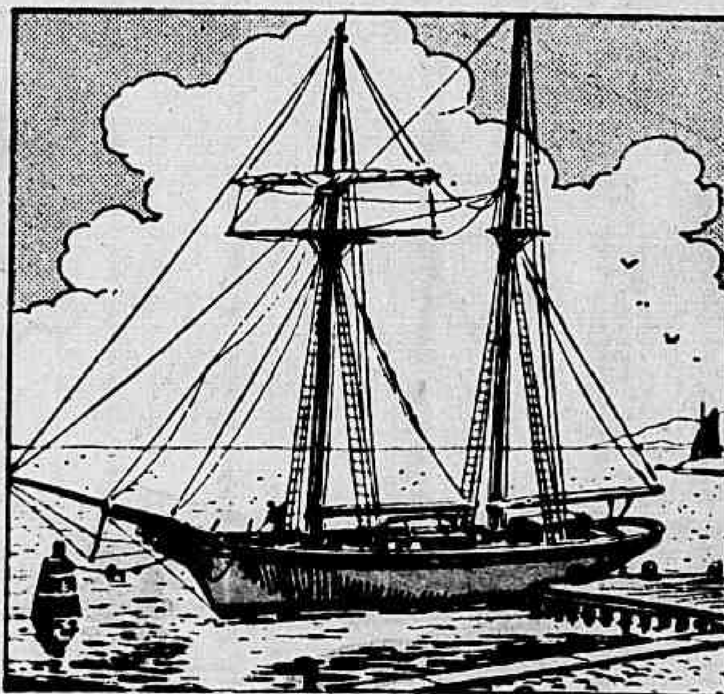






5 O milionário, ao rir daquela maneira, tinha qualquer coisa oculta no espírito. Êle arquitetava uma vingança pela derrota na regata. À noite, quando o Clube dava recepção, êle entrou com uma proposta para Rob: "Seu "Liberty II" é um belo barco. Mas para longas distâncias o meu é melhor", diz. Rob encolhe os ombros. E o milionário propõe um cruzeiro entre ambos: uma viagem à Holanda, pátria de Rob. Mas Rob não queria isso, e sim viajar à sua vontade. Quando Rob e Roy iam dançar com Marga e Willy, Brookfeller disse: "Ofereço 500 mil dólares ao vencedor! Rob sorriu e pensou em aceitar.







6 Quando se espalhou a notícia de que o milionário oferecia tanto dinheiro a quem vencesse a travessia até à Holanda, todos os "lôbos do mar" se animaram. O aventureiro marujo "Cigarrette-Lary", dono do "Memphis", homem de 30 anos, ficou empolgado. Êle se inscreveria como um dos candidatos à bolada. E foi com muita surprêsa que o milionário Brookfeller o recebeu em seu escritório a fim de fazer a inscrição. John conhecia o "Memphis", uma velha escuna de marcha lenta, e que estava fora das condições da corrida, isto é, com barcos de quatro mãos. Com certeza êsse Lary queria fazer bagunça.

O SAPATEIRO DE SANTO CRISTO

Conto de O. GOMES DE CASTRO

TUDO poderia faltar numa grande cidade, menos um bairro como aquêle. A questão é ouvir, analisar e compreender Santo-Cristo. Barulhento. Centenário. Mutável de instante a instante, como as pontes de Constantinopla, por onde passam numa hora, em promiscuidade, tôdas as raças humanas. Um acidente qualquer no trânsito. Ei-lo atravancado de caminhões pesados buzinando, carrocinhas, bicicletas, bondes apinhados, operários suarentos, judeus apressados, turcos berrando, moleques em disparada roubando frutas, mulheres da rua, andrajosas, bracejando escandalosamente. Minutos depois, tudo se transmudava. A estreita rua dormia molemente, ao som do realejo que um italiano rodava a manivela divertindo um grupinho de crianças lá numa esquina avermelhada pelo sol morno de fevereiro. E de novo inesperadamente, como um dragão fabuloso, sem podir caminho, surgia o progresso, zunindo rodas metálicas, buzinando, bufando lama, comprimindo as multidões em calçadas estreitas. E Santo-Cristo agitava-se estrondosamente. Por vêzes, aquela promiscuidade atingia paroxismos trágicos. Aparecia então a ambulância, tilintando o socorro para retirar o esmagado todo sujo de pinche. Logo adiante, estalava uma bofetada escandalosa. Um rapaz a correr cìnicamente. E a mulher em desalinho, as mãos na cintura, a cuspir, gritando palavrões, gesticulando deboches, divertindo os transeuntes amotinados. O dragão de aço continuava correndo, ameaçando os incautos e indiferente àquelas cenas de calçada.

Numa salinha estreita trabalhava o sapateiro. Sempre curvado sôbre o ofício raras vêzes levantava a cabeça para ouvir a gritaria da rua. Alexandre pelos pés, reconheceu o amigo.

— Sente-se — pediu, apontando o banquinho.

O outro suspirou. Reclamando contra o calor. Depois sentou-se:

— Que livro é êste que você gosta de ler? — perguntou, apontando com o cigarro a gavetinha aberta do amigo de infância.

Alexandre deixou a sola que cortava. Segurou o livrinho:

— Ah! Isto é uma jóia, meu amigo. "Viagens na minha terra" de Garret.

— Já ouvi falar... Literatura antiga...

— Literatura eterna. Olhe. Repare êste movimento aí fora. Pelas ruas o Sancho Pança. Pelas calçadas, lá vai êle, o magro e idealista D. Quixote, arrastando filosóficas sandalhas, conduzindo a velha Humanidade, na sua marcha sem programas para o futuro. Compreende?

Balançou a cabeça que sim. Parecia preocupado. Alexandre guardou na gaveta o livrinho. Abaixou a cabeça e recomeçou a cortar solas. Rogerio caminhou até à porta. Depois regressou. Sem coragem de tocar no assunto. O lugar era impróprio...

— Falar em programa, Alex, você tem onde ir logo à noite?

— Sim. Para casa — respondeu sorrindo, sem erguer o rosto.

Rogério vacilou um instante. Parou alguns minutos à porta. Depois retirou-se irritado consigo mesmo. Era a terceira vez que lhe acontecia aquilo. De lhe faltar totalmente a coragem ao enfrentar a fisionomia enérgica e fechada do amigo. Admirava o silêncio de Alexandre. Além de pobre, infeliz no casamento. E os jornais fizeram escandaloso romance da infelicidade do sapateiro. Fotografaram-no em atitudes dolorosas quando aturdido no vendaval da desgraça. Sabia que fôra grande surprêsa para êle a fuga da espôsa. Passou, então, a visitá-lo mais a miúde. Diàriamente. Impressão de que o pobre Alex, trabalhava o dia todo, cabisbaixo, pensando em Doralice. Pretendia apontar-lhe um caminho. Mas o olhar triste do outro desorientava-o. Frente a frente sentia-se mudo ante a silenciosa majestade do outro suportar a sua desdita. E ainda falar em Garret. Literatura eterna. Iludindo-se a si mesmo...

Na verdade Alexandre sofria. O desastre acontecera no mês em que pretendia mudar de ofício. Um emprêgo arranjado por Rogério. Passada a tempestade surpreendeu Santo-Cristo reabrindo a portinha da oficina. E trabalhava em silêncio, até que a vermelhidão da tarde vinha doirar a estreita sala poeirenta.

Quando anoitecia, então, enquanto sombras de vagabundos passeavam pelas esquinas piscando cigarros amorosos, fretinia, como cigarra mágica a fláuta do sapateiro, lá no primeiro andar, adormecendo Santo-Cristo. No silêncio imenso da noite, a rua ressonava. Como um dragão em sonhos libidinosos, com patas de cavalos, caminhões pesados babando farinha, rodas de bondes, tamancos de operários, sandalhas de filósofos andrajosos e ruídos de beijos.

Alexandre, num dado momento, repousou vagarosamente a fláuta na mesa e pôs-se a ouvir. Em seguida levantou-se e foi até à porta do quarto. O luar branquejava a camisolinha de Alice. De pé, segurando a grade da cama:

— Quero água com açúcar — repetiu, deixando a cabecinha no ombro dêle.

— Espere um pouco...

— Não. Quero ir também com o senhor. E dormir lá na sala.

Carregou-a para lá. Sentou-a na cabeceira da mesa. Regressou ao quarto e trouxe o colchão. O travesseiro na cabeça. Alice recebeu-a sorrindo. Satisfeita com a claridade da sala. Relanceou um olhar pelos papéis espalhados sôbre a mesa:

— O senhor está escrevendo? Onde está minha mãe? Não vai escrever também?

Trouxe o copo. Desnorteava-o a última pergunta da filha. Queria que ela esquecesse. — E' preciso dormir, Lili! Já é tarde.

— Sim. Então arrume a minha cama perto do senhor e toque a "saudade do matão".

Voutou à mesa esegurou a flauta. Minutos depois Alice fechou os olhinhos.

A janela iluminada, parecia um ôiho da rua escura, fitando com insonia as estrelas pequeninas no alto do céu. A mostálgica e triste "Saudade do Matão", adormecia Santo-Cristo e a filha do sapateiro. Alexandre chegou à janela. Cigarros acesos, dansavam nas esquinas desertas. No silêncio imenso da noite o ladrar abafado e longínquo dos cães. De cotovelos na janela, merguihou a testa entre os dedos. Durante longos meses o seu espirito caminhou desnorteado em busca de uma explicação para o desastre que desabara sôbre êle. inesperado. Súbito e brutal. Acusava a sua paixão pela literatura o móvel daquilo tudo. Doradice foi se empolgando pelo que êle escrevia. De uma feita ergueu para êle os olhos inteligentes.

— Alex! Encontrei um título para seu livro de contos! "Contos Bíblicos", Alex. Não acha bom? Contos Bíblicos, meu marido!

Mas a dificuldade de os publicar?!

Aconselhada pelas amigas, Doralice começou a procurar as "Revistas". Num instante a casa pequenina do contista transformou-se em ponto de reunião de literatos. Quem mais falava era a espôsa. Quando todos se retiraram, abraçava-o. Protestando contra a mudez rancorosa dêle. Sim. Rancorosa, Alex! Que bobinho! Você é um artista, precisa de um empresário... E não parava mais em casa, às voltas com granfinas.

Afastou-se da janela arrancado de seus cismares pelo choro da filha.

— Que foi, Lili? — ajoelhou-se perto dela.

— Mamãe está demorando! — ergueu para êle o rostinho angustiado.

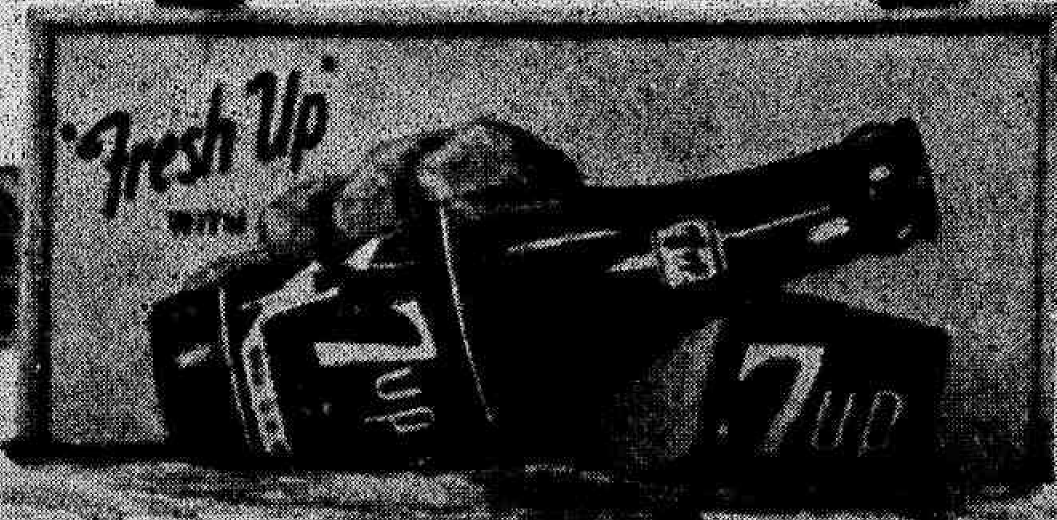
— Não disse que era melhor você dormir lá no quarto?

— Não! Não! Lá não quero! — e deitou-se novamente.

(Cont. na pág. 44)



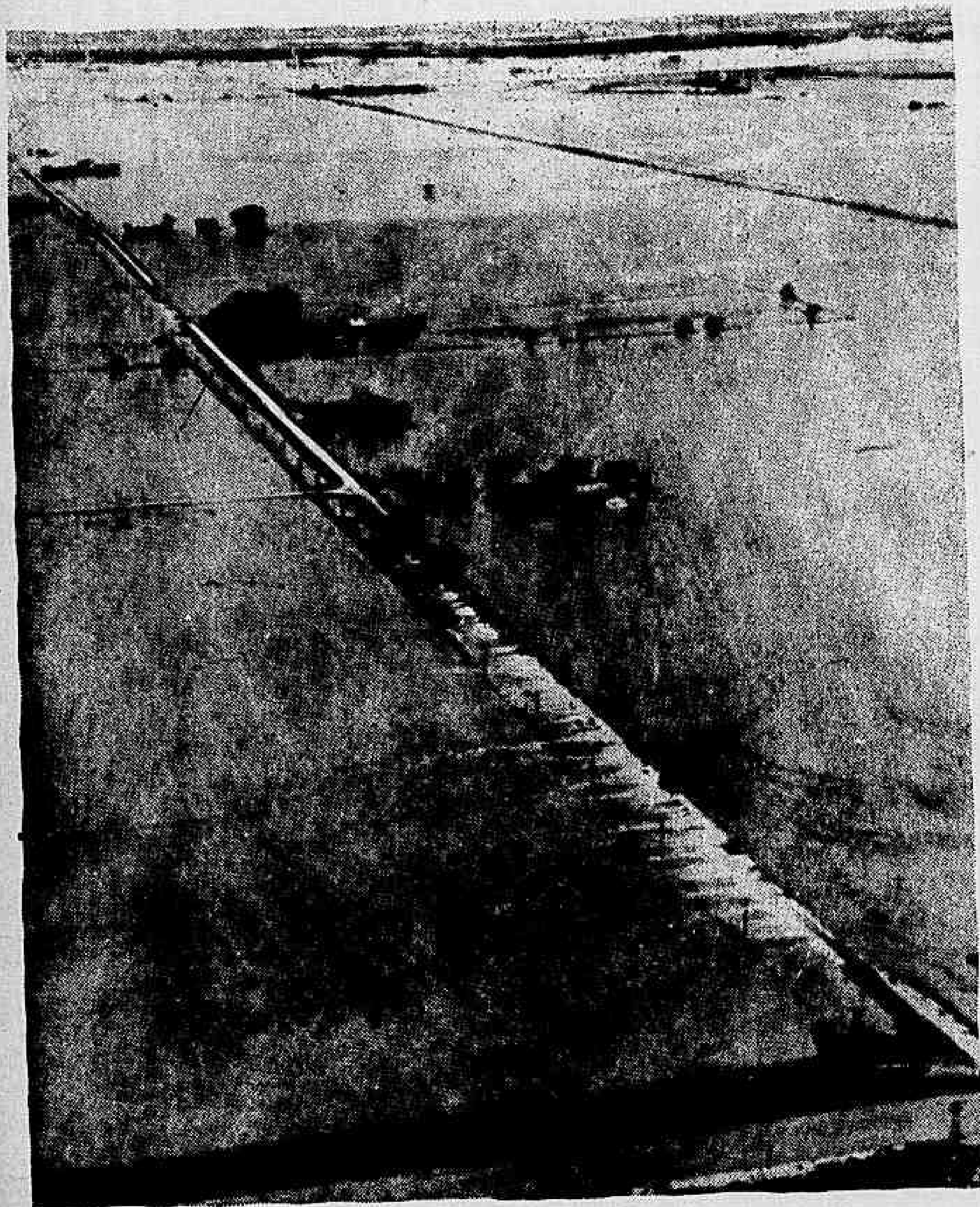
Ilustração de **DARCY ARAUJO**



QUANDO A AGUA SOBRA

Em Sioux Falls, S. Dakota, êste anúncio não tem mais razão. Ninguém está querendo beber. Mas secar.

Quando a agua sobra



Em Omaha, Nebraska, mais de 8 mil trabalhadores dos diques lutaram contra a torrente, mas nada conseguiram.



St. Paul, Minn., onde ficaram sem lar mais de dez mil habitantes expulsos de suas casas pela cheia de abril.



No Estado de Nebraska, o Mississipi arrasou imensas regiões. Mas ainda se lê: Seja bem-vindo a Sioux City...



Sabula, no Estado de Iowa, foi transformada numa ilha pelas águas do Mississipi, parando todo o tráfego.

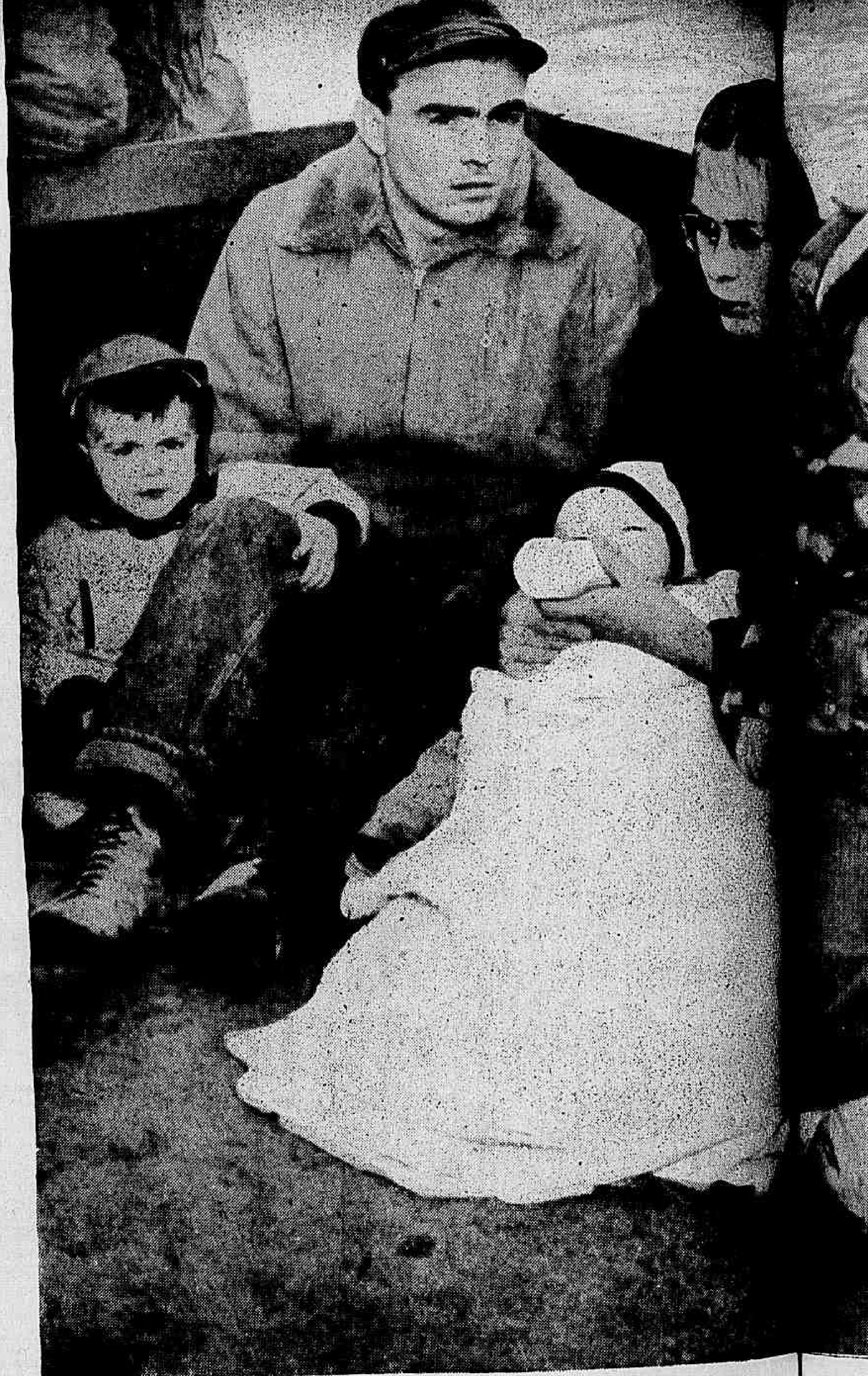


Wathena, Kansas. Êste edifício ficou isolado das águas numa elevação acima do nível da enchente tremenda.

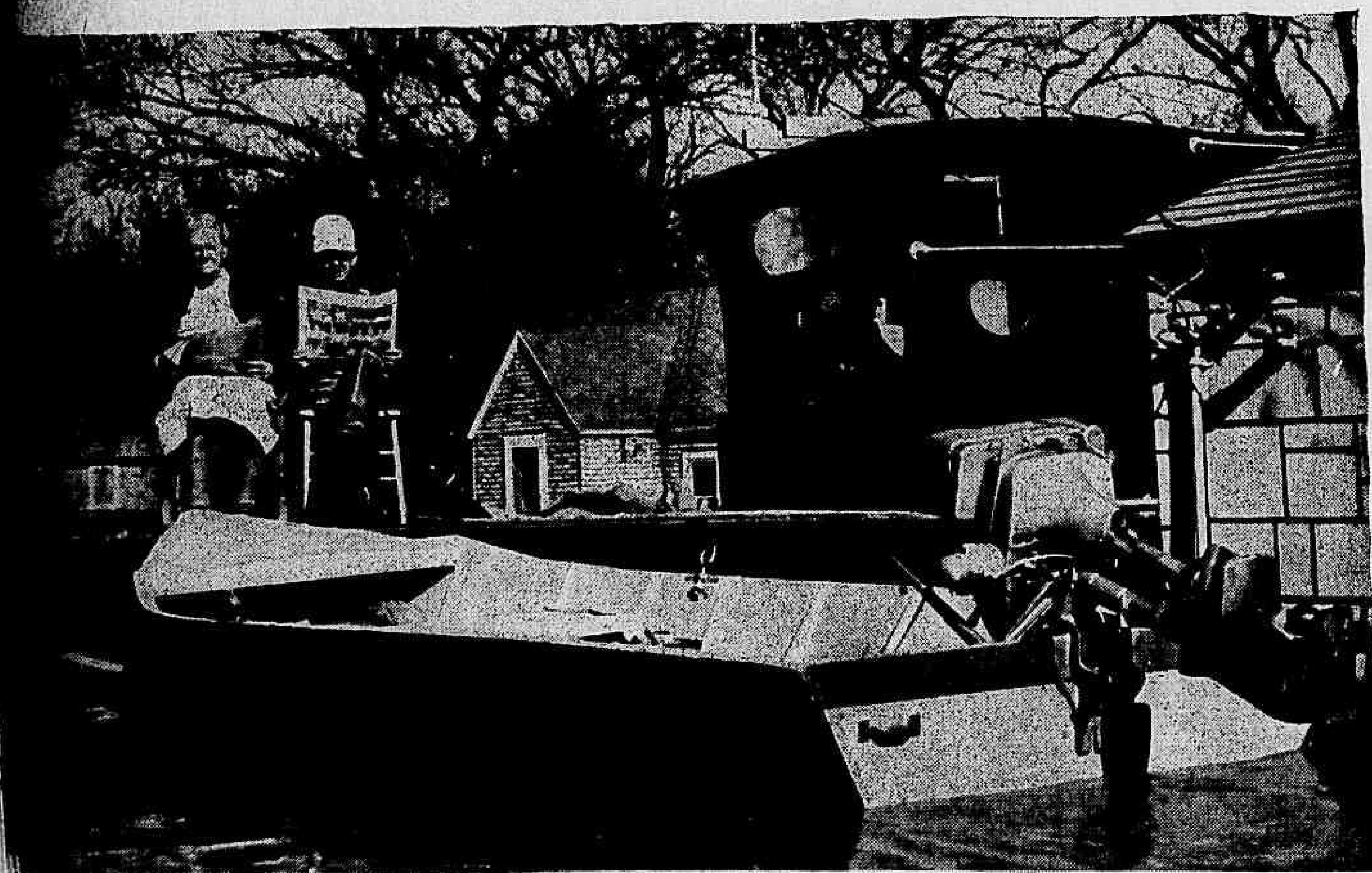


Uma fazenda em Minneapolis, à margem do rio Minnesota, vale do Mississipi, completamente cercada pelo caudal.





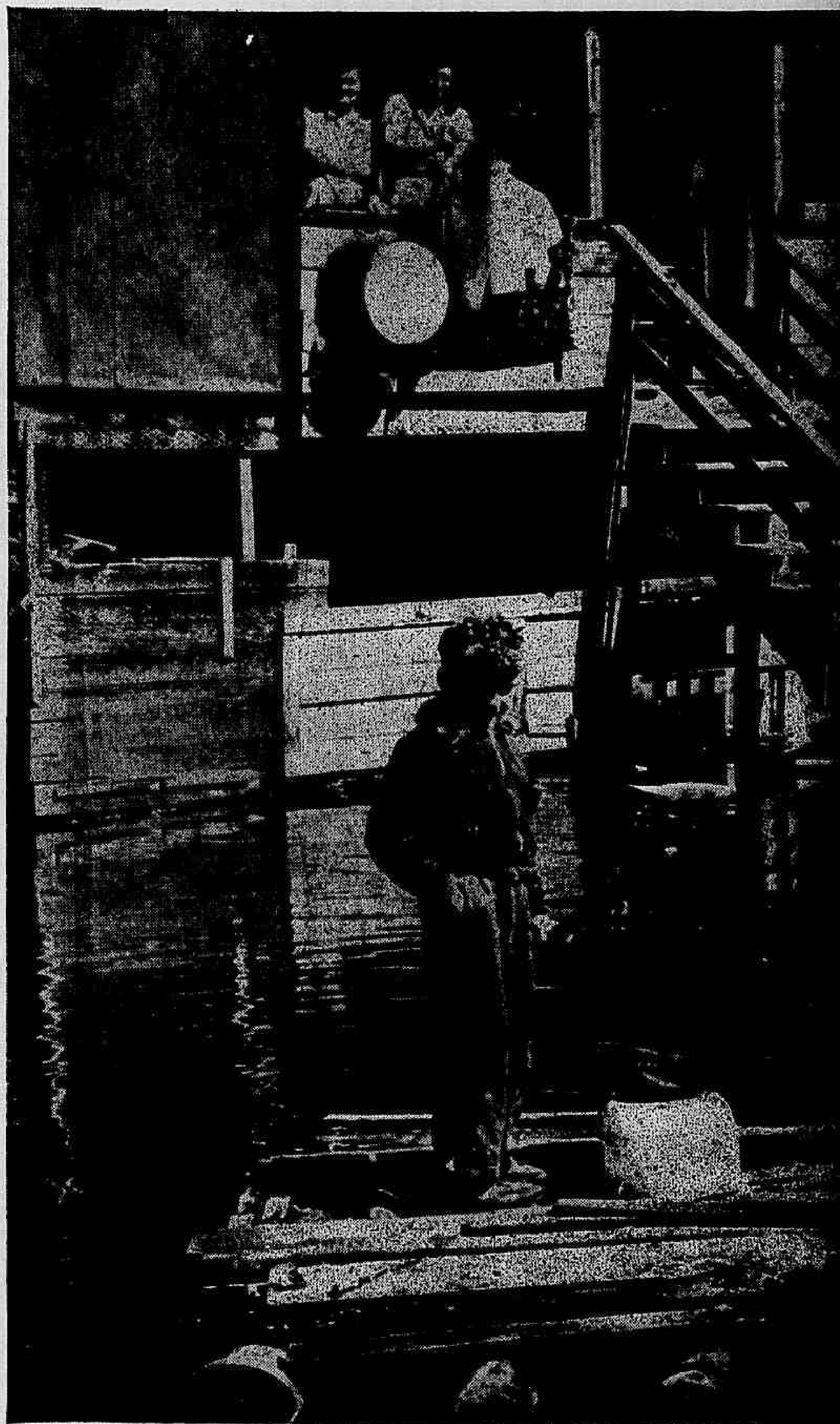
Cenas tocantes à margem dos grandes rios transbordantes, Mississipi e Missouri, no Meio-Oeste dos Estados Unidos. Famílias inteiras desabrigadas, outras isoladas em ilhas perigosas, gente que luta contra as águas que avançam ameaçadoras, e até uma criança que construiu sua jangada com destroços e banca o Mark Twain. As enchentes de abril último, as maiores de que há memória nos Estados Unidos, causaram prejuízos incalculáveis







Quando a água sobra





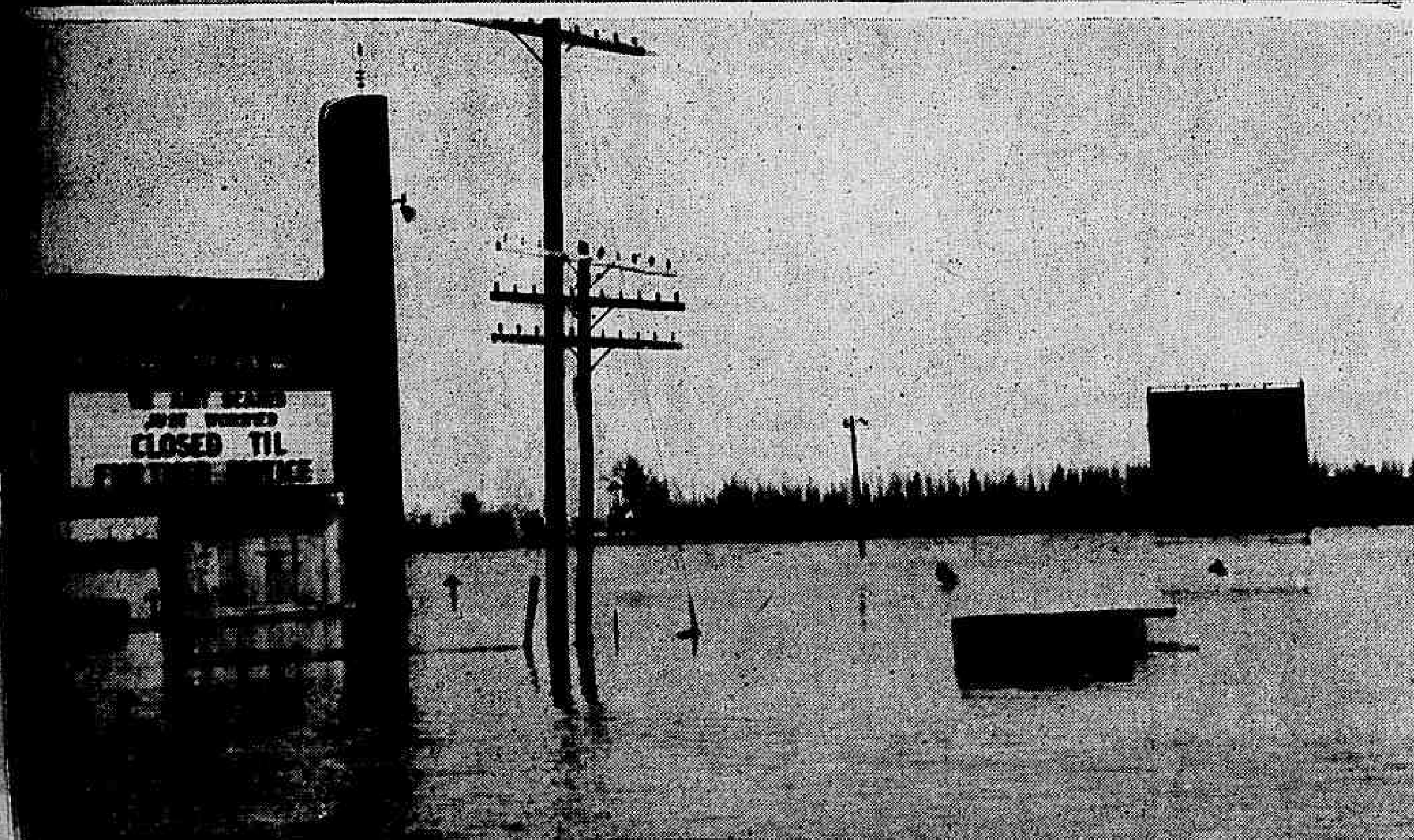
TODOS os povos do mundo já experimentaram a calamidade das enchentes. A começar do dilúvio bíblico, a primeira manifestação de Deus contra a desobediência coletiva da humanidade, as enchentes têm levado riqueza e vidas, deixando orfandade e milhares de pessoas na miséria. São famosas as inundações dos grandes rios da China; mas não há nada que, no gênero, se compare às tremendas enchentes do Mississipi e Missouri nos Estados Unidos. E' no vale dêsses rios que se desenrolam os mais atrozes episódios de desolação e morte. O Govêrno Americano vem procurando, desde muito, atenuar ou mesmo anular os efeitos destruidores das cheias colossais que invadem milhares de quilômetros quadrados do Mississipi, mas, até hoje, o sistema de diques não conseguiu evitar as catástrofes. A humanidade sofre dêstes contrastes: enquanto no Brasil o sertanejo do nordeste sofre um destino doloroso por falta de chuvas, no vale do Mississipi os norte-americanos choram e se lamentam por excesso dágua. Vejam os nossos leitores o que foi a última inundação do imenso rio americano através desta reportagem fotográfica.

Quando a água sobra

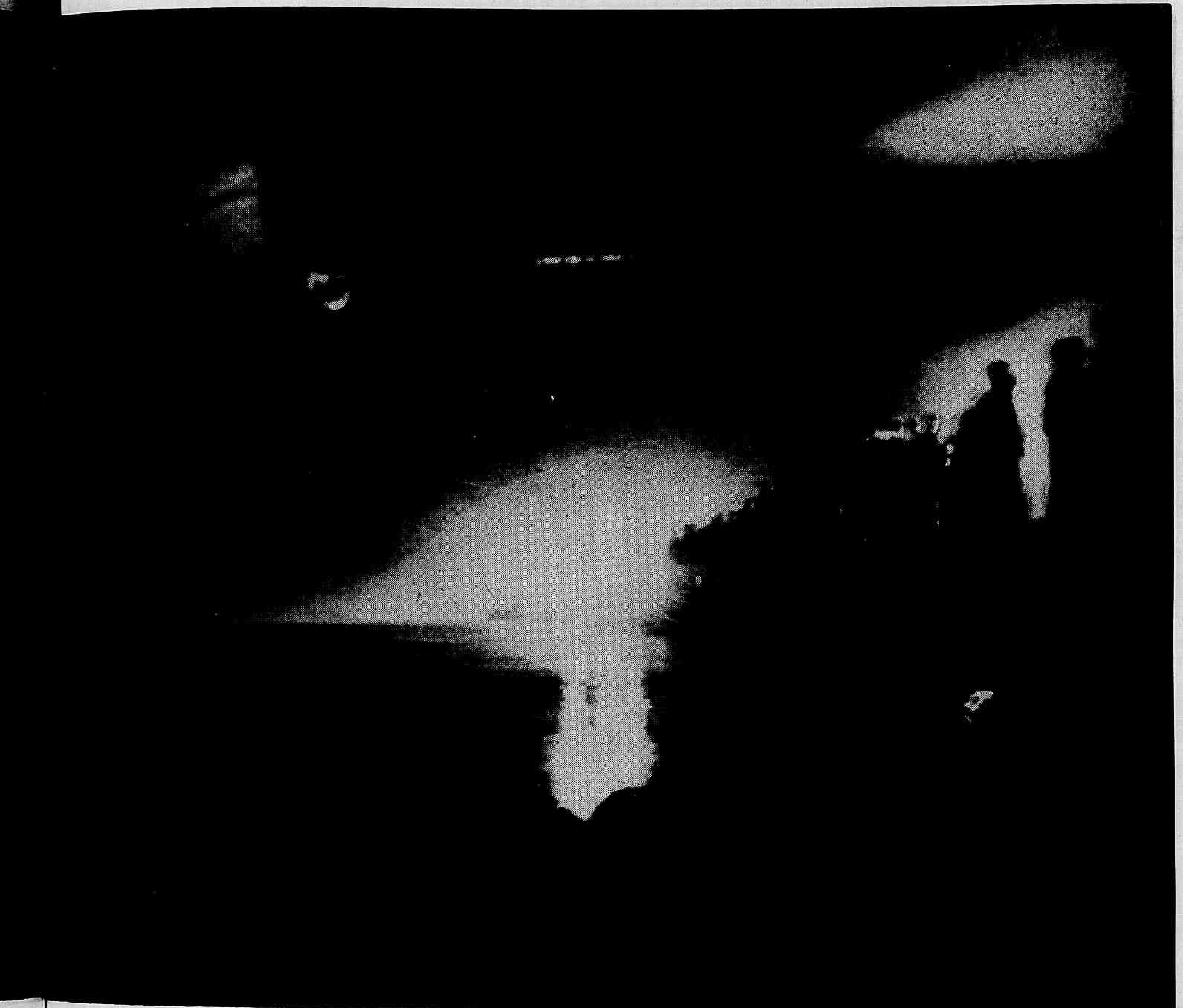




Em Bismarck, no Estado de Dakota do Norte, o Missouri, irmão gêmeo do caudaloso Mississipi, se encarregou de devastar centenas de quilômetros quadrados.



Restos de um cine-teatro em Riverside, quando as águas do Missouri passaram rugindo a arrasar tudo o que iam encontrando. E o teatro fechou até...



Uma visão noturna apocalíptica em Omaha, quando milhares de trabalhares dos diques de proteção à zona, lutavam dia e noite, para deter a avalanche.



Mas os americanos dão um tom pitoresco a tudo. O dono dêste restaurante não se apertou e lançou a idéia de fazer turismo: Venham ver a enchente! E vieram mesmo.

[illegible] águas sobra



Perto de Jefferson, South Dakota, um dos oito Estados inundados, esta fazenda ficou reduzida a [illegible].



Em Pierre, D. do Sul, as águas subiram como jamais sucedera em nenhuma enchente nos últimos setenta e um anos.



O que resta de uma praça da cidade de Marshall, Minn., quando as águas do Mississipi subiram a [illegible].

CIDADE PEQUENA CIDADE VENENO

Conto de **LOURDES B. C. JUDICE**

FOI num domingo, pela manhã, que a história começou; e, como rendeu! Na aprazível residência do jóvem médico dr. José Pereira — moço honesto, trabalhador e muito bemquisto na sociedade campista — a faina diária tivera início bem cedinho. D. Rita, a cozinheira, redondinha e prêta que nem disco de vitrola, "importada" lá das bandas do Bonfim, esmerava-se em saborosos quitutes. A criançada a correr e a gritar, atrapalhando o soninho matutino do dr. José que tentava refazer-se de um chamado noturno.

Mais tarde, d. Lícia, já preparada para ir ao Mercado, tôda fagueira no seu "organdi da Bangu", côr de cereja, resolveu atormentar o pobre marido:

— Vamos, José. A que horas chegaremos ao Mercado hoje? Já não se encontra quase nada indo cêdo, quando mais às nove horas!

— Bem, Lícia, já vou; e você, já está pronta mesmo, mulher? de verdade...?!

Meia hora depois, dispunha-se o casal a sair, quando d. Rita apareceu, mãos debaixo do avental engomadinho, cara de "a prêta das panquecas":

— E se a Iáiá trussé um peixinho e um camarão prá móde eu fazê a nossa moquequinha baiana? Nhônhô gosta tanto, Iáiá, e vai ficá de estalá os beiço!

— E' Aita, êle gosta mas nós sabemos que logo lhe aparece uma urticária tremenda. É melhor esquecermos da moqueca, não acha?

E partiram os dois — ela, pequenina e loura, êle, um simpático moreno tão alto que os dois juntos pareciam um ponto de exclamação! No mercado, aos domingos principalmente, é de fazer gôsto vêr certos casais granfinos representando, a contento, a comédia matrimonial — às voltas com verduras, tomates, cebôlas, açougues, barracas e barraqueiros... Fruto da época. Agora, quem quiser comprar do melhor e mais barato, que vá... se quiser, que mande as empregadas — quando as tiver!!! — Que coisa rara elas são. E sabem impôr-se também. É com a maior naturalidade do mundo que exigem: — "Tenho que ir ao mercado, dona? Então num serve, sabe? Olha, a senhora descurpe, mas vou cortar cana que dá mais. Despois, tem uma dona aí que leva eu prá o Rio de Janeiro. Aquilo é que é vidão! Assim diz minhas coleguinhas, sabe? Té logo, sim dona? É assim que pensam as serviçais campistas. Rio é ouro! Rio é liberdade! Cortar cana, também é melhor do que cozinhar... Rende mais! Além disso: Ir ao mercado?! Que bicho-papão o tal mercado de Campos?! Mal sabem elas que agora é chique irem as patrôas às compras... E carregarem a cesta de um lado, — e o marido do outro... Os barraqueiros é que não gostam. Queixam-se de que as patrôas esmiuçam e regateiam demais.

Apesar disso, tudo azul no mercado de Campos. Tudo azul, a começar pela seção do S.A.D.S. Lá no teto, vai sendo destruído, aos poucos, um tesouro de rendas quilométricas... Valencianas? Não: aracnideanas!... Limpeza geral? Para quê? Um imóvel condenado a desaparecer quando surgirem os pequenos mercadinhos! Dinheiro jogado fora. Em todo caso, ia pensando d. Lícia, está melhorando isso aqui.

De repente, dr. José parou defronte a mesa onde se vende peixe, e, ficou a namorar, tristemante, os lindos robalos, até que a espôsa arrancou-o às suas cogitações.

Em casa, d. Lícia foi ouvir a irradiação do concêrto do Rex. Dr. José preferiu subir e estirar-se na varanda fronteira a fim de ler as notícias do dia.

Daí a vinte minutos, parou um carro defronte e dêle saltou um chofer carregando formidável robalo. O dr. José, já debruçado na varanda, ia perguntar algo, quando o rapaz, lá debaixo fêz-lhe sinaisc onfusos, como que a pedir silêncio. Parecia aflito o Janjão, que foi logo dizendo:

— Óia aqui, dôtô, o peixe qui o sinhô encumendou...

Perplexo, o dr. José desceu correndo e foi encontrar o Janjão lá na cozinha entregando o robalo a d. Rita.

— Salva o Janjãozinho, dôtô... Fui comprá peixe p'rá saboreá com uma pequena do outro lado do rio, em Guarús — por sinal que jambinho de pequena, dôtô — e, quando vou saindo do mercado, com quem dou de cara? Com minha muié. Fui contando que era encomenda de um dôtô. Perdão, mas o nome do sinhô foi o primeiro que me adoçou na bôca. Tou numa sinuca de bico. Dôtôzinho, salva o Janjão. Diz à minha muié que o peixe é do sinhô, sim? Venho despois buscar o dito.

O Janjão tremia que todo êle era um febrão — de mêdo! Tranquilizando-o, o dr. José foi levá-lo até ao portão, de onde cumprimentou uma senhora dentro do carro:

— Desculpe-me, senhora, mas ninguém como o Janjão para escolher um peixe em condições!

E o Janjão safou-se.

Chamando Lícia, o médico contou-lhe a situação do incorrigível chofer. Calada, a espôsa ouvia, com ar divertido, terminando por dar boas risadas. Na cozinha, d. Rita também namorava o robalo:

— Que peixada! Vamo pegá uma peça naquele maroto? Vamo botá

(Cont. na pág. 52)

Ilustração de **GIL RIBEIRO**



SIMPLICIDADE





Para o passeio, novas e graciosas sugestões nos oferece o traço moderno de Ramon. Em tôdas elas nota-se a simplicidade das linhas aliada a um indiscutível bom-gôsto

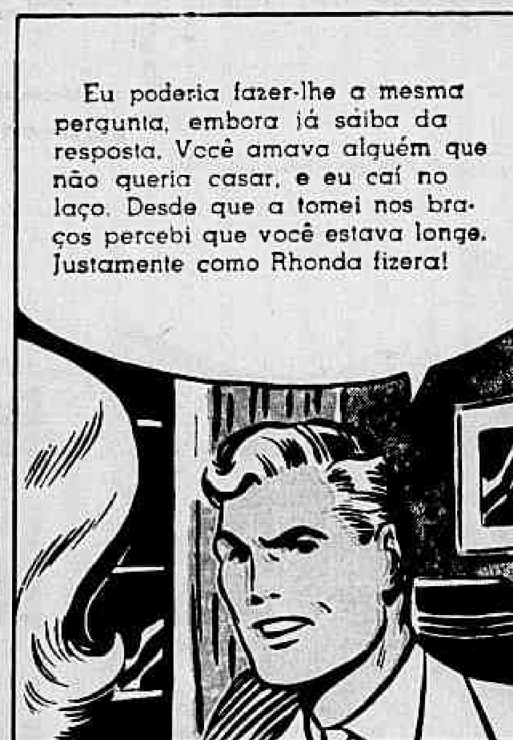
AMÔR E ÓDIO

Vi que Muir estava furioso. Quando voltamos para casa...















Fui para nosso quarto e fechei a porta.



Eu sabia que estava a fazer uma criancice, uma loucura, e que teria o coração despedaçado se assim acabasse o meu casamento. Enquanto êle batia na porta...



Eu sempre fui uma garôta endiabrada e não tive nenhuma dificuldade de pular a janela do nosso quarto...



Se eu fôsse para a casa de meus pais, Muir me seguiria. Asim, tomei um avião para Hollywood. Lá, em casa de Rhonda...





Alguns dias depois...



A REVISTA HÁ 50 ANOS

8-6-1902

CRÔNICA

IORA a que escrevo esta ligeira croniqueta parece confirmar-se a notícia da assinatura dos prel'mi-
nares da paz entre a indòmita bravura boer e a impassível tenacidade britânica. Vai acabar essa
idade tremenda que há três anos macula a civilização universal e o crédito da grande escumadora
mares. O mundo inteligente a afetivo respira à vontade como se lhe houvessem tirado de cima um
de pedaço dos Andes, dos Alpes ou do Caucaso. As pontes do sentimento, obstruídas pela caliça dos
demolidos e pelos cacos das granadas homicídas deixam correr novamente a sua linfa preciosa. Já
eldt imenso, a perder de vista, podem medrar as plantas e as flores e do severo lar puritano, ergue-
n paz a palavra de Deus. Resurgem o trabalho, a produção, a atividade fecunda das fôrças civiliza-
s. Por sua vez, a Inglaterra poderá guardar para mais justa oportunidade o sangue precioso de seus
. Acabaram-se essas listas terríveis que tôdas as semanas lançavam o luto e o desespêro no seio
famílias e às imprecações dantescas vibradas pela Humanidade contra o atentado incrível sucederá
ma sentimental e refletida que coteja os crimes e as virtudes e atenua aquêles com a memória destas.

Eu tive na segunda-feira, ao ler o telegrama da paz iminente, uma destas alegrias que raras vêzes
necem e dilatam o coração do homem de letras. A noção da solidariedade social, tão arraigada no
espírito, corria o risco de sossobrar nos vagalhões tormentosos dêsse egoismo impassível e cruel que
ês anos a esta parte parece querer dementar o mundo e perdê-lo. E não há ventura fora da frater-
e, fora do convívio dos outros homens e da palpitação das outras almas. Padecer sòzinho! Folgar sò-
! Eu, pelo menos, não posso. Quantas fôrças de reação, de retrocesso, de regressão ao obscuran-
dormitam, solapadas pela liberdade, pelo progresso, nos subsolos das sociedades contemporâneas —
aproveitaram a oportunidade para coadjuvar, solícitas e pressurosas, a crise liberticida do mais vas-
poderoso império do Globo. E porque vinha da Inglaterra, mais perigoso era o vendaval. Durante,
s anos, de par com uma ambição desmarcada, fôra ela o paládio de tôdas as liberdades constitucio-
o refúgio de todos os perseguidos pela intolerância. Pela sua foram moldadas as constituições dos
livres e a doutrina do "habeas-corpus", a suprema e mais eficaz das garantias, ali nasceu e dali
ou para o universo inteiro como uma corrente oceânica que à países remotos e gelados levasse os
os do sol ausente e os confortos do calor distante.

Morta na livre Inglaterra a liberdade, quem ousaria afirmar-lhe a sobrevivência nos outros povos e
utras raças?! Ninguém; e era isso que nos trazia a alma de luto pesado, triste... triste... triste
a noite trágica do polo. Agora, não; agora é quase certo que a Inglaterra voltará às práticas sãs
estas que tanto a faziam respeitar dos espíritos sensatos em quem a razão pode mais que o chauv-
. E quem sabe se em uma Federação cada vez mais íntima, em uma permuta simpática de senti-
s, de idéias e de interêsses, não ficará para sempre sepultado o ódio, o negro ódio, o ódio feio!

JACQUES BONHOMME

OS TEATROS

ONFORME lhes comuniquei na sexta-feira da semana passada, deve realizar-se ama- domingo, no **Teatro Recreio Dramático**, o e festival comemorativo da representação do primeiro auto do fundador do teatro português, Gil Vicente: **AUTO DA VISITAÇÃO ou MONÓLOGO DO VAQUEIRO.**

Como também já disse aos leitores da Revista da Semana, essa data célebre será solenizada em Portugal com extraordinário luzimento, associan- a Academia Real das Ciências à iniciativa nselho de Arte Dramática do Conservatório le Lisboa. Diz-se que no teatro de D. Maria á representada uma acomodação feita por lino Mesquita à célebre farsa da **INÊS PE-** A, aquela que Gil Vicente escreveu por des- sôbre o velho rifão: «Antes asno que me que cavalo que me derrube». Acusavam-no os de que não fazia obra sua; pediu-lhes e e fêz sua obra teatral mais completa. No D. Amélia representar-se-á, mais uma vez, O **PASTORIL**, para o qual Oscar da Silva a música deliciosa, que muito lhe deu fama. velmente desempenhado, lembra-nos ainda comovidamente da ovação feita a Augusto Rosa, quando acabou de recitar o prólogo, do delírio que foi no teatro, quando terminou a representação. Na grande sala do Conservatório haverá num dês- ses dias sessão solene. Virgínia e Taborda dirão provàvelmente alguns trechos das melhores obras do poeta. O ator Alves recitará em castelhano o monólogo do **VAQUEIRO**, primeiramente explica- do na sua parte histórica pelo inspetor do Conser- vatório, Eduardo Schwalback. Honrarão a festa um ou dois dos mais ilustres oradores de Portu- gal. Comporão as odes sinfônicas, cantadas pelos alunos, os mais afamados professôres. Aqui, um grupo de artistas e homens de letras, brasileiros e portuguêses, residentes no Rio de Janeiro, auxi- liado pela boa vontade de Dias Braga e a excelen- te cooperação de Eduardo Vitorino, celebra a data gloriosa por uma maneira brilhante, pois além de dois originais portuguêses — **NATAL NA ALDÉIA**, de Cunha e Costa, e **PRIMO ALV'RO**, de João Ma- teus, pseudônimo de distinto caricaturista, a com- panhia representará a comédia em um ato, imita- ção de Acácio Antunes — **A VIUVINHA**, criação portuguêsa de Palmira Bastos, interpretada por Lucília Peres e dirão poesias e monólogos de sua lavra Machado Corrêa, Paulo Barreto, Jaime Gui- marães, Luís Edmundo e outros conhecidos ho- mens de letras, encarregando-se do discurso ofi- cial o sr. dr. Rafael Pinheiro.

Para o sarau de gala foram convidados o chefe de Estado e as autoridades diplomáticas e consu- lares portuguêsas e a festa será ainda abrilhanta- da pela banda do Corpo de Marinheiros Nacionais, além de uma banda Militar. Eis o repertório dos Autos e Farsas do Teatro Nacional escritos por Gil Vicente: «A VISITAÇÃO ou MONÓLOGO DO VAQUEIRO», (1502) — «A AUTO PASTORIL CAS- TELHANO» (1502) — «AUTO DOS REIS MAGOS» (1503) — «AUTO DA SIBILA CASSANDRA» (1503) — «AUTO DE SAN MARTINHO» (1504) — «FAR- SA DE: QUEM TEM FARELOS» (1505) — «AUTO DOS QUATRO TEMPOS» (1505) — «SERMÃO EM VERSO« (1506) — «AUTO DA ALMA» (1508) — «AUTO DA ÍNDIA» (1509) — «AUTO DA FÉ» (1510) — «AUTO DA FAMA» (1510) — «AUTO DO VE- LHO DA HORTA» (1512) — «COMÉDIA DO VIÚ- VO» (1514) — «AUTO DAS FADAS» (1516) — «AU- TO DA BARCA DO INFERNO» (1517) — «AUTO DA BARCA DO PURGATÓRIO» (1518) — «FAR- SA DOS FÍSICOS» (1519) — «AUTO DA BARCA DA GLÓRIA» (1519) — «TRAGI-COMÉDIA DAS CÔRTES DE JUPITER» (1521) — «FARSA DAS CIGANAS» (1521) — «COMÉDIA DE RUBENA» (1521) — «AUTO PASTORIL PORTUGUÊS» (1523) — «FARSA DE INÊS PEREIRA» (1523) — «FAR- SA DO JUIZ DA BEIRA» (1525) — «FRÁGUA DO AMOR» (1525) — «TEMPLO DO APOLO» (1526) — «FARSA DE ALMOCREVES» (1526) — «FARSA DO CLÉRIGO DA BEIRA» (1526) — «BREVE SU- MÁRIO DA HISTÓRIA DE DEUS» (1527) — «DIÁ- LOGO SÔBRE A RESSUREIÇÃO» (1527) — «CO- MÉDIA SÔBRE A DIVISA DE COIMBRA» (1527) — «TRAGI-COMÉDIA DA SERRA DA ESTRÊ- LA» (1527) — «TRAGI-COMÉDIA NAU DE AMORES» (1527) — «AUTO DA FEIRA» (1527) — «TRIUNFO DO INFERNO» (1530) — «AUTO DA LUSITANIA» (1532) — «ROMAGEM DE GRAVADOS» (1533) — «TRAGI-COMÉDIA DE DOM DUARDO» (1533) — «AMADIS DE JAULA» (1533) — «AUTO DE MO- FINA MENDES» (1534) — «AUTO DA CANA- NÉIA» (1534) — «FLORESTA DE ENGANOS» (1536) — «A CAÇA DOS SEGRÊDOS» (perdida).





Jean Desses emprega duas mousselines superpostas, negra e azul; para a confecção dêste vestido. O corpo é muito colante apesar dos franzidos. Uma fita de veludo negro forma a gola e a gravata.

MOUSSELINES SUPERPOSTAS

Christian Dior escolheu um tom de cinza asa de pomba para êste vestido de tarde de requintada elegância. A saia tem vários fólios. As mangas. As mangas são justas, terminando por originais punhos.

O indispensável vestido negro



Em flexível lã preta, a saia formada por um babado irregular plissado, êste modêlo de Jean Patou será ponto alto no guarda-roupa de uma mulher



PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — QUANTOS ANOS VAI COMPLETAR EM NOVEMBRO PRÓXIMO A CAIXA DE AMORTIZAÇÃO DO RIO:

— 125?
— 80?
— 100?

2 — QUE QUER DIZER «DEFLAÇÃO» EM ECONOMIA POLÍTICA:

— Emissão de dinheiro?
— Queima de meio circulante?
— Emissão fora do país?

3 — QUAL ERA A QUANTIA DE CRUZEIROS EM CIRCULAÇÃO NO BRASIL EM ABRIL PRÓXIMO PASSADO:

— Pouco mais de 33 bilhões?
— Cinqüenta bilhões e 500 milhões?
— 28.568.854.792.00?

4 — SE UMA PESSOA ACHAR A METADE DE UMA CÉDULA DE MIL CRUZEIROS, QUE DEVE FAZER:

— Jogá-la ao lixo?
— Queimá-la?
— Receber na Caixa de Amortização?

5 — MAS, SE LEVÁ-LA À CAIXA DE AMORTIZAÇÃO, QUE SUCEDE:

— Será detido?
— Receberá uma intacta do mesmo valor?
— Receberá 50%?

6 — SE SE DISTRIBUISSE TODO O DINHEIRO EM CIRCULAÇÃO NO BRASIL RECEBENDO CADA BRASILEIRO QUANTIA IGUAL, QUANTO CABERIA A CADA UM:

— Mil e cem cruzeiros?
— 650?
— Duzentos e vinte e três?

7 — QUANTAS NOTAS CIRCULAVAM NO PAÍS A 30 DE ABRIL ÚLTIMO:

— Cem milhões?
— 865.000.000?
— 353.299.890?

8 — QUAL A NAÇÃO QUE PRIMEIRO USOU AVIÕES A JATO PARA FINS CIVÍS:

— Inglaterra?
— Suécia?
— Estados Unidos?

9 — A QUEM SE DEVE A DESCOBERTA DA MANEIRA POR QUE TRANSMITIA A MALÁRIA:

— A Afonso Laveran?
— A Oswaldo Cruz?
— Ronald Ross?

10 — EM QUE ANO SE DEU ESSA DESCOBERTA QUE TANTAS VIDAS TEM SALVADO:

— 1897?
— 1832?
— 1902?

11 — QUANTOS SÃO OS TIPOS SANGUÍNEOS:

— Cinco?
— Três?
— Dois?

12 — UM SINÔNIMO PARA «HÍFEN»:

— Tirete?
— Pantalha?
— Travessão?

13 — QUAL DENTRE ESTAS ESPÉCIES ANIMAIS SE ALIMENTA DE «ENTRETINHO»:

— Os répteis?
— As aves?
— Os quadrúpedes?

14 — PORQUE FICOU CÉLEBRE O MÉDICO WILLIAM HARVEY:

— Por ter descoberto o virus da sífilis?
— Por que curou o Papa Clemente VI?
— Por ter descoberto a circulação do sangue?

15 — O «SELAMIM» É MEDIDA:

— Para líquidos?
— Para cereais?
— Ou de pêso?

(Respostas na página 48)

UMA HISTÓRIA CONTADA TRÊS VEZES



A heroina é a dona bem judia de um nome muito eslavo, Lubka Ivanovna, e nasceu em Penevezys, na Lituânia; para maior confusão geográfica de sua crônica, tornou-se adolescente no Rio de Janeiro, aos dezessete anos freqüentava com grande pompa a roleta de Monte Carlo, aos vinte e quatro se achava casada com um lorde inglês, aos vinte e oito divorciada por causa de um argentino e aos sessenta e poucos vamos encontrá-la novamente nesta acolhedora capital, depois dos muitos dissabores da idade madura e em modesta situação financeira. Entretanto, a precariedade de sua renda mensal, produto de uns poucos milhares de cruzeiros cautelosamente depositados, não a levou ainda a se desfazer de um soberbo colar de três ordens de pérolas orientais, último vestígio de passadas larguezas.

Dona Lúcia, como a chamam por tradução cômoda de seu difícil nome, foi num sábado, como de hábito, à feira em Copacabana, bairro onde reside num acanhado quarto de pensão, a fim de adquirir algumas parcas vitaminas com as quais tempera a insuficiência de sua alimentação cotidiana.

E aí começa a história. Uma história tão sensacional que me foi narrada no mesmo dia por três pessoas, e de cada vez, naturalmente, com interpretação diferente, à guisa de moral.

— Você sabe? — perguntou-me minha irmã, quando regressei de um breve veraneio. — A Dona Lúcia, aquela judia com ares importantes daí do lado, despertou um amor à primeira vista, um dêsses casos fulminantes. Conheceu o homem pela manhã, passou a tarde com êle e antes de se passar uma semana recebeu como primeiro presente três peças de roupa íntima para o enxoval do casamento, que não tarda. Êle é bem apessoado, embora idoso, e acaba de abrir uma loja de artigos femininos aqui perto. Há certas mulheres que têm mesmo uma sorte!

(Minha irmã se gaba de numerosos preconceitos e aos quarenta e cinco anos ainda não casou).

Logo depois minha tia me informava, muito excitada:

— Imagine você que a Dona Lúcia, aquela estrangeira com jeito de princesa decaída ou coisa peior, aí da pensão vizinha, está sendo vítima de um explorador, só por causa daquele colar de pérolas! Ela tem a burrice de dizer a todo o mundo, com orgulho, que o colar é verdadeiro! E a burrice ainda maior de andar sempre com êle ao pescoço! Também, para deixar no quarto, dentro de uma gaveta qualquer, seria um risco. Pois é. Ela foi à feira, encontrou o patife, êle botou logos os olhos no colar, muito insólito a uma hora daquelas e num tal lugar, e passou imediatamente a fazer-lhe a côrte. Já vão se casar para o mês. De uma cajada êle mata três coelhos: fica com o colar, fica com a renda da mulher, que não é tão magra assim, afinal, e é certa, e ganha uma pessoa de confiança para lhe fazer, sem ordenado, a caixa de uma loja que tem aí na Avenida Copacabana.

Depois minha avó, calma senhora de oitenta e seis janeiros, me contou a mesma história, sentadinha em sua cadeira austríaca de balanço e bem enrolada em seu chale tricotado de lã cinza:

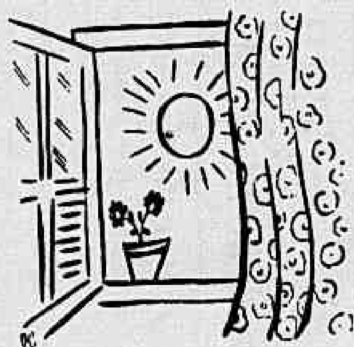
— Você sabe quem vai se casar? A Dona Lúcia. Coitada! Depois de tôdas as aventuras por que diz que passou, ainda enfrenta o ridículo. E' assim mesmo, com quem até o fim não ganha juízo. Encontrou um velhote de uns setenta anos, na feira, que diz que a quer para companheira. O pobre homem enviuvou e não se habitua à solidão. Parece que a mulher era boa e cuidava muito da casa. Tem dois filhos casados, cujas mulheres trabalham fora e não podem se ocupar dos afazeres domésticos, morando todos juntos. Êle se vê assim, numa época de dificuldades como esta, no papel de responsável por uma pensão familiar, sem quem o auxilie, tendo que tomar conta de tudo. Até vai à feira! Admirou-se de vêr a Dona Lúcia, com aquela pose distinta, mexendo em legumes e se interessando por preços. Puxou conversa, descreveu-lhe a sua situação, chegou mesmo a declarar que Dona Lúcia dá uns ares da defunta, principalmente pelo porte senhoril da cabeça. Antes do fim do dia já tinham tomado juntos um chá numa confeitaria e êle lhe propôs casamento. Dizem que é dono de uma casa comercial. Com o que faz e com o que ela tem de renda vão, por fôrça, se arrumar mais que decentemente. Talvez sejam felizes. Enfim, sempre há idade para tudo. O engraçado é que êle lhe fêz presente de três camisolões de dormir, daqueles do meu tempo, abotoados no pescoço, de mangas compridas e com bordados finos... Alguma relíquia do enxoval da primeira! Eis como me foi dado a conhecer, em três versões, o caso de Dona Lúcia, dama que até então não me atraira a atenção.

ISOLETE

ROTINA DA BELEZA

CINCO MINUTOS PELA MANHÃ FAZEM MUITA DIFERENÇA

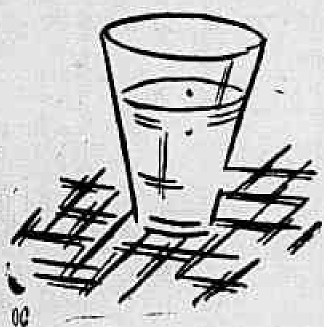
PARA AMACIAR A PELE: Para que a pele se torne ràpidamente mais fina e acetinada é recomendável o emprêgo, pela manhã, de um sabão-creme. O rosto e o pescoço devem ser abundantemente molhados com água morna, em primeiro lugar; depois é feita a aplicação do sabão-creme, em movimentos de leve massagem, produzindo uma espuma espessa; a seguir o sabão é retirado com água fria e morna, alternadamente.



●

UM PENTEADO LIGEIRO E SIMPLES: O novo corte muito curto não requer conservação custosa para o penteado, acabando com o martírio de ter que enrolar seguidamente as pontas dos cabelos com grampos. O único cuidado indispensável é uma boa escovadela de baixo para cima e depois um sumário arranjo com o pente. O resultado é um penteado ao mesmo tempo juvenil e distinto.

Uma vez por semana, contudo, será necessário fazer preceder a lavagem da cabeça por uma aplicação de creme ou óleo apropriado, da seguinte maneira: ir dividindo com um pente o cabelo e aplicando o produto diretamente no couro cabeludo. Terminada essa operação, é conveniente enrolar a cabeça por uma meia hora para que o efeito seja mais garantido. Antes de lavar a cabeça, faz-se ainda cinco minutos de massagem no couro cabeludo e escovam-se os cabelos enèrgicamente.

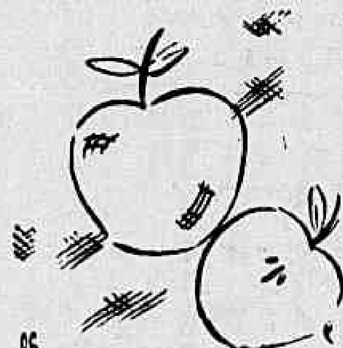


●

POUCA PINTURA: Uma loção revigorante que ao mesmo tempo sirva de base para a pintura deve ser empregada tôdas as manhãs no pescoço e no rosto. Um toque de baton e um empoamento ligeiro bastam para completar o "make-up" matinal.

●

CREME, VAPOR, REPOUSO: Um banho antes de deitar é sempre aconselhável, de preferência de imersão. Enquanto corre a água pode ser usado um creme de limpeza para retirar a pintura do dia e feita a aplicação de um creme nutritivo para permanecer no rosto até terminar o banho. Depois os cabelos serão demoradamente escovados. O banho noturno é uma excelente oportunidade para o exercício de cinco minutos de relaxamento muscular, já que a água morna facilita o afrouxamento da tensão dos músculos.



Depois do banho pode ser retirado com uma fôlha de papel absorvente o excesso de creme do rosto. A aplicação nas pálpebras de uma fina camada de óleo apropriado e nas mãos, de uma loção para clarear e suavizar a pele, completam o preparo noturno.

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 6

A	Forma arcaica do artigo definido →	10	99				
B	Besuntado →	46	5	76	25	30	72
C	Prego para ferradura; flor →	97	13	2	9	82	
D	Belo, formoso →	26	65	32	17	6	
E	Que é só; sem par →	96	4	43	60	20	
F	Desobstruir com draga →	64	93	50	22	42	54
G	Foram; não são mais →	18	66	79	68		
H	Símbolo químico do antimônio →	40	83				
I	O fruto carnudo, de um só caroço →	81	75	3	45	14	
J	Cordilheira entre a França e a Alemanha →	56	11	95	31	89	
K	Ponho à cintura →	15	27	36	59	63	
L	Alume →	90	78	53			
M	Nascido, nato →	73	85	71	44		
N	Nome da antiga Grécia →	1	58	47	98	41	33
O	Deus do fogo →	8	34	57	87		
P	Inflamação do ouvido →	94	7	23	55	67	
Q	Símbolo químico do estanho →	86	61				
R	Sadia →	38	62				
S	Verão →	37	70	12	21	51	
T	Raso, rente →	84	35	52			
U	Relicário japonês →	92	69				
V	Mamífero do gênero Gato (Felis uncia) →	19	24	49	29		
W	Argola de cadeia →	77	88	16			
X	Finório; conhecido →	80	48	91	39	28	74

■	N 1	C 2	■	I 3	E 4	■	B 5	D 6	P 7	O 8
C 9	A 10	J 11	■	S 12	C 13	I 14	K 15	W 16	■	D 17
G 18	■	V 19	E 20	S 21	F 22	P 23	V 24	B 25	D 26	K 27
X 28	V 29	B 30	J 31	■	D 32	N 33	■	O 34	T 35	K 36
S 37	R 38	X 39	H 40	■	N 41	F 42	■	E 43	M 44	I 45
B 46	N 47	X 48	V 49	F 50	S 51	■	T 52	L 53	F 54	P 55
J 56	O 57	N 58	K 59	E 60	■	Q 61	R 62	K 63	■	F 64
D 65	G 66	P 67	G 68	U 69	S 70	■	M 71	B 72	■	M 73
X 74	I 75	B 76	W 77	■	L 78	G 79	X 80	■	I 81	C 82
■	H 83	T 84	M 85	Q 86	O 87	W 88	■	J 89	L 90	X 91
U 92	F 93	P 94	J 95	E 96	C 97	N 98	A 99	■	■	■

EXPLICAÇÃO: — Para se achar a solução do **LIDERGRAMA**, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro veraical que se encontra a sua frente, cada letra em uma casa. Depois transportam-se para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma das suas obras. No quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 5: EDUARDO PRADO. Coletâneas — **"Meditando sôbre a nossa história, Roberto Southey fi**cou compenetrado da importância e do valor do futuro do Brasil".

O BISPO NEGRO

(Cont. da pág. 54)

«Senhor, que vos perdeis e nos perdeis, ferindo o ungido de Deus, gritaram os dois fidalgos, com vozes aflitas.

«Príncipe», disse o velho, chorando, «não me faças mal, que estou à tua mercê!» Os dois mancebos também choravam.

Afonso Henriques deixou cair o montante e ficou em silêncio alguns momentos.

«Estás à minha mercê?» disse êle por fim.

«Pois bem! Viverás, se desfizeres o mal que causaste. Que seja alevantada a excomunhão lançada sôbre Coimbra, e jura-me, em nome do apostólico, que nunca mais em meus dias será pôsto interdito nesta terra portuguêsa, conquistada aos mouros por preço de tanto sangue. Em refêns dêste pacto ficarão teus sobrinhos. Se, no fim de quatro meses, de Roma não vierem letras de bênção, tem tu por certo que as cabeças lhes voarão de cima dos ombros. Apraz-te êste contrato?»

«Senhor, sim!» respondeu o legado com voz sumida.

«Juras?»

«Juro.»

Daí a quatro meses, D. Colleima dizia missa pontifical na capela-mor da Sé de Coimbra e os sinos da cidade repicavam alegremente. Tinham chegado letras de bênção de Roma: e os sobrinhos do cardial, montados em boas mulas, iam cantando devotadamente pelo caminho da Vimieira o salmo que começa:

In exitu Israel Ægypto.

Conta-se, todavia, que o Papa levara a mal, no princípio, o pacto feito pelo legado: mas que, por fim, tivera dó do pobre velho, que muitas vêzes lhe dizia:

«Se tu, santo padre, viras sôbre ti um cavalheiro tão bravo ter-te pelo cabeção, e a espada nua para te cortar a cabeça, e seu cavalo, tão feroz, arranhar a terra, que já te fazia a cova para te enterrar, não sòmente d ras as letras, mas também o papado e a cadeira apostólica».

A BATALHA...

(Cont. da pág. 6)

Militar, no qual os nossos consócios exerceram o direito que assiste a tôda coletividade de escolher os seus dirigentes e demonstraram ainda uma vez espírito democrático e de ordem que é o apanágio dos membros das Fôrças Armadas. Estou certo de que a nova diretoria empregará os seus melhores esforços pelo bem-estar da nossa classe e de que não consentirá, ainda que por omissão, seja a preferência dos nossos consócios utilizada como meio de atingir a nossa união naquilo que realmente mais importa, ou seja a preservação do regime democrático e a luta pela nossa emancipação econômica, que se afirma neste momento na questão do petróleo. Quero exprimir-lhe com as expressões da minha confiança no seu patriotismo, os votos que formulo pela sua felicidade pessoal e pela sua gestão». (a) **Estillec Leal.**

★

Voltou a bonança aos horizontes da Pátria. Pode o Brasil continuar confiando no seu grande Exército. Porque na atual conjuntura política nacional, que esconde inconfessáveis maquinações, essa eleição do Clube Militar foi, acima de tudo, uma lição arrojada de sublime civismo e patriotismo do Exército democrático do Brasil.

ANGOLA É UMA SURPRÊSA

(Cont. da pág. 47)

pesquisadores consumados. Nessas publicações encontramos um mundão de coisas que complementam os nossos estudos daqui.

Há nos arquivos de Angola documentos e mais documentos que, com a maior urgência deveriam estar conosco. Rebuscamo-los quando pude, no pouco tempo que lá ficamos. No grande arquivo histórico, instalado na fortaleza de São Miguel, heròicamente tomada pelas tropas de Salvador de Sá aos holandeses, estive com um ofício inédito, em mão, do governador D. Miguel de Melo, para D. Rodrigo de Souza Coutinho, o nosso conhecido Conde de Linhares, em que tratava do ilustre inconfidente mineiro José Álvares Maciel, formado em Coimbra, e então deportado para Angola. Foi um claro aberto na vida que êle ali levava. Devia ir dirigir, conforme seu desejo e iniciativa, a fundição de ferro que trensfeririam de Gulungo para Nova Oeiras, mas, no momento, dizia D. Miguel: "êle não se encontra em Loanda, por se achar no interior mascateando", do que vivia, recebendo em confiança mercadorias dos negociantes da cidade, levando-as a vender pelo interior, e delas tirando a comissão com que se sustentava.

Temos assim o nosso homem, ilustre por excelência, cavando a vida como tropeiro e mascate, varando o interior dessa província, que até hoje sofre as consequências do mal de ser e de ter sido ainda mais, uma província de desterrados e degredados. O ferrete que lhe cravaram é tremendo, e ainda por muitos anos virá a sofrer, a sociedade que lá se encontra, as suas consequências psicológicas.

No momento, estão a terminar nas proximidades de Loanda, um dos maiores campos de aviação da África do Sul. Está, portanto, se aproximando a hora, tão desejada por todos os de lá, de com mais facilidade, virem abraçar e serem abraçados pelos de cá, retomando-se pelas naus do ar, o caminho que as caravelas portuguêsas e brasileiras — muitas delas construidas na Bahia e no Pará — percorriam até quando os nossos rumos se separaram.

De Loanda, antes de deixar a África, voamos para Leopoldyville, capital do Congo Belga, daí passamos a Brazzaville, e de volta a Leopoldyville tomamos o nosso "Constelation" que, em magnífico vôo de 20 horas, pousando em Accra e Dakar, levou-nos para Lisboa.

SEM PECADO...

(Cont. do número anterior)

mal que fui obrigado a lhe fazer com intuito ùnicamente de retribuir-lhe o gesto cavalheiresco. E logo estava aboletado no meu carro, ao lado da direção, deixando o infeliz Alonso entre nós dois. E mesmo depois, já diante da casa de meu primo, quando saltamos, não parecia resolvido a deixar-nos. Mau grado meu, quando pensava poder ficar à sós com Alonso, nas peças imensas e vazias do seu velho casarão, para sofrer tranquilamente à vista de todos os lugares que tinham sido familiares a Berta, ao contacto de tôdas as coisas que suas mãos haviam tocado em vida, o desconhecido teve o descaramento de subir conosco, penetrando no recinto sagrado para mim, numa profanação imperdoável.

Lembro-me que o encarei intencional quando Alonso seguiu para o interior da casa à cata de bebidas, e ficamos só os dois na sala triste de postigos cerrados. Eu sentia uma espécie de ciume e de raiva daquele homem que se dispusera a acompanhar assim de perto o nosso sofrimento, meu e de meu primo, como se estivesse podendo atingir a enormidade daquela perda. No entanto, êle não parecia incomodado com o meu desagrado ostensivo. Mal Alonso se afastara, passou os olhos pela sala e, detendo a atenção no retrato de Berta sôbre o piano, teve de repente uma expressão nova de ternura e de alegria, e aproximou-se interessado para mirar mais de perto aquêle semblante de feições delicadas. Aquêle seu gesto tão à vontade, despertou em mim um desejo furioso de maltratá-lo fìsicamente, de tocá-lo dali escada abaixo, com o intruso desagradável que realmente era. Tive vontade de me interpor entre êle e o piano para defender Berta de seus olhares profanos, e perguntar-lhe cara a cara, decidido:

— Afinal, quem é você e o que quer aqui? Como pode dar-se o direito de contemplar o retrato desta mulher com êsses ares de dono e senhor?

No entanto, nada fiz, nada disse, esmagado no fundo da minha poltrona com a sua sem-cerimônia desprezível. Foi quando êle próprio, como que adivinhando os meus pensamentos, falou em tom grave, sem desviar os olhos da fotografia:

— Eu conheci esta mulher...

Profundamente tocado em meu amor-próprio, agora, em face da certeza do que antes não passara de uma suspeita inconfessável, fui-me erguendo da poltrona, andando devagar até êle:

— Você... você a conheceu?

Só então voltou-se para mim:

— Talvez ache estranho. E' possível que ela nunca se tenha referido à minha pessoa...

E, num tom mais baixo:

— Talvez mesmo nem eu devesse me referir a isso agora...

Mas eu, num súbito desejo de me penitenciar da minha boa-fé,e, querendo revolver o meu ciúme e o meu sofrimento, instei com êle para que acabasse de revelar o que eu pressentia oculto:

— Fale, diga tudo...

E então seus olhos se voltaram para a figura imóvel de Berta sôbre o piano:

— Tinha um belo físico, um lindo rosto, não é verdade? Mulher divina...

Reforcei, dissimulando o meu despeito:

— Era inteligente e culta...

E êle:

— Embora possa parecer-lhe impróprio... essa mulher foi a minha vida e o meu tormento...

E, ante o meu silêncio estarrecido:

— Eu sempre fui um esteta... A beleza física tôda a vida me impressionou... Talvez até eu esteja a ferí-lo em seus sentimentos superiores se lhe disser que ela era divina... e que não sei como preencher a lacuna que deixará em minha vida...

Eu estava petrificado do fundo da minha desolação. Todo aquêle amor sublime que eu sentira por Berta, começava a me dar impressão de derrota, de desintegração. Súbito, não podendo mais de conter num assômo de angústia, apanhei o homem pela gola do paletó:

— Você vai provar agora mesmo o que está dizendo! Tem que provar!

Foi afastando mansa, mas enèrgicamente a minha mão:

— Era natural que você também a quisesse, meu amigo. Você é poeta e Berta era envolvente... Eu mesmo teria abandonado tudo por ela, se ela não teimasse em evitar esta grande mágua ao marido... Mas não a acuse, ela não teve culpa. O amor é um sentimento que não se impõe, é um milagre da natureza que muitas vêzes se agarra na carne como um espinho.

— Na carne? Não... não foi êsse o amor que Berta me despertou...

Êle sorriu complacente:

— Eu sei... você é poeta. E os poetas são criaturas quase imateriais, vivem muito pelo espírito...

Naquele instante os passos de Alonso se fizeram ouvir na peça contígua, e, antes que êle entrasse na sala com as bebidas, eu disse apressado, meio baixo, ao ouvido do homem que eu agora considerava um rival perigoso:

— Veja se se despede logo e saia desta casa o quanto antes. Vou esperá-lo no carro, lá em baixo.

Assim, quando Alonso entrou, cheio de desculpas pela demora, eu pretextei um compromisso inadiável, recusei a bebida e saí apressado. Desci a escada às tontas, e ganhei a rua alucinado.

Tinha parado de chover e as luzes já haviam sido acesas, refletindo sua luminosidade no asfalto úmido e espelhante. E, parece que, tonificado pelo ar fresco da noite, voltei a mim, e fui acometido por um forte desejo de vingança. Há pouco, quando admoestara o desconhecido para que deixasse aquela casa, fôra apenas no desejo muito humano de afastá-lo do ambiente em que vivera a mulher que eu adorara. Agora, no entanto, eu sentia necessidade de ferí-lo com as mesmas armas que êle inadvertidamente usara contra mim. Assim, diante do volante, esperei ansioso por êle. E, quando mais tarde, vi-o deixar a casa de Alonso, chamei-o para o carro:

— Suba:

Foi aceitando tranquilo, e logo estava a meu lado, seguindo comigo rua afora, sem destino. Sùbitamente eu lhe disse à queima-roupa, numa frieza tôda nova, em face dos últimos acontecimentos:

— Quer saber porque Berta jamais pretendeu abandonar o lar?

Êle estava seguro de si mesmo:

— Creio que já sei.

— Pois insisto em que não sabe.

— Como assim?

Pela primeira vez encontrei surprêsa em seus olhos. Sorri decidido:

— Porque Berta me amava. Era a mim que ela não queria abandonar.

Seu rosto adquiriu uma expressão estranha, misto de descrença e de receio. Reforcei:

— Você disse que eu sou poeta, não é verdade? Pois saiba que nós nos amávamos. Berta me falou várias vêzes em você. Disse-me ainda havia de libertar-se da sua insistência.

— Insistência?

Seus olhos fuzilavam agora. Fui parando o motor e estacionei o carro rente à praça do Largo.

E' a verdade. Ela estava cansada de você.

Para grande surprêsa minha, êle pareceu mais ferido do que eu esperava. Persisti maldosamente:

— Quer uma prova do que estou dizendo?

(Conclui no número seguinte)

O SAPATEIRO...

(Cont. da pág. 26)

Alexandre acendeu o abajur da mesa, apagando a luz da sala. Aproximou-se da garota. Queria dormir segurando a mão dêle. Puxou uma cadeira e sentou-se perto dela. O espírito partiu novamente. O desastre que alvoroçara o bairro. O retrato da espôsa nos jornais. Criminosa. E amante do "Fulaninho. A prova era a fuga. Depois, assassina: pos-la em liberdade pelo dinheiro do amante. Criminosa e perversa. Abandonara o lar e exigia a filha

REVELAÇÕES DO CONTINENTE NEGRO - V

ANGOLA É UMA SURPRESA

UM PEDAÇO DO BRASIL NA ÁFRICA

RECORDAÇÕES IMPERECÍVEIS

Por MARCOS CARNEIRO DE MENDONÇA

De Elizabethville, Congo Belga, entramos na província portuguêsa de Angola. Atravessando a ponte internacional do rio Luau, passamos de Dilolo para Teixeira de Souza. Estamos a 1.100 metros de altitude. Vamos percorrer os últimos 1.350 quilômetros de estrada de ferro, em África. O comboio do "Caminho de Ferro de Benguela", nos levará, com breves paradas, até o pôrto de Lobito, já nos pondo novamente no Atlântico, acima de Capetown, por onde começamos a nossa viagem.

De Teixeira de Souza iremos até a bela e moderna cidade de Nova Lisboa, escolhida para futura capital da província, atravessando, para isso, o grande deserto denominado da Anhara, cujo chapadão percorremos tendo o horizonte a perder de vista em tôdas as direções, quase sempre em altitude variando de 1.400 a 1.800 metros, acima do nível do mar. Em Nova Lisboa encontramos dois jovens engenheiros portuguêses, dominando cêrca de 36 milhões de pés de eucaliptos, ex-estagiários agrônomos em São Paulo, usando normas brasileiras de plantio, e máquinas de invenção nossa, cuja concepção consideram admirável. Visitamos parte dêsse eucaliptal e o horto que vêm crescer com carinho, todo êle formado por 3 variedades de sementes levadas por êles daquele nosso grande Estado.

O progresso da cidade é evidente. Visitamos as grandes oficinas da Estrada de Ferro e a magnífica reprêsa do rio Cuanza. Bom hotel e ótimo cinema, êste de um alemão enriquecido na plantação do café que, com o sizal, os diamantes, e os pescados, é hoje uma das maiores fontes de renda da Província.

Encontramos a nossa lendária Benguela, bem decepcionante; mas em compensação tivemos Lobito, onde tudo respira riqueza e progresso, não sendo ainda muito grande.

Aí conhecemos outro brasileiro. E' o rei da farinha de peixe. Tem grande experiência da vida, é viajado e sabe onde tem o nariz. Queriam por fôrça, êle e a mulher, que ficassemos mais uns dias para nos levarem de automóvel, por todos os recantos da região, inclusive até Sá da Bandeira, que fica mais para o sul, em clima de montanha suiça. Resistimos ao convite e, no avião Salvador Corrêa, fomos para a cidade de Loanda.

Antigamente, por volta do século XVIII, Angola vivia a mesma vida que a das nossas capitanias da Bahia, Pernambuco, Mato Grosso, São Paulo e Minas Gerais. As náus e fragatas que iam à Bahia ou vinham ao Rio de Janeiro, eram as mesmas que freqüentavam os portos de Angola; náus que, muitas vêzes, com a denominação de náus da Índia, iam até os confins do Oriente, até a China.

Os nobres, os mui nobres e para lá de ilustres fidalgos que aqui



Pescadores Muxaluandos vistos nesta foto feita em Loanda. Não há no Brasil quem não se lembre do prêto de Angola



A senhora Ana Amélia em frente à igreja das missões jesuítas e o Palácio do Bispado em Luanda, capital d'Angola

Angola é uma surpresa

estiveram por muitos anos governando as principais províncias do Brasil, eram os mesmos que governavam também Angola, vivendo que nem lançadeiras, para lá e para cá, indo e vindo de Angola para o Brasil, e vice-versa, em náus cascas de nóz, onde só a muita bravura e o extraordinário ânimo da gente portuguêsa, seriam capazes de levá-los a bom têrmo. Bom têrmo é um modo de dizer, porque as mais delas, ao fim de algum tempo se perdiam ou se desmantelavam.

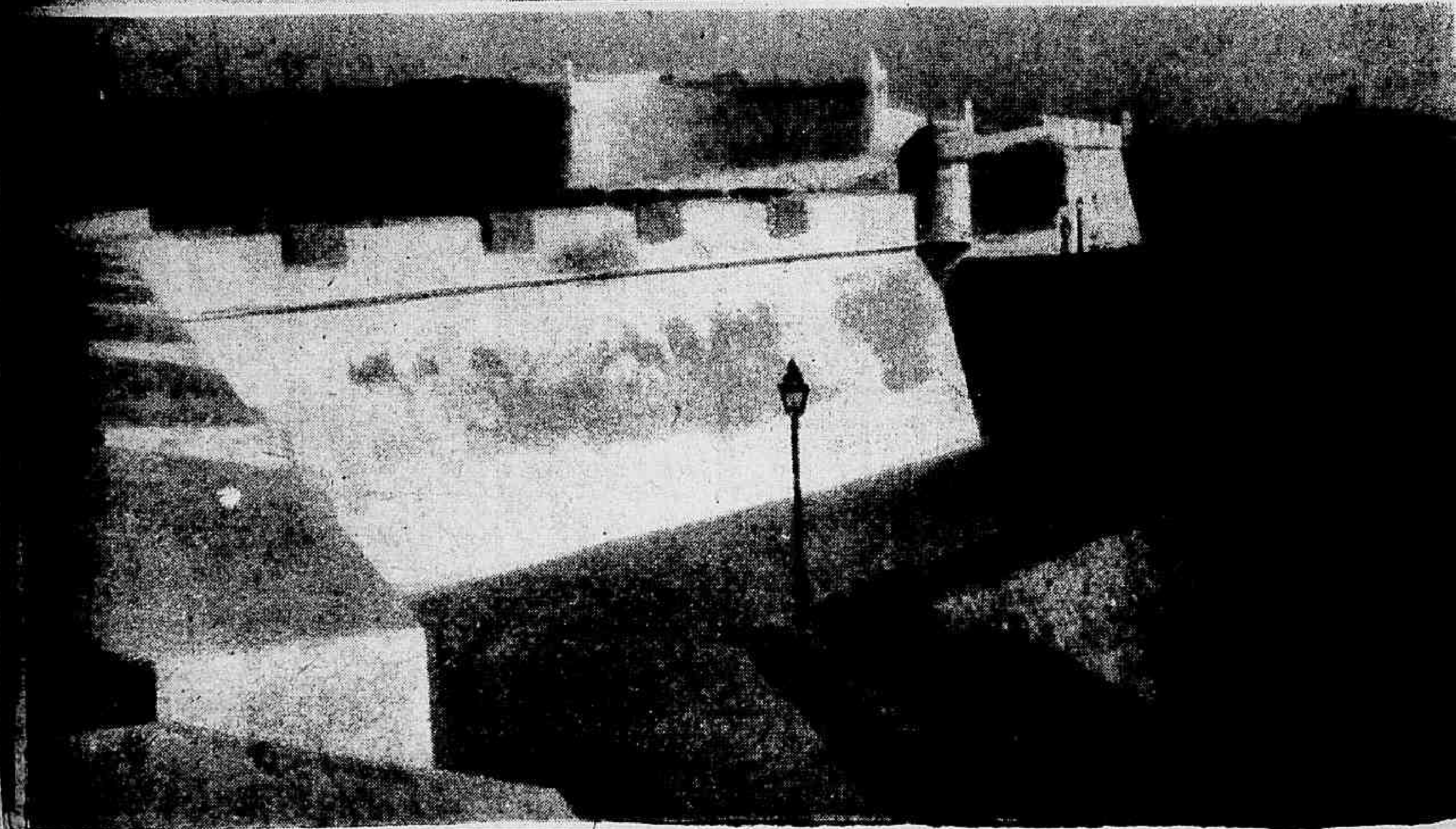
Chegados à verdadeiramente linda cidade de Loanda, a primeira coisa que notamos foram as belas fortalezas, muito brancas, debruçadas sôbre o mar, e o que logo se constata é que a primeira figura, a que vai ficar para sempre a primeira, é a do nosso general Salvador Corrêa de Sá e Benevides — que lá é simplesmente Salvador Corrêa. Há avião Salvador Corrêa, praça Salvador Corrêa, onde está a sua estátua; há avenida Salvador Corrêa e há o grande e magnífico Liceu Salvador Corrêa, no qual o govêrno do



Esta igreja foi construida por ordem de André Vidal de Negreiros quando estève em Angola em missão do govêrno português. Encontra-se em perfeito estado de conservação



De um dos recantos da velha fortaleza de São Miguel a vista se estende sôbre Loanda, uma grande cidade que cresceu numa progressão orientada pela técnica moderna



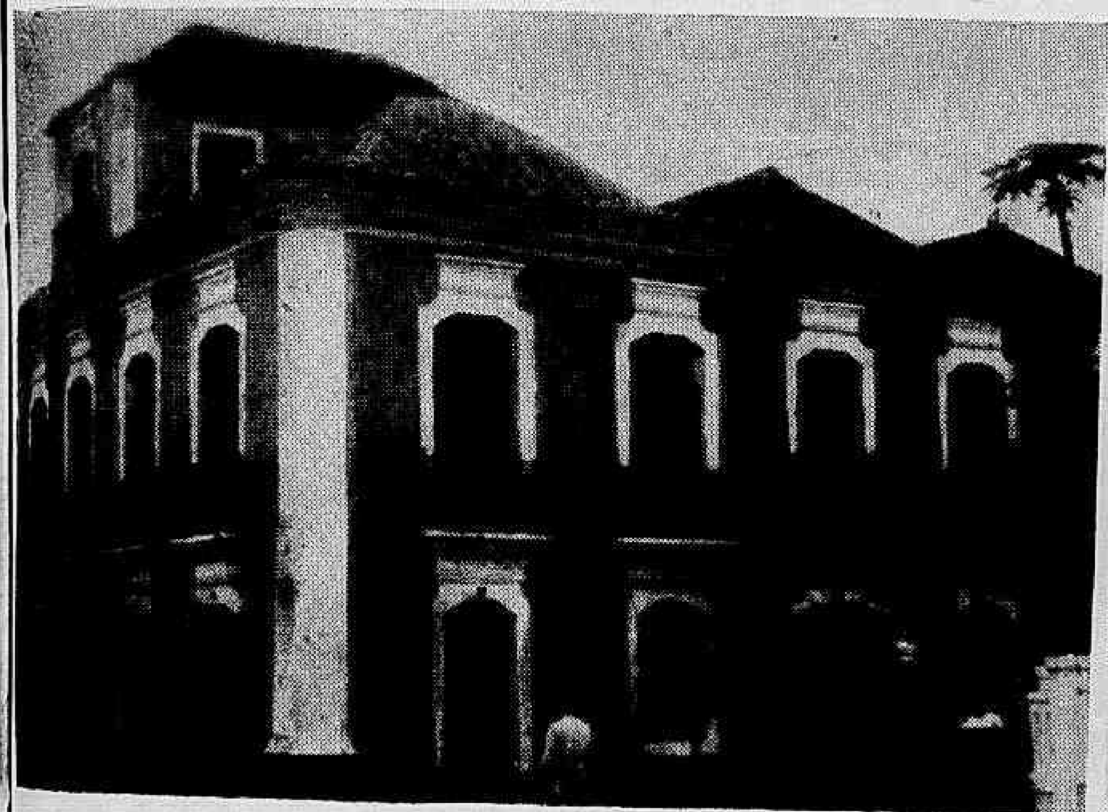
Aqui é um ângulo da fortaleza de São Miguel tomada bravamente dos holandeses em memoráveis batalhas pelas tropas luso-brasileiras do português Salvador Corrêa de Sá



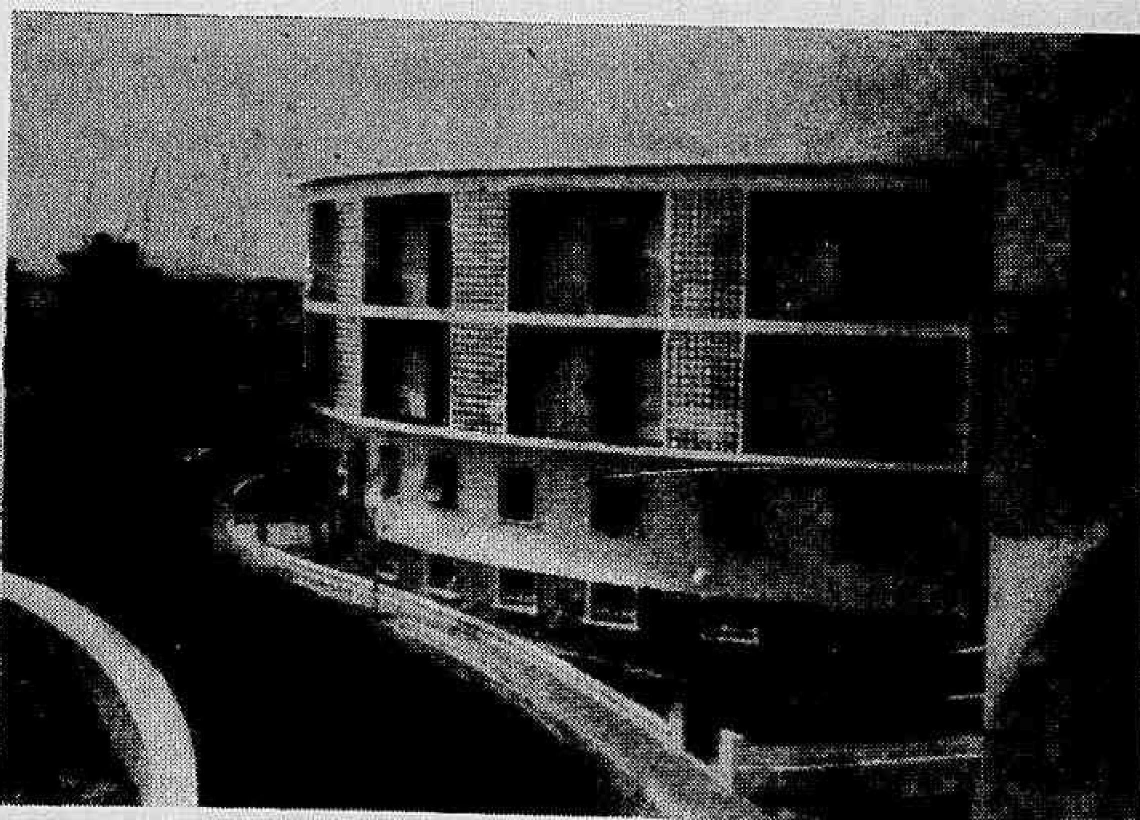
Esta é uma fotografia do poço Mayanga, que de velhos tempos até hoje, fornece água potável às populações vizinha. E' uma preciosa relíquia, muito estimada e muito útil



Êste recanto relembra um pouco os arcos de S. Pedro no Rio de Janeiro, e é um recanto do Polácio das Missões Jesuitas em Angola, verdadeiro monumento de arquitetura



Esta é uma das imponentes edificações que atestam a grandeza passada d'Angola. E o mamoeiro que lhe fica ao lado é um símbolo vivo da bela natureza quente e tropical



Aqui é o presente simbolizado por êste edifício de apartamentos, documento significativo do elevado padrão de progresso desta antiga e histórica região da Africa

sr. Oliveira Salazar empregou, bem, alguns milhões de escudos, em benefício da mocidade angolense. Como aqui temos avenidas e praça, com os nomes de Salvador de Sá, Mem de Sá e Estácio de Sá, deixei em um jornal de lá o meu recado, achando não ser muito certo que o nosso herói comum, tendo daqui saído para de lá expulsar os intrusos holandeses, já com o nome firmado e glorioso, sendo aqui Salvador de Sá, lá fôsse Salvador Corrêa; dando, talvez, à mocidade de lá e de cá, a impressão de não se tratar de uma única e mesma pessoa.

Angola, em 1822, na verdade, tanto podia ser terra portuguêsa como brasileira, pelas razões acima citadas. Pode-se dizer que só não ficou com D. Pedro porque, se isso acontecesse, os seus problemas e atribulações seriam de tal natureza, que a sua nobre causa talvez fracassasse; mas o assunto foi de tal forma sentido, que o artigo 3º do Tratado de 1825, de reconhecimento da nossa Independência por D. João VI, aqui assinado em seu nome por Sir Charles Stuart, excluia para D. Pedro I o direito de extender, às demais províncias portuguêsas, as suas pretensões políticas. Entretanto, a verdade é que Angola é muito chegada a nós, até hoje. Só que lá os nossos mulatos, falam um português "carr'gado". No mais, o tipo geral das construções é, por herança, o que é nosso; e é lá, de tôda a África, onde o problema racial alcançou, até hoje, maior afinidade com o nosso, em suas múltiplas soluções. As publicações do nosso Patrimônio Histórico, andam lá na mão dos capacíssimos funcionários de repartição pública equivalente à nossa. O rádio que o povo ouve comumente é o nosso. As nossas músicas populares andam na bôca e no ouvido de tôda gente. A simpatia e o interêsse manifestado pelo povo por tudo quanto se refere ao Brasil, é imensa. Que falta mais? Falta u'a maior aproximação. As publicações históricas de lá e de Moçambique revelam a existência, em uma e outra província, de historiógrafos e

(Cont. na pág. 44)



Velho canhão que repousa na fortaleza de São Miguel, o imponente cenário da bravura dos nossos antepassados que ali lutaram. O serviço de conservação é perfeito

A SAÚDE DO BEBÊ

CÁLCIO E GESTAÇÃO

DR. SABOIA RIBEIRO

ASSUMEM importância cada vez maior, entre os pediatras, as repercussões sôbre o desenvolvimento e boas condições de saúde da criança em gestação, decorrentes do meu estado de nutrição da mulher durante aquêle período.

Certamente se sabe que quando a criança tem a sua evolução intra-uterina perfeitamente assistida por uma boa alimentação materna, de modo a assegurar-se, em conseqüência disso, um bom desenvolvimento até o momento do nascimento, o parto, nessas condições, é sempre melhor.

A boa ossatura do feto, mormente a da cabeça, é condição essencial à delivrance normal, e isso só lhe é assegurado com os cuidados da alimentação da gestante durante o período de desenvolvimento do feto, na qual devem ocupar um lugar destacado as vitaminas e substancias ricas em cálcio.

Existe, entretanto, a idéia erronea de que a alimentação rica em cálcio ou o uso de preparados à base de cálcio faz o feto crescer demasiado durante a gestação, acarretando assim dificuldades para o momento do parto. Nada mais falso. Em primeiro lugar, o tamanho do feto é antes uma questão de **construção** do mesmo, isto é, de condições hereditárias do mesmo, até certo ponto afinando com o tamanho dos pais ou outros ascendentes. Depois, feto pequeno não é condição sempre vantojosa da delivrance — o que é precisamente, o caso dos prematuros.

O que faz a delivrance difícil é, antes, a conformação da bacia, o modo de apresentar-se o feto em relação a esta, defeitos da evolução da gravidez.

Não há negar que fetos muito crescidos, ou melhor, desproporcionados, podem acarretar as mesmas dificuldades. Mas êsse anormal não é devido a condições de boa alimentação da gestante, suficiente ás suas próprias necessidades e do feto, senão antes a condições patológicas do mesmo, que nada têm que ver com a alimentação materna.

Um feto mal constituído, com o seu esqueleto maleável, o que pode suceder com a carência de cálcio na alimentação da gestante, êsse é que pode tomar posições defeituosas no momento do parto.

Ao contrário, possuindo um esqueleto bem formado, máxime boa conformação craneana, vencerá naturalmente as resistências encontradas, primeiro, através da bolsa dágua que o protege, mais tarde, diretamente.

Aliás não é sem graves riscos para a vida do feto que certas restrições alimentares podem ser adotadas no decurso da gestação.

Sabe-se hoje que fatais conseqüências podem advir de uma pobreza materna em vitamina k, fator que é de uma série de hemorragias, que se podem processar no momento do parto para o lado das meninges e outros vasos da extremidade cefálica da criança.

Freqüentes vêzes, então, a criança nem sobrevive, ou se cresce, exhibe defeitos congenitos que vão, desde paralisias de sede em graus variáveis, até o deficit da inteligência, muitas vêzes, não recuperáveis.

Logo se vê, por aí, quanto influi na própria mortalidade infantil a questão da alimentação carente da gestante, quer em decorrência da pobreza de meios de subsistência quer em razão de falsas idéias absolutamente improcedentes.

De fato o mau desenvolvimento fetal ensejando o parto demorado, nas situações apontadas, leva a outras conseqüências que repercutem desfavoràvelmente sôbre a vida e a saúde do nascituro.

Ninguém ignora, hoje, o papel dos traumas sôbre a criança em decorrência de partos dessa natureza.

No que se refere aos cuidados com a alimentação, deve a gestante observar que no seu cardápio figurem, entre outros, os seguintes alimentos, frutas e legumes: queijos, quiabos, rabanetes, couve, agrião, chicorea, limão, gema e clara de ôvo, mostarda, nabo, polenta, selga, vagens, espinafre, repolho, alface, nozes, feijão, farinha, arroz, batata, bertalha, lingua (ricos em cálcio); extrato de carne, cacau, chocolate, milho, vísceras (miolos, timo, fígado); aveia, leite, abacate, peixe do mar, trigo e centeio, aipo, banana, pera, chuchu, selga, feijão (ricos de fósforo); legumes verdes, azeitona, gema de ôvo crua.

Como especialmente ricos de vitaminas, consumirá: tomate, laranja, cenoura, suco de frutas e legumes em geral.

Ao contrário do que, erroneamente, pensam, o suprimento do cálcio durante a gestação é cuidado promete que sòmente a boa alimentação assegura, em condições. E essa necessidade é logo reconhecível, sabendo-se, como se sabe, que o feto forma o seu esqueleto do cálcio retirado do sangue materno, e que quando êste se mostra pobre de cálcio circulante, o feto vai retirá-lo dos ossos e dentes da gestante, com suas naturais conseqüências.

De resto, muitas modificações no seu estado nervoso corre por conta, simplesmente, dessa redução, o que só por si revela a necessidade de um suprimento de cálcio por intermédio de um cardápio variado mas rico dêsse mineral.

O BISPO NEGRO

(Conclusão do número anterior)

«Seu eu próprio o vi, montado na sua nédia mula, ir lá muito ao longe, caminho da terra de Santa Maria! (1) Na porta da sé estava pregado um pergaminho com larga escritura, que, segundo me afirmou um clérigo velho que aí chegara quando eu olhava para aquela carta, era o que êles chamam o interdito...» Isto dizia o Espadeiro, olhando para todos os lados, como quem receava que alguém o ouvisse.

«Que receias, Lourenço Viegas? Dei a Coimbra um bispo que me excomunga, porque assim o quis o papa: dar-lhe-ei outro que me absolva, porque assim o quero eu. Vem comigo à sé. Bispo D. Bernardo, quando te arrependeres da tua ousadia já será tarde».

Dali a pouco as portas da sé estavam abertas, porque o sol era nado, e o príncipe, acompanhado de Lourenço Viegas e de dois pagens, atravessava a igreja e dirigia-se à crasta, onde, ao som da campa tangida, tinha mandado ajuntar o cabido, com pena de morte para o que aí faltasse.

IV

Solene era o espetáculo que apresentava a crasta da sé de Coimbra. O sol dava, com todo o brilho de manhã puríssima, por entre os pilares que sustinham as abóbadas dos cobertos que cercavam o pátio interior. Ao longo dêsses cobertos caminhavam os cônegos com passos lentos, e as largas roupas ondeavam-lhes ao bafo suave do vento matutino. No tôpo da crasta estava o príncipe, em pé, encostado ao punho da espada, e, um pouco atrás dêle, Lourenço Viegas e os dois pagens. Os cônegos iam chegando e formavam um semi-circulo a pouca distáncia de el-rei, em cuja cervilheira de malha de ferro ferviam buliçosos os raios do sol.

Tôda a claresia da sé estava ali apinhada, e o príncipe, sem dar palavra e com os olhos fitos no chão, parecia envolto em fundo pensar. O silêncio era completo.

Por fim, Afonso Henriques ergueu o rosto carrancudo e ameaçador e disse:

«Cônegos da sé de Coimbra, sabeis a que vem aqui o infante de Portugal?»

Ninguém respondeu palavra.

«Se não sabeis, dirvo-lo-ei eu» prosseguiu o príncipe: «vem assistir à eleição do bispo de Coimbra».

«Senhor, bispo havemos. Não cabe aí nova eleição!» disse o mais velho e autorizado dos cônegos que estavam presentes e que era o **adaião**.

«Amém!» responderam os outros.

«Êsse que vós dizeis» bradou o infante, cheio de cólera «êsse jamais o será. Tirar-me quis êle o nome de filho de Deus; eu lhe tirarei o nome do seu vigário. Juro que nunca em meus dias porá D. Bernardo pés em Coimbra: nunca mais da cadeira episcopal ensinará um rebelde a fé das santas escrituras! Elegei outro: eu aprovarei vossa escolha».

« Senhor, bispo havemos. Não cabe aí nova eleição!» repetiu o adaião.

(Cont. na pág. 49)

(1) Hoje Terra da Feira, próximo do Pôrto, na estrada de Coimbra.

A INSATISFEITA

(Cont. da pág. 23)

— Tome uma semana de férias e eu lhe mostrarei os pinheirais.

Porter intervém com impaciência, quase insolentemente:

— Mary tem precisão de companhia, não de pinheiros. Acho que ela deve ir para a companhia de Constance. Leila e o general vão fazer a viagem que haviam projetado em maio e os Jeliffe, também.

— Mas há ainda mais de um mês antes de chegar maio, e ela podia passar conosco nesse interim.

Porter o olha fixamente. Alí estava um novo Roger, um Roger Poole que sabia argumentar, que insistia. E fala friamente:

— Constance deseja Mary imediatamente. Não acho que nos caiba dizer a Mary o que deve fazer para dissuadí-la. Eu e tia Isabelle poderemos levá-la até onde está a irmã.

(Cont. no próximo número)

O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL
que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.
À venda nas boas Farmácias
PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT
Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.
(Exigir a marca BISCUIT)

VINHO CHICO MINEIRO
Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA
Rua Direita, 191 — 6º andar
SÃO PAULO
Remessas pelo Reembôlso.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILISTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. — Cartas: Avenida Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa do programa.

A BELEZA DOS SEIOS
BÉL-HORMON
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

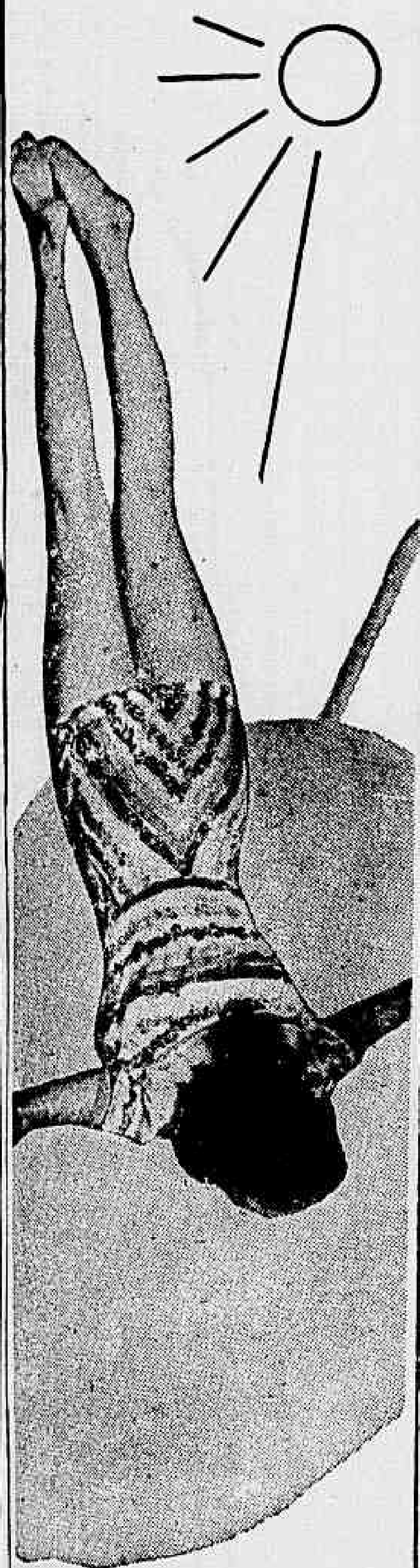


BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME .... Nº ....
RUA ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ [illegible]



exige outra:



Polvilho Antisséptico
GRANADO
DESODORANTE
CICATRIZANTE



ANIVERSÁRIO DO LUX JORNAL

Festejou no dia 1º de junho o seu 24º aniversário o LUX JORNAL, a conceituada emprêsa de recortes de jornais de que é diretor o nosso confrade Vicente Lima Lendo os principais jornais diários de todo o Brasil, o LUX JORNAL dêles recorta tudo quanto possa interessar aos seus numerosos assinantes, de acôrdo com os assuntos da escôlha de cada um. Como se vê, o trabalho executado pelo LUX é o de um secretário perfeito, capaz de fornecer um subsídio informativo de inestimável utilidade, extraído dêsse imenso campo que é a imprensa. Sempre em progresso, o LUX JORNAL, cuja sede, no Rio, é na rua Buenos Aires, 176, possui sucursais em São Paulo e Belo Horizonte e está projetando inaugurar também agências em Recife e Pôrto Alegre. Congratulamo-nos cordialmente com Vicente Lima pelo 24º aniversário do LUX JORNAL.

«Amém!» responderam os mais.

O furor de Afonso Henriques subiu de ponto com esta resistência. «Pois bem!» disse êle, com a voz prêsa na garganta, depois do olhar terrível que lançou pela assembléia e de alguns momentos de silêncio. «Pois bem! Saí daqui, gente orgulhosa e má! Saí, vos digo eu! Alguém por vós elegerá um bispo...»

Os cônegos, fazendo profundas reverências, encaminharam-se para as suas celas, ao longo das arcarias da castra.

Entre os que ali se achavam, um negro, vestido de hábitos clericais, tinha estado encostado a um dos pilares, observando aquela cena: os seus cabelos revoltos contrastavam pela alvura com a pretidão da tez. Quando o príncipe falava, êle sorria-se e meneava a cabeça, como quem aprovava o dito. Os cônegos começaram a retirar-se e o negro ia após êles. Afonso Henriques fêz-lhe um sinal com a mão. O negro voltou para

«Como hás nome?» perguntou-lhe o príncipe.

«Senhor hei nome Colleima». (1)

«E's bom clérico » (2)

«Na companhia não há dois que sejam melhores».

«Bispo serás, D. Colleima. Vai tomar teus guisamentos, que hoje me cantarás missa».

O clérigo recuou: naquela face tisnada viu-se uma contração de susto.

«Missa não vos cantarei eu, senhor», respondeu o negro com voz trêmula «que para tal auto não tenho as ordens requeridas.

«D. Colleima, repara bem no que te digo! Sou eu que te mando vás vestir as vestiduras de missa. Escolhe: ou hoje tu subirás os degraus do altar-mor da sé de Coimbra, ou a cabeça te descerá de cima dos ombros e rolará pelas lájeas dêste pavimento».

O clérico curvou a fronte.

«Kirie-eleyson... Kirie-eleyson... Kirie-eleyson!» garganteava daí a pouco D. Colleima, revestido dos hábitos episcopais, junto ao altar da capela-mor. O infante Afonso Henriques, o Espadeiro e os dois pagens, de joelhos, ouviam missa com profunda devoção.

(Cont. na pág. 52)

Respostas ao teste

—125
2—Queima de meio circulante
3—Pouco mais de 33 bilhões
4—Receber na Caixa de Amortização
5—Receberá 50%
6—650
7—353.299.890
8 –A Inglaterra
9—Ronald Ross (major-médico inglês a serviço na Índia)
10—1897
11—Três (A, B, AB)
12—Tirete (ê)
13—As aves
14—Por ter descoberto a circulação do sangue
15—Medida de cereais

À LUZ DA PSICANÁLISE

A MULHER OPERÁRIA

DR. LUIZ FRAGA

LIÊDA — Eu sinto horror à minha situação.

MÉDICO — ? !

LIÊDA — Ter que sair tôdas as manhãs, ser empurrada num ônibus, preocupar-me com o ponto e encontrar um indivíduo que se preocupa com os ponteiros que marcam o limite em que devo assinar o ponto. O doutor não acha degradante o trabalho para a mulher? Bem sei que, pior que o meu caso é o caso duma operária. Há mulheres desgraçadas e outras, sem mérito algum, na opulência... Por que estas desigualdades?

MÉDICA — De certo não me cabe responder a esta parte. Mas, não vejo no trabalho feminino um motivo de degradação ou de humilhação.

LIÊDA — Mas há mulheres desgraçadas e que necessitam trabalhar. Tais mulheres são introvertidas e deve caber ao doutor responder-me sôbre isto, não.

MÉDICO — A mulher, na desgraça, inclina-se para a introversão, como tende à extroversão na opulência. Essa oscilação tem os seus extremos na dúvida e na soberbia; isto se produz em virtude da falta de medidas controladoras suficientes.

O trabalho é, paradoxalmente, a verdadeira forma de descanço porque, funcionando como derivativo, transfere e sublima as preocupações diluindo as angústias; devolve a fé e, na magnitude de sua surprêsa, eleva a moral e retempera o espírito para as lutas.

A mulher nascida em ambiente econômicamente equilibrado, educava-se exclusivamente para o lar, isto é, para ser espôsa e mãe; a falta de casamento determinava um complexo.

A filha de família modesta tinha, no casamento, a única esperança de escapar ao parasitismo humilhante das "tias pobres". O comércio e a indústria acolheram a primeira e, mais tarde, a segunda, para o seu próprio bem e para a grandeza da Pátria.

Não se trata, porém, de procurar para elas, apenas as melhorias materiais, porque seriam uma pequena parcela dentro da ordem social.

O aparecimento da mulher na classe operária foi o primeiro passo para que a classe se impuzesse em tôdas as esferas sociais. Sim, porque o operário homem poderia conseguir, através de sua associação de classe, enormes vantagens materiais, grandes salários e maiores reivindicações.

LIÊDA — E depois?

MÉDICO — Ficaria nas fábricas sem qualquer intervenção nas instituições do Estado.

Foi a operária, a que representa a família: filha, irmã, espôsa e mãe, foi ela ou foram elas que despertaram na sociedade, sem greve e sem ameaças mas, com a honestidade de seus princípios, com o intrêsse para o trabalho — que ninguém sabe demonstrar tanto, — e a tranqüilidade dum sorriso sincero, foram elas que prestigiaram a grande classe dos trabalhadores do mundo.

COUPON

Nome ....
Pseudônimo ....
Data do nascimento ....
Est. civil .... Profissão ....
Residência ....

A correspondência dirigida a esta seção deve ser endereçada ao Dr. Luiz Fraga, rua Senador Dantas, 76, 4º andar.

Tudo isto

Filhos à 15 cruzeiros

O SERTANEJO, andrajoso, levando atrás de si um magote de meninos e meninas, com a espôsa grávida e um pequeninho escanchado à ilharga, seguia vencendo quilômetros e quilômetros a pé pela estrada ressequida. Os mais idosos ajudavam a levar as trouxas de mulambos de roupa. O dinheiro se acabara ao entrarem no Estado de Pernambuco nas alturas de Garanhuns. Êle não podia demorar muito a trabalhar. Estava com pressa de chegar ao pôrto de embarque no alto S. Francisco, por onde seguiria, rio acima, até Pirapóra, em Minas Gerais, tomando trens para São Paulo. O jeito era ir pedir auxílios a uns e a outros, competindo com cegos e aleijados. Doía-lhe o constrangimento; mas não havia outro meio de vencer a fome da família sub-nutrida e miserável. Entrando em Garanhuns, uma das maiores cidades do interior de Pernambuco, arranchou-se a um canto de rua da periféria. Não eram os únicos naquelas condições. Centenas de retirantes fizeram o mesmo e continuavam a fazer. Barba crescida, sujo de pó, lá se foi êle com três filhos mais crescidinhos para a esmola. Percorria o comércio, quando uma senhora, depois de dar-lhe alguns níqueis, perguntou se não queria deixar com ela a menina que o acompanhava. E foi fechado o negócio por 15 cruzeiros. Isso, leitor, não foi agora. Passou-se a 21 de maio de 1921. Agora, um filho custa mais.





O faquir Rayo espanta os clientes de um cabaré de Lilla: com pedaço de ferro, de 16 quilos, prêso à lingua move as tábuas mostrando "que não há truque", que pode soltar a lingua que estava perfurada, e assim dirige a estranha façanha. Rayo, que há um mês vem praticando essa façanha, espera fazê-lo ainda por cem dias. Depois desta experiência da Itália, pretende o extraordinário faquir viajar até a França, onde em Paris tenciona se exhibir a numeroso público. Para evitar a afluência do povo que levado pela curiosidade, procura se aproximar, no desejo de obter a representação de seus trabalhos, Rayo viajará num auto-ambulância.

★

Animais ferozes

TODO mundo diz que animal feroz é o leão, é o tigre, é a onça, é o jacaré, enfim qualquer bicho que não gosta muito de viver em paz com os homens e os ataca na primeira oportunidade. Animal feroz vive em florestas, em desertos, em rios desabitados por êsse mundão terrível e selvagem. Animais amigos do homem, são o cão, o cavalo, o boi, aves domésticas, e outros bichinhos camaradas, que nos ajudam na luta pela vida, nos dão ovos para nossos omeletes e transportam nossas cargas quando não há trem ou barcos. Mas se uma pessoa incluir entre os animais ferozes a abelha, logo muita gente protestará. Abelha não pode ser animal feroz. E' ela que, em suas colmeias nos oferece o mel delicioso, tão bom e ameno que é até alimento dos deuses. Isto é, foi. O mel das abelhas é hoje doméstico. Os cortiços nos sertões, nos patamares das fazendas na casa do pobre ou do rico por êsse interior afora, dão um sentido de paz e singeleza ao ambiente. Pois bem: abelha também é animal feroz. Vejam o que diz êste telegrama de Florença: "Virgílio Civeli, de 43 anos, agricultor, foi morto por uma ferroada de abelha, quando trabalhava em suas colmeias. Protegido por uma máscara e por telas de segurança, Civeli estava mudando dois enxames para novas colmeias, quando um dos insetos subiu por dentro da manga do palitó e o ferrou numa artéria. Uma hora depois morria o apicultor". Abelha é, pois, animal feroz.



O sr. Artur Reimer, expôs quatorze instrumentos musicais confeccionados por uma tribo indígena do México, na região de Ixmiquilpan. Todos os instrumentos foram trabalhados com verdadeira paciência benetitina. Têm os instrumentos seis centímetros e a caixa é embutida de madrepérolas. A apresentação dessa obra prima dos índios mexicanos tem despertado viva admiração nos meios civilizados daquela república irmã. Principalmente porque se trata de instrumentos delicados como sejam: bandolim e violino. O que mais desperta e aguça a curiosidade é a afirmação feita pelo sr. Artur Reimer, de que aquêles engenhos musicais são afinadíssimos.

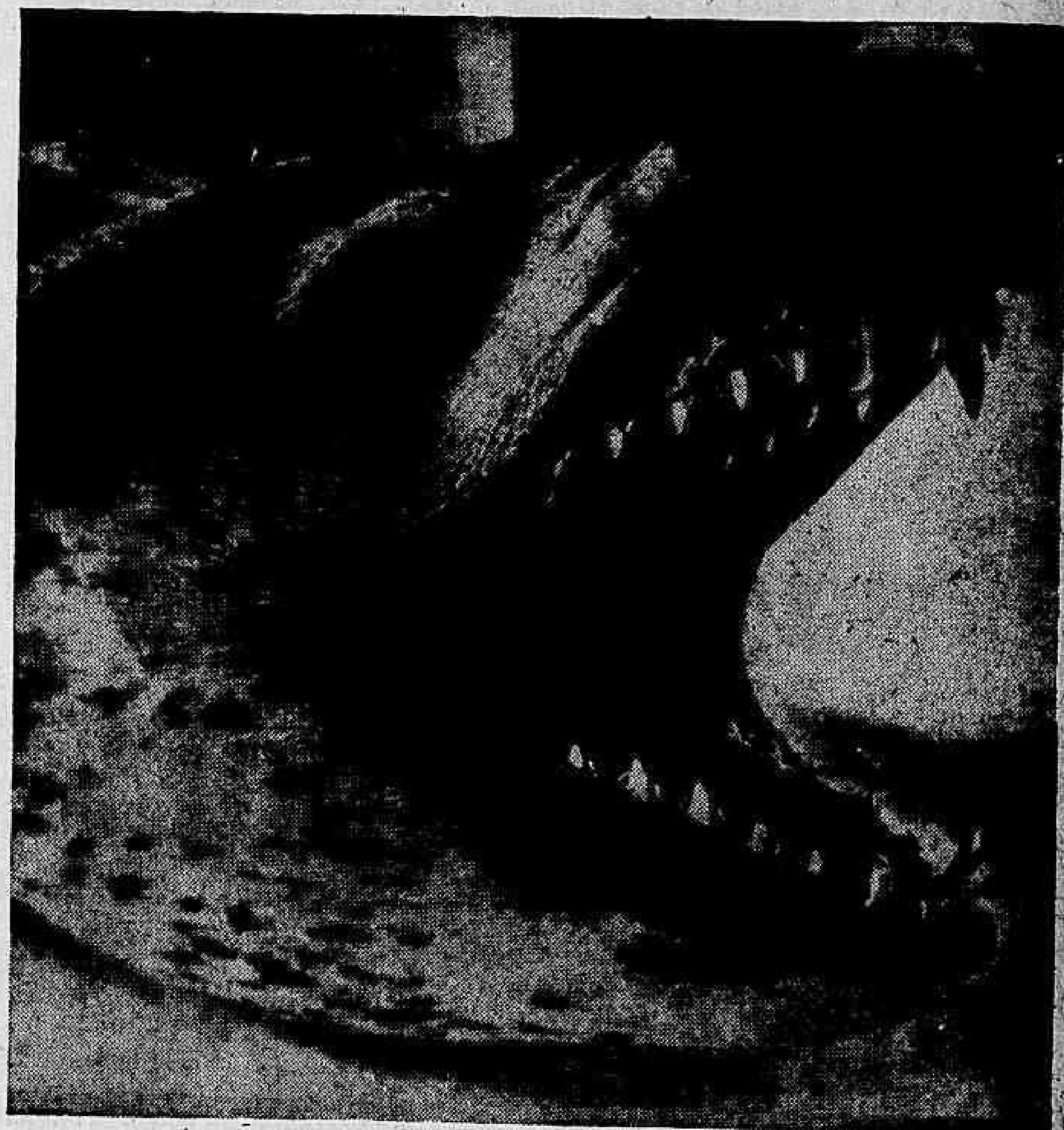


Aconteceu

Mestre na escroquerie

EM belo Horizonte sucedeu isto: De um dia para a noite (ou da noite para o dia, o que vem a dar no mesmo), apareceu ocupando luxuosa residência no apulento e granfiníssimo bairro de Lourdes, um cidadão casado, com filhos, de nome Marco Antonio da Silva. Aparentando possuir fortuna, dinheiro em bancos e educação esmerada, fêz excelentes relações, tendo o mesmo proposto ao Governador do Estado a compra de um dos palácios de propriedade do Govêrno Mineiro. Fêz compras avultadas em variados estabelecimentos bancários. Desde a relojoaria, à farmácia. Do armarinho ao açougue, da confeitaria ao armazém, do médico ao enfermeiro. Passava cheques e mais cheques. Os primeiros foram descontados; mas, os últimos, os mais vultosos, não tinham fundos. Mas quando a coisa estava para estourar, e que os prejudicados foram tomar as providências necessárias, já o grande Marco Antonio tinha dado o fora da cidade com tôda a família. Só? Nada! Com êle conduziu o que o palacete alugado continha de móveis e utensílios, inclusive geladeiras excelentes, relógios, móveis modernos e de luxo, rádios, vitrolas, enceradeiras, cristais, só deixando o imóvel porque era muito pesado, não cabia nos caminhões nem nos carros da Estrada de Ferro Central do Brasil. E sumiu o homem importante. Mas tenham cuidado os belorizontinos. E' capaz de voltar para levar a casa de Lourdes...





Inimigo número um dos pinguns, o "leopardo dos mares", é uma foca de maxilares rígidos e de molares em forma de tridente, recurvados para dentro como os dentes do peixe-cão. A sua voracidade e o seu pêlo cheio de manchas deram-lhe o nome acima mencionado. De dimenções superiores às das outras focas antárticas, o "leopardo dos mares" tem um pescoço comprido, que termina com uma cabeça triangular de grande tamanho. Sua prêsa preferida é o pinguim. Também o "leopardo dos mares" tem um adversário perigoso: uma baleia de seis metros que os marinheiros inglêses batisaram com o nome de "killerwhale"; isto é, a baleia que mata.

★

Assombrações aéreas

DIZ um telegrama procedente de Seattle, nos Estados Unidos, datado de 11 de maio para a imprensa do Rio: "Um projétil não identificado, que produzia o barulho de um trem carregado de mercadorias, cruzou os céus desta cidade e explodiu a setecentos metros de altura, hoje de madrugada. O Comando da Defesa Aérea iniciou investigações imediatamente sôbre o estranho fenômeno, que causou verdadeira sensação aqui. A explosão banhou esta cidade de 500 mil habitantes, com uma luz azulada fantástica e fez muitas pessoas que estavam dormindo cair de seu leito. O fato ocorreu à 1,30 da madrugada. A explosão foi visível a quase cem quilômetros de distância e ocorreu a setecentos metros de autura. Milhares de pessoas foram despertadas; porém não há notícia de prejuízos materiais". Estamos na época dos fantasmas alados. De quando em quando registram os telegramas e as notícias de rádio, o aparecimento de corpos estranhos que singram os ares como barcos esquisitos e exóticos de lugares incertos para outros ainda mais ignotos. Pires voadores, charutos lá das nuvens, pratos, discos, o diabo em forma de coisas que rompem os espaços siderais em velocidades ultra-sônicas alarmam os povos dêste pobre planetinha a caminho da senilidade. E agora essa brincadeira de soltarem as crianças de Marte, umas bombinhas de S. João lá de cima, para fazer mêdo à gente...







TRANSPIROL

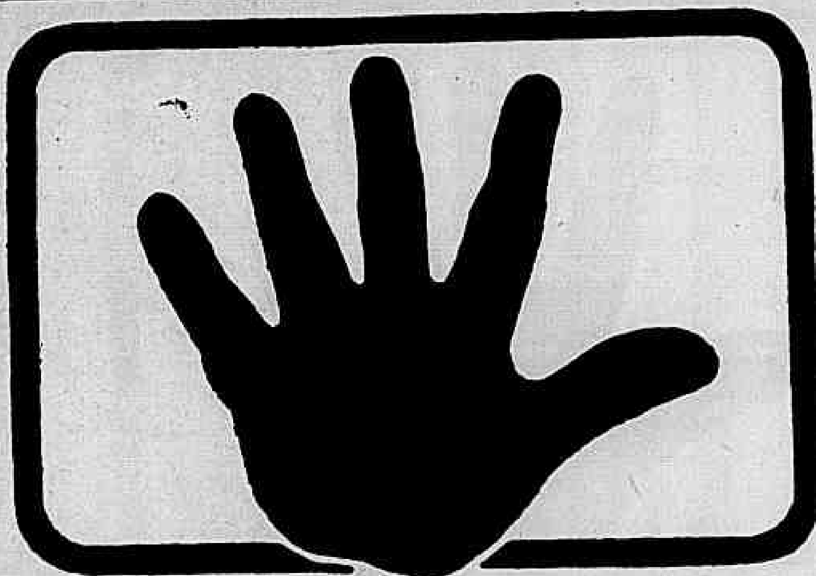
FUME

MANTENHA, PORÉM, SEUS DENTES LIVRES DAS ANTI-ESTÉTICAS MANCHAS DE NICOTINA

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. Nicotan, creme dental especial para fumantes, apresentado em dois tipos: branco e vermelho.

NICOTAN





PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

CIDADE PEQUENA

(Cont. da pág. 35)

o bicho na panela, iaiá? Tá aqui dando sopa.

Mas, breve, o Janjão chegou — sem a mulher, é claro — e carregou o robalo após ouvir umas reprimendas do casal e da inconsolável d. Rita.

Não ficou só nisso, porém. D. Rita contou à criada da vizinha que logo a passou adiante. A própria d. Lícia foi para o telefone a fim de divertir as amigas.

À noite, em diversos pontos da cidade, só se falava no caso. Mas, como quem conta um conto aumenta um ponto, era assim que se comentava:

— Sim senhora; o dr. José encomendou o peixe e combinou com o chofer para levá-lo a um certo endereço... Mas, o Janjão enganou-se, coitado, e entornou o caldo. Coitada da Lícia! Quem diria! Dois pombinhos!...

No dia seguinte, Lícia pegou "no ar" qualquer coisa e surgiu a suspeita:

— José, você quis iludir-me com o caso do robalo. Tôda Campos já sabe que você o presenteou a alguém. A farsa não foi do Janjão, foi sua. Ah! Como sou infeliz!

E a cena foi feia. Em vão procurou o médico esclarecer-lhe a verdade. Estava envenenadíssima. O pobre, atormentado, quase não pôde trabalhar no consultório e acabou ficando com terrível dôr de cabeça. Apenas em casa e, ainda por cima aquela maldita enxaqueca! Era de descontrolar os nervos. Alguns doentes [illegible] mal... Não. Tinha que dar um jeito. Foi então que resolveu — coitado! — tomar um veramon... À [illegible], pediu-lhe a espôsa que a apanhasse na manicure. Mas, como desgraça pouca é bobagem, o rôsto do doutor parecia que tinha saído de um formigueiro. Mal a madame entrou no automóvel foi exclamando:

— Gato escondido com rabo de fora! E esta urticária, José? Você não só deu o robalo de presente como também comeu dêle!? Já sei. Foi o parto que "você fêz" ontem à hora da ceia... Maldito! Aquêle chamado, então, foi para a peixada! Como sou infeliz! Inda perdi meu cineminha. Que desgraça, meu Deus!...

Estava fechado o tempo.

Mas infeliz, porém, era o pobre dr. José que estava pagando o pato (naquele caso, o peixe) sem proveito algum. Até o veramon ficara contra êle. Que urticária medonha!

Mas, a história continuou. O médico não estava em condições de aguentar a tempestade verbal da espôsa e preferiu sair, de rôsto inchado mesmo. Daria uns giros pelos cafés, no centro, onde encontraria alguns amigos que o distanciariam dos maus momentos em casa.

Pois sim!...

No "Império", avistando um colega, sentou-se ao lado dêle, como quem busca um oásis. Foi só sentar.

— Então, José, andas às voltas com peixadas e peixões e nem convidas a gente? E eu que te supunha tão família! Que tens? O rôsto... Apanhaste?

— Por favor, cala-te, Barreto.

Aquilo era demais. E o dr. José saiu furioso. Adiante, ouviu um diálogo interessante:

— Sabe, Néco, o Zé Ferreira está metido numa encrenca dos diabos. E sabe a causa? Um peixão...

— Jura? Aquêle comerciante da rua Sete? Não diga, Paulo. Conte lá isso.

— Eu ouvi, por altos, no barbeiro. O camarada falava baixo, mas consegui ouvir isso, ou mais ou menos isso...

O médico não quis ouvir mais. Saiu zonzo. Defronte ao cinema, um rapaz comentava:

— Qual nada! Esta história do peixe está mal contada. Aposto que a farsante foi a Lili, a mulher dêle... Conheço o Madeira, êle seria incapaz. Porém, aquela mulher, macacos me mordam se... (o resto o leitor que imagine).

O dr. José, àquela altura, já estava para enlouquecer. Em todo caso, resolveu procurar o Janjão, em casa dêle mesmo e, de dentro do carro gritou-lhe:

— Diga-me cá: Você é Janjão mesmo?

— Seu criado, dôtô.

—E eu? Será que sou mesmo o dr. José Pereira, médico? Tem certeza de que não me chamo Zé Ferreira, comerciante na rua Sete; nem Madeira, nem minha mulher se chama Lili? Tem certeza Janjão?

— Tenho, dôtô. Cruz, Credo, desconjuro, gente!

— E tem certeza de que quem comprou aquêle robalo foi você, Janjão, e para a sua pequena jambinho lá de Guarús?

Mas o Janjão que vira o rostinho curioso de sua mulher emergir da escuridão da sala com ar de quem ouvira as últimas palavras; o Janjão, macaco velho, respondeu prontamente:

— Não. Lá isso não, dôtô, sinto muito mas tá difícil. Tá fora de tempo...

O médico, acelerando seu Mercury preto, zarpou tontinho... tontinho...

Enquanto isso, o Janjão, carinha de anjo inocente, explicava, calmamente, à sua feliz espôsa:

— O dr. José conta sempre comigo. O robalo eu aranjei; mas, agora, quer uns jambinhos lá de Guarús, da chácara de Sinhá Pequena — naturalmente para d. Lícia fazer dôces. Porém, jambo agora, só temporão. Tá difícil, só!...

Lá para meia noite, na Avenida 15 de Novembro (Beira Rio), perto do obelisco, achava-se estacionado um Mercury pretinho. No céu, uma lua tão branca e fria que era um calmante! E que nordeste maravilhoso!

Alguém falava sòzinho:

— Janjão não comprou robalo. Será que eu comprei?! Sou dr. José Pereira, médico, ou sou o Ferreira, ou sou o Madeira? Se o José é o Pereira, o Ferreira deve ser o Janjão; nêsse caso, a Lícia é a minha urticária e a Lili — ah! — a Lili deve ser o peixão! E eu que quase fui parar lá no "hotel" Henrique Roxo!... E tu, minha dôce Campos? Sim tu, terrinha do açúcar! Tu, cidade pequena — cidade veneno!!!

Lá longe um galo solitário deixou escapar uma tristonha saudação à lua: Có-có-ró-có... De onde? De dentro do Rio? Da Praça? Ora! E' semper assim: Ouve-se o galo cantar, mas nunca se sabe, ao certo, onde!...

E, dentro do Mercury pretinho estrugiu formidável gargalhada...

LOURDES B. C. JÓDICE

O BISPO NEGRO

(Cont. da pág. 49)

(1) E' notável coincidência a seguinte: em 1088 um presbítero por nome Zoleima, fêz uma doação à sé de Coimbra. Desta doação se lembra Fr. Antônio Brandão, M.L., P. 5ª, L. 8º, Cap. 5º, pág. 13, col. 2ª, in fine.

(2) Clérigo naquela época não significava só o eclesiástico revestido do sacerdócio, mas sim qualquer indivíduo empregado no serviço do culto. Daí a frequente menção nos documentos de clérigos casados.

(Cont. na pág. 50)

ESTE MUNDO E O OUTRO

E ESTA VOCÊ CONHECIA ?
VIAGEM A CRUZEIRO

Criação de DARCY

1
ERA UMA VEZ UM CARIOCA. TINHA UM SONO PESADISSISSIMO! CERTO DIA PRECISOU IR URGENTEMENTE A CRUZEIRO. TOMOU O NOTURNO E...

2
SEU GUARDA, FAÇA O FAVOR!! OLHA AQUI EU PRECISO DESEMBARCAR EM CRUZEIRO...
EU O ACORDO ANTES, PATRÃOZINHO..

3
MAS ACONTECE QUE QUANDO EU DURMO, NEM TIRO DE CANHÃO ME ACORDA!.. E EU PRECISO CHEGAR HOJE EM CRUZEIRO!

4
PODE DORMIR SOSSEGADO PATRÃO, EU LHE JOGO AGUA FRIA... SE O SENHOR NÃO ACORDAR!..

5
ISTO NÃO ADIANTA! EU ÁS VEZES LEVANTO DORMINDO, INVENTO UMAS DESCULPAS SÓ PARA CONTINUAR NA CAMA...

6
UÉ, SE O PATRÃOZINHO DER ORDEM, EU LHE DESEMBARCO EM CRUZEIRO... ATÉ DORMINDO MESMO!!!

7
PERFEITO! MESMO QUE EU PROTESTE, VOCÊ SE LEMBRARÁ QUE EU PRECISO DESEMBARCAR EM CRUZEIRO, TÁ BEM?

8
E DORMIU PROFUNDAMENTE APEZAR DOS SOLAVANCOS DA CENTRAL...
QUANDO ACORDOU...

9
OLHA A GACETA! O ESTADO! CORREIO...
EPA! ISTO ESTÁ PARECENDO QUE É S. PAULO!

10
E É MESMO! LÁ SE FOI O MEU NEGOCIO EM CRUZEIRO! O DESCARADO DO GUARDA SE ESQUECEU DE ME ACORDAR!!!

11
LÁ ESTÁ ELE! E VAI ME OUVIR, O BANDIDO!

12
SEM ESCRUPULOS! SEU ISTO, SEU AQUILO! SE ESQUECEU DE ME ACORDAR EM CRUZEIRO E AINDA ME PAPOU OS COBRES!!!

13
UÉ BAIANO, VOCÊ AGUENTOU CALADO TUDO ISTO? TOU LHE ESTRANHANDO...

14
É! MAS ISTO AINDA NÃO É NADA...

15
EU SÓ QUERO VER O QUE ME VAI DIZER... O PASSAGEIRO QUE EU DESEMBARQUEI À FORÇA EM CRUZEIRO...

CERTAME FOTOGRÁFICO

A REVISTA DA SEMANA quer interessar os seus leitores fotógrafos em reportagens e, desta forma, se propõe selecionar, nas condições indicadas, alguns entre os melhores trabalhos que lhe foram enviados. A seleção será feita por uma comissão de cinco pessoas idôneas e os trabalhos aprovados serão publicados e remunerados como colaborações de qualidade excepcional.

Os pretendentes a tal gênero de colaboração só têm que observar escrupulosamente as condições do regulamento que damos a seguir, escolher seus assuntos e fazer funcionar suas máquinas. O resto ficará a cargo da comissão julgadora do mérito dos trabalhos apresentados.

1. Qualquer leitor do Brasil ou do estrangeiro, profissional ou amador, pode participar desta competição, desde que observe o Regulamento e remeta seus trabalhos dentro do prazo de noventa dias, a começar em 26 de abril de 1952. Nos trabalhos expedidos por via postal se tomará em consideração, para efeito do prazo, a data do carimbo da repartição postal expedidora.

2. A remuneração aos trabalhos classificados pela Comissão Julgadora será de duas naturezas: a) remunerações-prêmio para reportagens fotográficas e b) remunerações para fotografias isoladas.

3. Considera-se reportagem fotográfica a série ou seqüência de fotos, relacionadas com um mesmo assunto que, acompanhadas de legendas breves, contem por si sós uma história. Por exemplo: a história de um embarque no pôrto, com a seqüência das cenas de despedida no cais; do viajante na amurada do convés; dos lenços acenados pelos que ficam; do navio que se afasta; atitudes interessantes dos que vão e dos que ficam, etc.

4. Considera-se fotografia isolada tôda aquela que satisfizer as exigências de técnica fotográfica e apresentar interêsse jornalístico, realizando, sob êsses dois ângulos mencionados, uma unidade completa.

5. As remunerações para as melhores reportagens fotográficas são: 1ª classificada — Cr$ 10.000,00; 2ª classificada — Cr$ 5.000,00; 3ª classificada — Cr$ 3.000,00; 4ª classificada — Cr$ 2.000,00.

6. As remunerações para as melhores fotos isoladas serão: duas de mil cruzeiros cada, para as primeiras classificações; e quatro no valor de quinhentos cruzeiros, para as classificações seguintes.

7. As fotografias enviadas pelos pretendentes à colaboração estabelecida neste Regulamento não serão devolvidas e as classificadas, não premiadas, poderão em qualquer tempo ser publicadas, ficando o autor com direito à remuneração habitualmente paga pelos trabalhos de rotina.

8. Os nomes que compõem a Comissão Julgadora serão revelados juntamente com os resultados do Certame, em seguida ao julgamento.

9. O envio de trabalhos deve ser feito com observância das especificações seguintes: a) o pretendente remeterá conjuntamente negativos e cópias; b) as cópias devem ser esmaltadas e tiradas no tamanho 13x18; c) cada cópia deve ser acompanhada de legenda explicativa, com a extensão exigida pelo assunto que se explica.

10. O material deve ser metido em sobrecarta, com pseudônimo do candidato. Dentro da mesma sobrecarta deve ser incluído um envelope menor, fechado, sôbre o qual se escreverá o pseudônimo e dentro do qual se darão as indicações seguintes: nome, nacionalidade, idade e domicílio.

11. No julgamento serão considerados tanto os elementos técnicos (luz, foco, composição, etc.) como os jornalísticos: movimento, ação, singularidade, curiosidade, oportunidade, ineditismo do assunto, etc.

12. Qualquer omissão dêste Regulamento será suprida pela própria Comissão Julgadora, que fará constar o fato, e sua explicação, no laudo final do julgamento.

13. Os pretendentes devem enviar seus trabalhos para: "REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Certame Fotográfico". Convém escrever no envelope, com clareza, em lugar visível, o seguinte: — "Pede-se não dobrar".

O BISPO NEGRO

(Cont. da pág. 52)

V

Era noite. Em uma das salas mouriscas dos nobres paços de Coimbra havia grande sarau. Donas e donzelas, assentadas ao redor do aposento, ouviam os trovadores repetindo ao som da viola e em tom monótono suas magoadas endechas, ou folgavam e riam com os arremedilhos satíricos dos truões e farsistas. Os cavaleiros, em pé, ou falavam de aventuras amorosas, de justas e de bofordos, ou de fossados e lides por terras de mouros fronteiros. Para um dos lados, porém, entre um labirinto de colunas, que dava saída para uma galeria exterior, quatro personagens pareciam entretidas em negócio mais grave do que os prazeres de noites de folguedo o permitiam. Eram estas personagens Afonso Henriques, Gonçalo Mendes da Maia, Lourenço Viegas e Gonçalo de Sousa, o Bom. Os gestos dos quatro cavaleiros davam mostras de que êles estavam vivamente agitados.

«E' o que afirma, senhor, o mensageiro» dizia Gonçalo de Sousa «que me enviou o abade do mosteiro de Tibães, onde o cardial dormiu uma noite para não entrar em Braga. Dizem que o papa o envia a vós, porque vos supõe herege. Em tôdas as partes por onde o legado passou, em França e em Espanha, vinham a lhe beijar a mão reis, príncipes e senhores: a eleição de D. Colleima não pode, por certo, ir avante...»

«Irá. Irá», respondeu o príncipe em voz tão alta que as palavras reboaram pelas abóbadas do vasto aposento. «Que o legado tenha tento em si! Não sei eu se haveria aí cardial ou apostólico (1) que me estendesse a mão para eu lha beijar que pelo cotovêlo lha não cortasse fora a minha boa espada. Que me importam a mim vilezas dos outros reis e senhores? Vilezas não as farei eu!»

Isto foi o que se ouviu daquela conversação: os três cavaleiros falaram com o príncipe ainda por muito tempo; mas em voz tão baixa que ninguém percebeu mais nada.

VI

Dois dias depois, o legado do papa chegava a Coimbra: mas o bom cardial tremia em cima da sua nédia mula, como se maleitas o houvessem tomado. As palavras do infante tinham sido ouvidas por muitos, e alguém as havia repetido ao legado.

Todavia, apenas passou a porta da cidade, revestindo-se de ânimo, encaminhou-se direito ao alcácer real.

O príncipe saiu a recebê-lo acompanhado de senhores e cavaleiros. Com modos corteses, guiou-o à sala do seu conselho, e aí se passou o que ora ouvireis contar.

O infante estava assentado em uma cadeira de espaldas: diante dêle o legado, em um assento raso, pôsto em cima de um estrado mais elevado: os senhores e cavaleiros cercavam o filho do conde D. Henrique.

«Dom cardial», começou o príncipe, «que viestes vós fazer a minha terra? Pôsto que de Roma só mal me tenha vindo, creio me trazeis agora algum ouro, que de seus grandes haveres me manda o senhor papa para estas hostes que faço e com que guerreio, noite e dia, os infiéis da fronteira. Se isto trazeis, aceitar-o-lo-ei: depois desembaraçadamente podeis seguir vossa viagem».

No ânimo do legado a cólera sobrepujou o temor, quando ouviu as palavras do príncipe, que eram de amargo escárnio.

«Não a trazer-vos riquezas», atalhou êle, «mas a ensinar-vos a fé vim eu: que dela parece vos esquecestes, tratando violentamente o bispo D. Bernardo e pondo em seu lugar um bispo sagrado com vossas manoplas, vitoriado só por vós com palavras blasfemas e malditas...»

«Calai-vos, dom cardial», gritou Afonse Henriques, «que mentis pela gorja! Ensinar-me a fé?! Tão bem em Portugal como em Roma sabemos que Cristo nasceu da Virgem: tão certo, como vós outros romãos, cremos na santa Trindade. Se a outra coisa vindes, amanhã vos ouvirei: hoje ir-vos podeis a vossa pousada».

E ergueu-se: os olhos chamejavam-lhe de furor. Tôda a ousadia do legado desapareceu como fumo: e, sem atinar com resposta, saiu do alcácer.

VII

O galo tinha cantado três vêzes; pelo arrebol da manhã, o cardial partia aforradamente de Coimbra, cujos habitantes dormiam ainda repousadamente.

O príncipe foi um dos que despertaram mais cedo. Os sinos harmoniosos da sé costumavam acordá-lo tocando ave-marias: mas naquele dia ficaram mudos: e, quando êle se ergueu, havia mais de uma hora que o sol subia para o alto dos céus, da banda do oriente.

«Misericórdia, misericórdia!» gritavam devotamente homens e mulheres à porta do alcácer, com alarido infernal. O príncipe ouviu aquêle ruído.

«Que vozes são estas que soam»? perguntou êle a um pagem.

«Senhor, o cardial excomungou esta noite a cidade e partiu: as igrejas estão fechadas: os sinos já não há quem os toque: os clérigos fecham-se em suas pousadas. A maldição do santo padre de Roma caiu sôbre nossas cabeças».

Outra voz soou à porta do alcácer: «Misericórdia, misericórdia!»

«Que enfreiem e selem o meu cavalo de batalha. Pagem, que enfreiem e selem o meu melhor corredor!»

Isso dizia o príncipe encaminhando-se para a sala de armas. Aí envergou à pressa um saio de malha e pegou em um montante que dois portuguêses dos de hoje apenas valeriam a alevantar do chão. O pagem tinha saído, e, dali a pouco, o melhor cavalo de batalha que havia em Coimbra tropeava e rinchava à porta do alcácer.

VIII

Um clérigo velho, montado em uma alentada mula branca, vindo de Coimbra seguia o caminho da Vimieira e, de instante a instante, espicaçava os ilhais da cavalgadura com seus acicates de prata. Em outras duas mulas iam ao lado dêle dois mancebos com caras e meneios de beatos, vestidos de opas e tonsurados, mostrando em seu porte e idade que aprendiam ainda as pueris ou ouviam as gramaticais. (1) Eram o cardial, que se ia a Roma, e dois sobrinhos seus, que o haviam acompanhado.

Entretanto, o príncipe partira de Coimbra sòzinho. Quando pela manhã Gonçalo de Sousa e Lourenço Viegas o procuraram em seus paços, souberam que era partido após o legado. Temendo o caráter violento de Afonso Henriques, os dois cavaleiros seguiram-lhe a pista à rédea sôlta, e iam já muito longe quando viram o pó que êle alevantava, correndo ao longo da estrada, e o cintilar do sol, batendo-lhe de chapa na cervilheira, semelhante ao dorso de um crocodilo.

Os dois fidalgos esporearam com mais fôrça os ginetes, e breve alcançaram o infante.

«Senhor, senhor, aonde ides sem vossos leais cavaleiros, tão cedo e açodadamente?»

«Vou pedir ao legado do papa que se amerceie de mim...»

A estas palavras, os cavaleiros transpunham uma assomada que encobria o caminho: pela encosta abaixo ia o cardial com os dois mancebos das opas e cabelos tonsurados.

«Oh!...» disse o príncipe. Esta única interjeição lhe fugiu da bôca; mas que discurso houvera aí que a igualasse? Era o rugido de prazer do tigre, no momento em que salta do fojo sôbre a prêsa descuidada.

«Memento mei, Domine, secundam magnam misericordiam tuam!» rezou o cardial em voz baixa e trêmula, quando, ouvindo o tropear dos cavalos, voltou os olhos e conheceu Afonso Henriques.

Em um instante êste o havia alcançado. Ao perpassar por êle, travou-lhe do cabeção do vestido e, de relance, ergueu o montante: felizmente os dois cavaleiros arrancaram as espadas e cruzaram-nas debaixo do golpe, que já descia sôbre a cabeça do legado. Os três ferros feriram fogo: mas a pancada deu em vão, aliás o crânio do pobre clérigo teria ido fazer mais de quatro redemoinhos nos ares.

(1) Papa.

(1) Estudos menores ou preparativos. Assim parece se chamavam na idade-média Daria lerat ich puerilia, diz Hans Sachs no seu Lebensbeschreibung, e o bispo do Pôrto, D. Pedro Afonso, afirma de seu predecessor, D. João Gomes erat bonus homo, et sine aliqua malitia, sed jura aliqua non audiverat, imsò nec grammaticalia, quod est plus.

(Cont. na pág. 44)



André Cayatte, cuja audácia em "Direito de Matar" e "Todos Somos Assassinos" lhe valeu justa fama universal.

NO FESTIVAL DE CANNES

Por DANILO RAMIREZ

(Especial para REVISTA DA SEMANA)



O ator Moujoudji e sua espôsa, em Cannes, levam à passeio o macaquinho "mascote". Na outra foto, uma cena de "Todos somos assassinos", filme de fundo educativo.



"Todos somos assassinos" empolga os que vão assistir ao seu desenrolar, em face do tema eminentemente social e educativo de que se reveste, obra-prima do cinema francês

UM dos mais belos filmes do Festival de Cannes pela sua fôrça educativa e alertadora. A história de uma geração dominada pela sêde de ouro e destruída moralmente pelos resultados da guerra. Filme com os característicos de André Cayatte, o diretor de "Direito de Matar", que tanto sucesso artístico fêz no Rio. Um filme que mereceu da crítica especializada os maiores elogios no Brasil.

OUVINDO O DIRETOR

Disse-nos Cayatte:

— "Todos nós somos assassinos" faz parte de uma trilogia. Os dois últimos episódios já foram rodados: êles foram "Direito de Matar" e "Agora Todos Nós Somos Assasinos". O primeiro episódio ainda não foi realizado, pois êle depende dos resultados artísticos e da repercussão dos que já apresentei ao público.

Os meus filmes tentam dizer do horror da pena de morte e da injustiça humana. O meu trabalho, como diretor e produtor, deve ser encarado como um estudo sôbre a justiça falha dos homens que se julgam superiores a tudo e a todos. Esta forma de defesa social não é sòmente cruel, mas também ineficaz. E' preciso fazer uma justiça honesta e preventiva.

O FILME

A história cresce quando o jovem é prêso e recolhido a uma célula em companhia de três infelizes condenados a morte. Depois de haverem metralhado inconscientemente algumas pessoas e matado os amigos quando embriagado, René (Mouloudji, um jovem ator que Cayatte apresenta com segurança) é levado para a célula onde esperará a morte. Mas um advogado surge e tenta arrancá-lo do horror da condenação. Dentro das grades, êle vê os dias correr, e espera a hora da morte. Mas o terrível é quando os guardas entram na sua célula e agarram de imprevisto aquêle que deve morrer naquele dia. O infeliz é arrastado aos trambolhões pelos corredores. O cenário do filme é de Charles Spaak, o mesmo escritor dos diálogos de "Direito de Matar". Filme de excepcional valor para juristas e entusiastas de questões de direito.

No festival de Cannes

Dois centavos de esperança

O VIGOR DA MODERNA ARTE DO CINEMA ITALIANO









Êstes são os protagonistas do filme italiano "Dois centavos de Esperança" (Due soldidi speranza), dirigido por Renato Castellani e rodado em Roma. Cinema de ação e movimentos extraídos da mais viva realidade, têm sabido os artistas e diretores italianos dar uma forma nova à Sétima Arte, sem excessos de convencionalismos ,tudo dentro da vida.

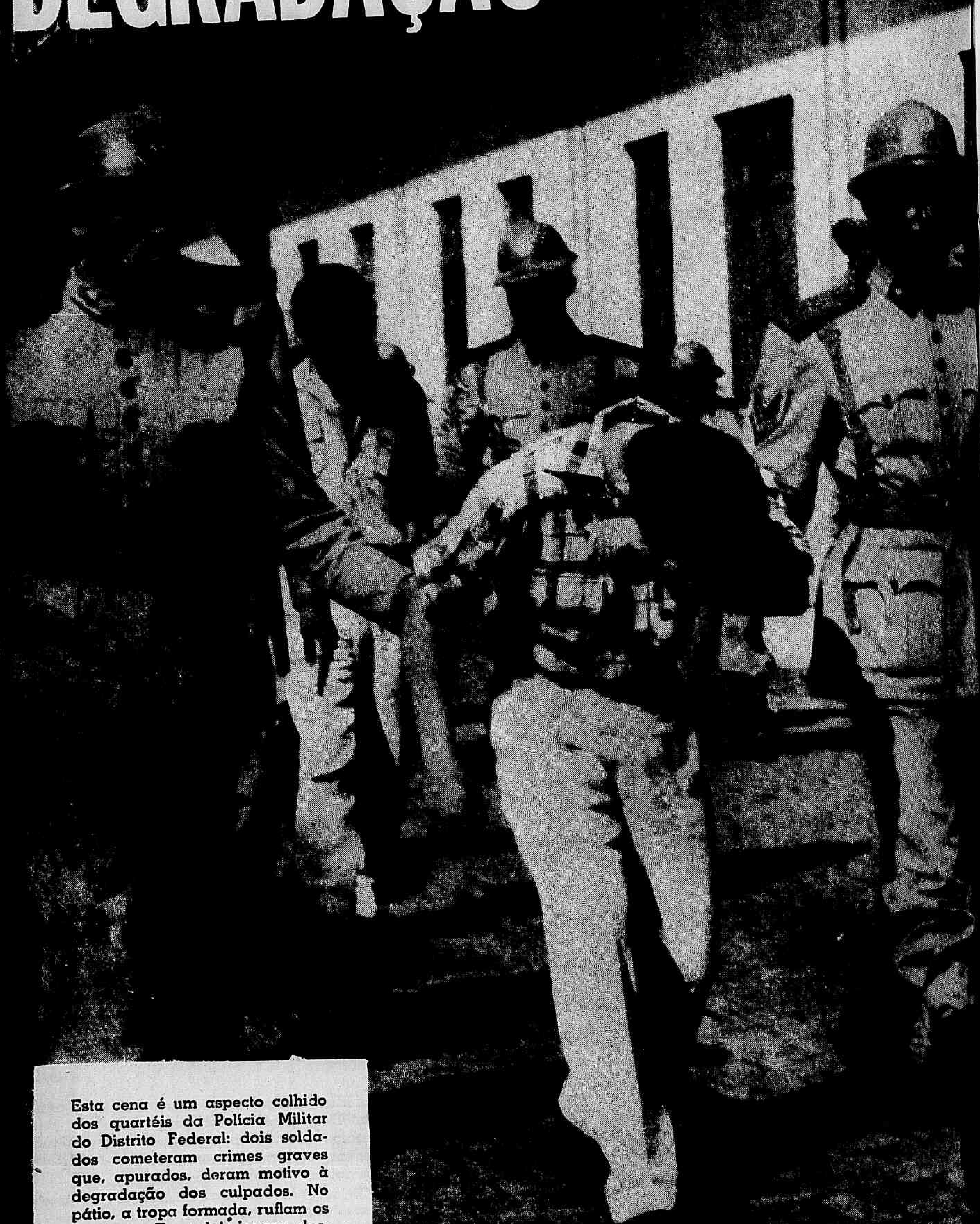
O filme que venceu no Festival de Cannes por todos os motivos, mas que o júri teve medo de dar sòmente para êle a palma da vitória final. Outro filme que também poderia haver concorrido com **DUE SOLDI DI SPERANZA** era o do Cayatte: "Nous sommes tous des assassins", mas assim não quiz a magestade dos jurados... A história dêsse impressionante filme é simples e humana. Foi escrita com o coração, a alma e a inteligencia. Com o seu quepe de soldado. Antônio regressa de licença para sua casa. Torna à sua cidade natal com a alma em festa, e um sorriso nos lábios. Os dias de serviço como militar fizeram dêle um homem em todos os sentidos. Passou para sempre a leviana alegria da mocidade. Mas ao descer da gare na sua terra, êle se depara com a dura realidade: é agora o chefe de uma numerosa família.

Suas cinco irmãs são ainda muito pequenas para trabalhar na ... E tão pouco para Antônio surge a possibilidade de trabalhar em algum serviço. Porém no meio das mais terríveis dificuldades, uma jovem se enamora dêle. Na luta contra o amor que rebenta em seu coração, Antônio aceita trabalhar em qualquer serviço: é sacristão, é lutador, é doador de sangue, é de tudo, um pouco. O dinheiro não vem, e êle pensa que precisa também ter o seu lar, a sua família, a sua gente.

O pai de Carmela julgando que Antônio quer um casamento como arrimo de vida nega-lhe a mão da filha. Antônio protesta, e, no auge do seu entusiasmo arranca Carmela da casa do pai, e leva-a nua pela estrada. Nada êle queria daquele que lhe negava o direito de ter um pouco de felicidade pessoal.

"Basta-me Carmela, fique com as roupas..." Antônio e Carmela caminham pela estrada. Esperam ser felizes também... Bastam dois centavos de esperança dentro do coração. A direção é de Renato Castellani para os estúdios da "Universalcine" de Roma.

DEGRADAÇÃO



Esta cena é um aspecto colhido dos quartéis da Polícia Militar do Distrito Federal: dois soldados cometeram crimes graves que, apurados, deram motivo à degradação dos culpados. No pátio, a tropa formada, ruflam os tambores. E, os dois jovens, despojados do uniforme militar, foram entregues à Justiça Civil.

MÓVEIS e DECORAÇÕES



Projeto e execução da CASA NUNES para Mme. Paixão — R. Senador Vergueiro 154 — Rio

TAPETES FEITOS À MÃO

TAPETES E PASSADEIRAS DE FORRAÇÃO

em côres lisas e com flores

GRUPOS ESTOFADOS

especialidade de nossas oficinas



65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

sua recompensa... e nosso orgulho!

Tenis... amigos que se reunem em amável competição esportiva... elegante pretexto para apreciar as coisas boas da vida, como Hollywood - o cigarro tradicional da sociedade brasileira...



cigarros **Hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ